

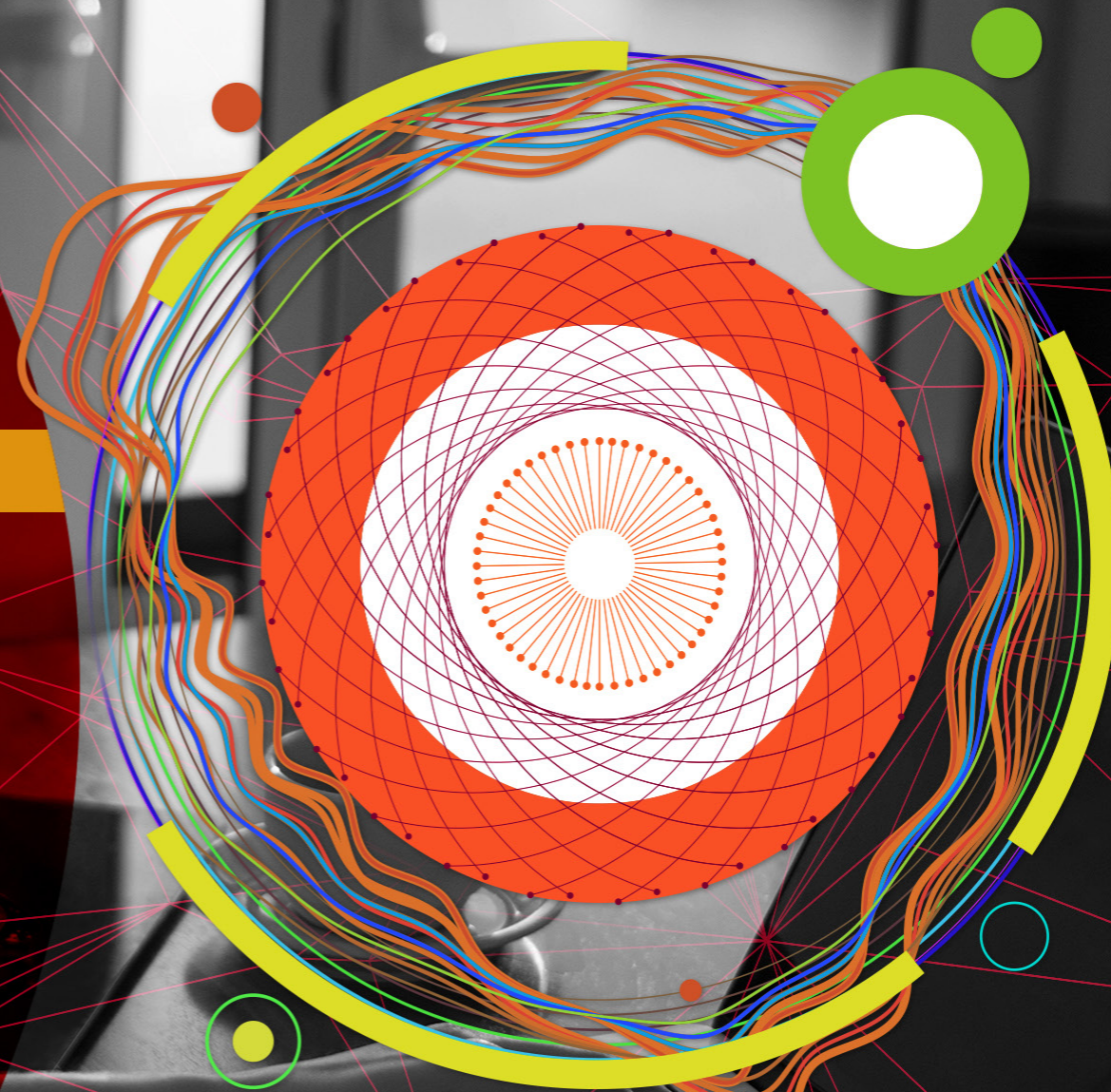
Livro digital

Produção de Textos Científicos

Ilane Ferreira Cavalcante

*Especialização em Práticas Assertivas em
Didática e Gestão da Educação Profissional
Integrada à Educação de Jovens e Adultos*

PROEJA
Pós-Graduação *Lato Sensu*
em Educação a Distância



Produção de textos científicos

Ilane Ferreira Cavalcante

Presidente da República
Jair Messias Bolsonaro

Ministro da Educação
Abraham Weintraub

Secretário de Educação Profissional e Tecnológica
Ariosto Antunes Culau



Reitor
Wyllys Abel Farkatt Tabosa
Pró-Reitor de Pesquisa e Inovação
Márcio Adriano de Azevedo

Coordenadora da Editora IFRN
Kadydja Karla Nascimento Chagas

Editora IFRN | Conselho Editorial

Albino Oliveira Nunes	Jussara Benvindo Neri
Ana Paula Borba Costa	Kadydja Karla Nascimento Chagas
Anderson Luiz Pinheiro de Oliveira	Lenina Lopes Soares Silva
Anisia Karla de Lima Galvão	Luciana Maria Araújo Rabelo
Carla Katarina de Monteiro Marques	Maria da Conceição de Almeida
Cláudia Battestin	Márcio Adriano de Azevedo
Emiliana Souza Soares Fernandes	Nadir Arruda Skeete
Fabrcia Abrantes Figueredo da Rocha	Paulo de Macedo Caldas Neto
Francinaide de Lima Silva Nascimento	Ramon Evangelista dos Anjos Paiva
Fábio Alexandre Araújo dos Santos	Regia Lúcia Lopes
Genoveva Vargas Solar	Rejane Bezerra Barros
Jose Geraldo Bezerra Galvão Junior	Rodrigo Luiz Silva Pessoa
José Augusto Pacheco	Silvia Regina Pereira de Mendonca
José Everaldo Pereira	Wyllys Abel Farkatt Tabosa
Jozilene de Souza	

Equipe | Material Didático Projeto PROEJA

Coordenação
Otávio Augusto de Araújo Tavares

Projeto Gráfico
Ivana Lima

Design Gráfico
Andrei Gurgel
Carol Costa
Eriwelton Paz
Felipe Câmara
Mariana Brito

Design Instrucional
Ivana Lima

Revisão Linguística
João Batista de Morais Neto
Marília Gonçalves Borges Silveira
Valeska Limeira Azevedo Gomes

Revisão ABNT
Carlos Moisés de Oliveira
Sandra Nery da Silva Bigois

Revisão Técnico-Científico
Ivoneide Bezerra de A. S. Marques
Jose Mateus do Nascimento

C376p

Cavalcante, Ilane Ferreira.
Produção de textos científicos (livro eletrônico) /
Ilane Ferreira Cavalcante. – Natal : IFRN, 2020.
19.343 Kb ; PDF. il. color.

ISBN: 978-65-86293-28-9 (recurso eletrônico)
Inclui referências
Material didático da Especialização em Práticas Assertivas
em Didática e Gestão da Educação Profissional integrada à EJA.

1. Produção de textos científicos. 2. Trabalho científico.
3. Metodologia científica. I. Título.

CDU 001.8

Catálogo na Publicação elaborada pela Bibliotecária Sandra Nery da Silva Bigois CRB15: 439
Biblioteca Sebastião Názaro do Nascimento (BSNN) – Campus Zona Leste / IFRN.



Contato
Endereço: Rua Dr. Nilo Bezerra Ramalho, 1692, Tirol.
CEP: 59015-300, Natal-RN.
Fone: (84) 4005-0763 | E-mail: editora@ifrn.edu.br

Prefixo editorial: 94137
Linha Editorial: Ciências Humanas
Disponível para download em:
<http://memoria.ifrn.edu.br>

Sumário

Apresentação	9
Palavras da Professora-autora	13
Itinerário Formativo	15
Roteiro de estudo	16
Mapa conceitual	17
Introdução	18
Currículo sintético da Professora-autora	19

UNIDADE I

Características da linguagem técnica, acadêmica e científica

Objetivo de Aprendizagem	22
Para conhecer o tema	24
A linguagem dos gêneros acadêmico-científicos	28
Clareza	31
Precisão	32
Comunicabilidade	35
Consistência	36
A norma-padrão da linguagem	37
Organização lógica	39
Sequência	39

Avaliação de aprendizagem	40
Modos de citar o discurso alheio	42
Citações para a ABNT	44
Citação Direta	45
Citação Indireta	46
Citação da citação	47
Modos de citar o discurso alheio	49
Discurso direto	49
Discurso indireto	52
Modalização em discurso segundo	54
Ilha textual	56
Uma reflexão para finalizar	58
Síntese da Unidade	60
Leitura Complementar	61
Avaliação de Aprendizagem	62

UNIDADE II

Sumarização e resumo acadêmico

Sumarização e Resumo Acadêmico	65
Objetivo de Aprendizagem	66
Para conhecer o tema	67
Sumarização	70
Aspectos da sumarização	77

Formas de Resumo	80
Indicativo ou descritivo	84
Informativo ou analítico	86
Crítico	91
Síntese da Unidade	98
Leitura Complementar	99
Avaliação de Aprendizagem	99
RESUMO 1	100
RESUMO 2	101
RESUMO 3	102

UNIDADE III

Resenha e artigo científico

Objetivo de Aprendizagem	105
Para conhecer o tema	108
Resenha	110
Elementos prototípicos de uma resenha	113
Tipos de resenha	115
Resenha Temática	116
Resenha descritiva	121
Resenha crítica	125
Avaliação de Aprendizagem	131
Artigo Científico	132

Tipos de artigo científico	136
Sobre artigos originais	138
Sobre artigos de revisão	138
Sobre relatos de experiência	140
Estrutura do Artigo Científico	141
Elementos pré-textuais	143
Corpo do artigo	146
Elementos pós-textuais	148
Avaliação de um artigo científico	150
Para terminar	153
Síntese da Unidade	154
Leituras Complementares	155
Avaliação de aprendizagem	156

UNIDADE IV

Projeto de pesquisa

Objetivo de Aprendizagem	158
Para conhecer o tema	160
O projeto de pesquisa - planejamento	162
Estrutura do projeto de pesquisa	165
Elementos Pré-textuais	168
Capa	168
Título	169

Folha de rosto	170
Sumário	172
Elementos textuais	174
Introdução	175
Objetivos	178
Questões de Pesquisa	181
Justificativa	183
Referencial Teórico	184
Metodologia	186
Cronograma	192
Elementos Pós-Textuais	194
Referências	194
Considerações sobre o ato da escrita	196
Questão de Estilo	196
Períodos longos ou breves demais	197
Repetição de palavras	198
Frases desconexas	199
Expressões vulgares	199
Chavões ou clichês	200
Avaliação de aprendizagem	201
Síntese da Unidade	201
Leitura Complementar	202
Referências	203

Apresentação

O presente material didático é destinado aos alunos do Curso de Especialização em Práticas Assertivas da Educação Profissional Integrada à Educação de Jovens e Adultos. Como recurso didático, este material foi produzido para subsidiá-los pedagogicamente no desenvolvimento das atividades do curso, favorecer sua aprendizagem e contribuir com a sua formação profissional. Esperamos com isso que essa formação se reverbere na melhoria da qualidade da educação ofertada a jovens, adultos e idosos em nossas escolas.

O referido curso é resultado de uma parceria estabelecida entre o Campus EaD/IFRN¹ com a SETEC/MEC por meio do Contrato n.º. 160/2017 FUNCERN/IFRN. O projeto do curso foi aprovado pela Deliberação n.º. 14/2018-CONSEPEX/IFRN, de 26/07/2018, e pela Resolução n.º. 25/2018-CONSUP/IFRN, de 17/08/2018. O material foi produzido e organizado por disciplina, de modo que cada uma das disciplinas do

¹ De acordo com a Portaria do MEC n.º 1438 de 28/12/2018, o antigo Campus EaD adquiriu status de Campus avançado Zona Leste.

curso tem o seu próprio livro, o qual está dividido em Unidades Didáticas, planejadas a partir do conteúdo selecionado na ementa de cada componente que compõe a grade curricular do curso.

A partir da implantação de cursos de educação básica, integrados e ou concomitantes com a Educação Profissional em nível de formação inicial e continuada e técnico de nível médio para o público de jovens e adultos, evidenciou-se a necessidade de serem desenvolvidas ações para a formação de profissionais que atuam nas redes de ensino federal, estadual e municipal, de forma a colaborar no processo de inclusão, permanência e êxito de jovens e adultos nas escolas públicas brasileiras.

De acordo com o Censo Escolar do INEP de 2017², no Brasil, a modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA) apresenta um quantitativo de 3,6 milhões de alunos no ensino fundamental e médio, evidenciando um aumento significativo de 3,5% no ensino médio. Na educação profissional, o país contou com 1,8 milhão de alunos matriculados nesse mesmo ano com 58,8% frequentando escolas públicas. A educação técnica de nível médio aumentou de 0,9% em

² http://portal.inep.gov.br/artigo/-/asset_publisher/B4AQV9zFY7Bv/content/inep-mec-

2017 e, na rede pública, representou um crescimento de 2,2%. Essa realidade aponta a necessidade de investimentos em formação de profissionais capacitados para atuarem como docentes e gestores na EJA, contribuindo para que não seja ampliada a evasão dos alunos nessa modalidade de ensino.

A fim de contribuir com a superação dessa realidade, este curso de especialização objetiva atingir 1.500 profissionais que atuam nas redes públicas de ensino com a EJA, em 30 polos nas diferentes regiões brasileiras, para que se conte com educadores capacitados que busquem motivar os alunos para diminuir a evasão escolar. Isso se torna possível com um planejamento e execução de atividades que motivem a permanência e o sucesso do aluno, considerando os diferentes contextos vivenciados pela clientela atendida em cada turma/escola. Para isso, a formação continuada de professores e gestores é imprescindível.

Nesse sentido, o desenvolvimento deste curso de especialização contribui para que profissionais da rede federal e das redes estadual e municipal se preparem para atuar na EJA, a partir de dois itinerários formativos: Didática e Gestão da Educação Profissional integrada à

Educação de Jovens e Adultos, organizados em quatro módulos que objetivam possibilitar uma base científica e tecnológica comum a docentes e gestores que atuem nessa modalidade de ensino.

Portanto, ao desenvolver ação de docência e de gestão que esteja de acordo com os objetivos da educação básica, utilizando estratégias que levem em consideração as características do público que está sendo atendido, este curso se propõe a contribuir, impactando positivamente no combate à evasão e na garantia da sua permanência na sala de aula, para que o estudante não seja excluído da escola e conclua as etapas da educação básica, integradas ou não com a educação profissional.

Equipe técnico-pedagógica e administrativa do Curso

Palavras da Professora-autora

Caro estudante, a disciplina “Produção de textos científicos” apresenta uma série de conteúdos comumente discutidos ao se trabalhar a leitura e a produção dos gêneros técnicos, acadêmicos e científicos.

Nela, vamos refletir teoricamente sobre os gêneros dessa natureza, pensar a sua estrutura e o seu processo de produção. O nosso enfoque são os gêneros com os quais você lidará mais habitualmente ao longo de um curso de pós-graduação: o resumo acadêmico, a resenha crítica, o artigo científico e o projeto de pesquisa.

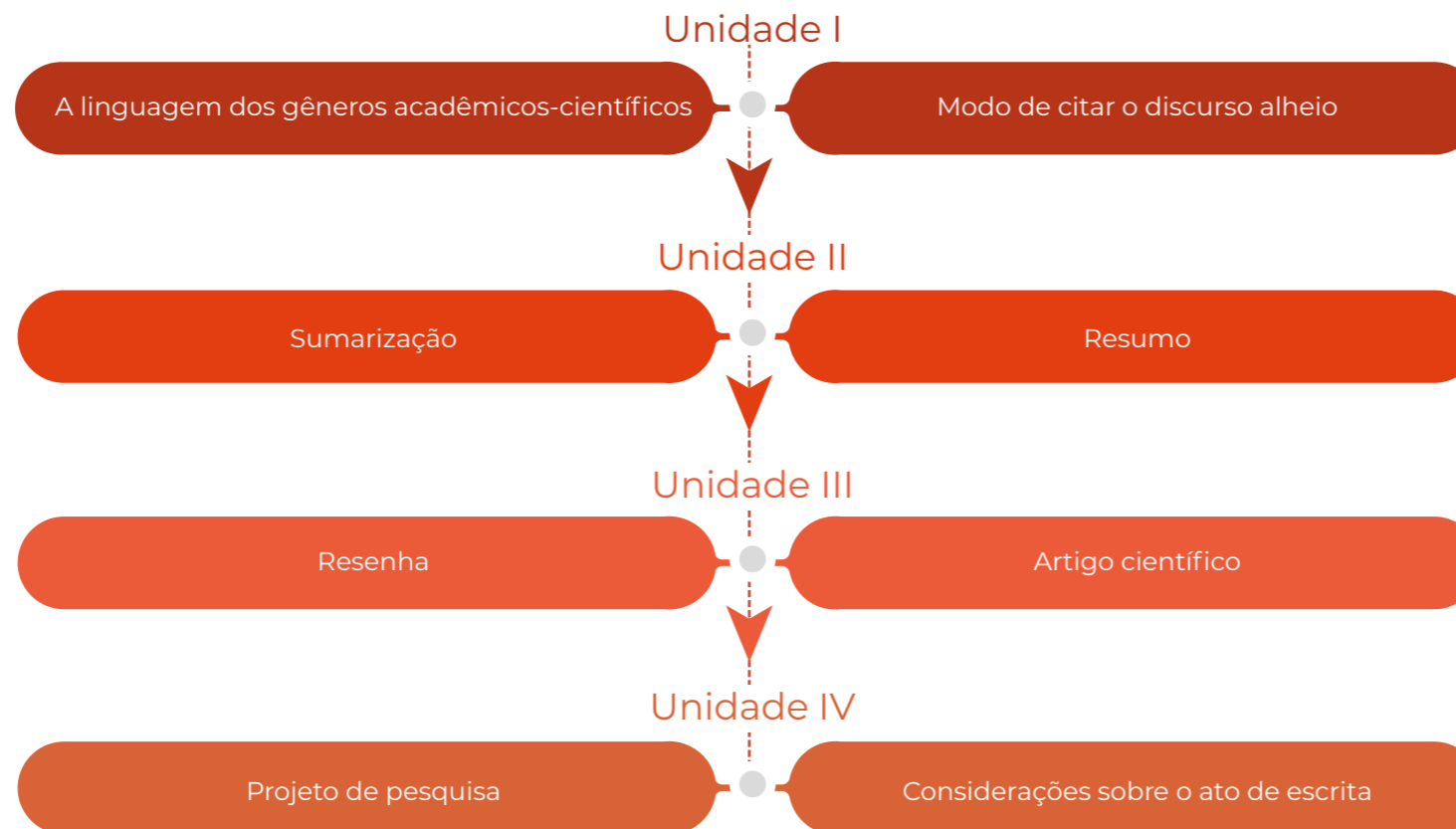
A ideia que move este material é, principalmente, oferecer-lhe parâmetros e sugestões de estudo, os quais podem ser adaptados a suas necessidades específicas e ao seu contexto. Para tanto, subdividimos o conteúdo em quatro unidades didáticas, cada uma com duas seções, que direcionam a sua leitura e apontam para aspectos específicos de cada gênero textual em estudo e para aspectos gerais da linguagem acadêmica, técnica e científica.

Que seu estudo seja profícuo!

Itinerário Formativo

Para visualizar a distribuição dos conteúdos ao longo da disciplina, observe o organograma a seguir:

Organograma 01 – Conteúdos da disciplina.



Fonte: Ilustrado por Eriwelton Paz/Proeja. Adaptado de Ilane Cavalcante, 2018.

Esperamos que este material seja uma porta aberta a novos conhecimentos.
Vamos iniciar a nossa viagem?

Roteiro de estudo

Esta disciplina dá relevo a alguns dos gêneros textuais mais recorrentes no universo acadêmico, abordando o gênero mais simples (resumo) ao mais complexo (artigo) para uma pós-graduação *lato sensu*. No entanto, optamos por finalizar a unidade com o gênero projeto, porque, em geral, o estudante precisa desenvolvê-lo antes de elaborar um artigo, monografia, dissertação ou tese.

Também trazemos considerações sobre a linguagem técnica, acadêmica e científica no início e no fim do conteúdo, em razão de possíveis dificuldades que os estudantes de graduação e de pós-graduação enfrentem com esse tipo de linguagem.

A reorganização dos conteúdos no momento da oferta, no entanto, cabe ao professor que será responsável pela disciplina, assim como a utilização de outras mídias que possam integrar e agregar conhecimentos, tais como vídeos, áudios etc.

Mapa conceitual

Oferece uma visão da arquitetura hipertextual e conceitual e serve para a apresentação da disciplina ou das unidades.

Organograma 02 – Mapa conceitual.



Fonte: Ilustrado por Eriwelton Paz/Proeja. Adaptado de Ilane Cavalcante, 2018.

Introdução

O conteúdo desta disciplina discorre sobre a linguagem técnica, acadêmica e científica, dando prioridade aos gêneros de maior circulação e necessários ao estudante de uma especialização, quais sejam, projeto de pesquisa, artigo, resumo acadêmico e resenha.

Cada unidade da disciplina traz um texto introdutório que apresenta o conteúdo a ser estudado e contém uma breve reflexão acerca do tema em desenvolvimento. Para iniciar, uma breve reflexão sobre os aspectos que constituem a linguagem técnica, acadêmica e científica e, ao longo das demais unidades, a estrutura e a organização do conteúdo dos gêneros em foco.

Currículo sintético da Professora-autora



Ilane Ferreira Cavalcante Graduada em Letras (1991), mestra em Estudos da Linguagem (1996) e doutora em Educação (2002) pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Atualmente, é professora de Língua Portuguesa do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte - Campus Avançado Natal Zona Leste, atuando no Programa de Pós-graduação em Educação Profissional (PPGEP). Tem experiência na área de Letras e Educação,

com ênfase em literatura e história da educação, principalmente nos seguintes temas: educação profissional, educação a distância, formação de professores, gênero e literatura. Produziu diversos materiais didáticos da área de Letras (Leitura e Produção de Textos; Língua Portuguesa; Inglês Instrumental; Gestão da EaD; Fundamentos da Literatura; Teoria da Literatura) para os cursos ofertados pelo Campus EaD/IFRN. Publicou, também, entre outros, os livros de ensaio O romance da Besta Fubana: festa, utopia e revolução no interior do Nordeste (2008), Mulheres e Letras (2011), e o livro de poemas Vestígios (2009), além de ter participado da organização de livros sobre gênero, literatura e educação.

Produção de Textos Científicos

Unidade I

**Características da linguagem
técnica, acadêmica e científica**

Ilane Ferreira Cavalcante



Objetivo de Aprendizagem

Esta unidade aborda alguns aspectos que constituem a linguagem técnica, científica e acadêmica, os quais são importantes de serem lembrados ao se produzir textos dessa natureza. Ela está dividida em duas seções que discutem, respectivamente, a estrutura da linguagem técnica, acadêmica e científica e os modos de utilizar o discurso alheio.

Para conhecer o tema

Uma tese é uma tese

Sabe tese, de faculdade? Aquela que defendem? Com unhas e dentes? É dessa tese que eu estou falando. Você deve conhecer pelo menos uma pessoa que já defendeu uma tese. Ou esteja defendendo. Sim, uma tese é defendida. Ela é feita para ser atacada pela banca, que são aquelas pessoas que gostam de “botar banca”.

As teses são todas maravilhosas. Em tese. Você acompanha uma pessoa meses, anos, séculos, defendendo uma tese. Palpitantes assuntos. Tem tese que não acaba nunca, que acompanha o elemento para a velhice. Tem até teses pós-morte.

O mais interessante na tese é que, quando nos contam, são maravilhosas, intrigantes. A gente fica curiosa, acompanha o sofrimento do autor, anos a fio. Aí ele publica, te dá uma cópia e é sempre - sempre - uma decepção. Em tese. Impossível ler uma tese de cabo a rabo.

São chatíssimas. É uma pena que as teses sejam escritas apenas para o julgamento da banca circumspecta, sisuda e compenetrada em si mesma. E nós?

Sim, porque os assuntos, já disse, são maravilhosos, cativantes, as pessoas são inteligentíssimas. Temas do arco-da-velha. Mas toda tese fica no rodapé da história. Pra que tanto *sic* e tanto *apud*? *Sic* me lembra o Pasquim e *apud* não parece candidato do PFL para vereador? *Apud* Neto.

Escrever uma tese é quase um voto de pobreza que a pessoa se autodecreta. O mundo para, o dinheiro entra apertado, os filhos são abandonados, o marido que se vire. Estou acabando a tese. Essa frase significa que a pessoa vai sair do mundo. Não por alguns dias, mas anos. Tem gente que nunca mais volta.

E, depois de terminada a tese, tem a revisão da tese, depois tem a defesa da tese. E, depois da defesa, tem a publicação. E, é claro, intelectual que se preze, logo em seguida embarca noutra tese. São os profissionais,

em tese. O pior é quando convidam a gente para assistir à defesa. Meu Deus, que sono. Não em tese, na prática mesmo.

Orientados e orientandos (que nomes atuais!) são unânimes em afirmar que toda tese tem de ser - tem de ser! - daquele jeito. É pra não entender, mesmo. Tem de ser formatada assim. Que na Sorbonne é assim, que em Coimbra também. Na Sorbonne, desde 1257. Em Coimbra, mais moderna, desde 1290. Em tese (e na prática) são 700 anos de muita tese e pouca prática.

Acho que, nas teses, tinha de ter uma norma em que, além da tese, o elemento teria de fazer também uma tesão (tese grande). Ou seja, uma versão para nós, pobres teóricos ignorantes que não votamos no *Apud Neto*.



CONTEÚDO DISPONÍVEL NO LINK

PRATA, Mario. Uma tese é uma tese. **Mario Prata site oficial**. São Paulo. 1998. Disponível em: <https://marioprata.net/cronicas/uma-tese-e-uma-tese/>. Acesso em: 03 jun. 2018.

O texto de Mário Prata é uma bem-humorada crítica ao jargão da academia. Ou seja, é uma crítica à forma muito normatizada de escrita dos textos de natureza técnica, científica e acadêmica. É justamente sobre essa linguagem que estamos nos debruçando nesta disciplina. Apesar de cheia de normas, ela não precisa ser complicada ou difícil de ler pelos leitores que não pertencem ao mundo acadêmico. Na verdade, o que defendemos, ao longo desta disciplina, é justamente a simplicidade, a objetividade e a clareza da escrita, de forma que ela seja acessível a todos que por ela se interessem. É sobre essas características do texto de natureza técnica, científica e acadêmica que iremos discutir aqui.

A linguagem dos gêneros acadêmico-científicos



Fonte: Helloquence/Unsplash, 2018.

Sempre que nos deparamos com a tarefa de escrever algo acabamos por perceber o fato de que escrever não é fácil. Em geral, ficamos diante da folha em branco nos questionando sobre como começar?

Que estrutura elaborar? Qual linguagem utilizar? Essas questões são fundamentais porque nos guiam em nossa produção. Muitas vezes, deixamos de elaborar um texto porque pensamos não ter o dom necessário para isso, o talento. Evidentemente, talento existe, mas não é o único fator que contribui para a elaboração de um texto, principalmente na esfera acadêmica.

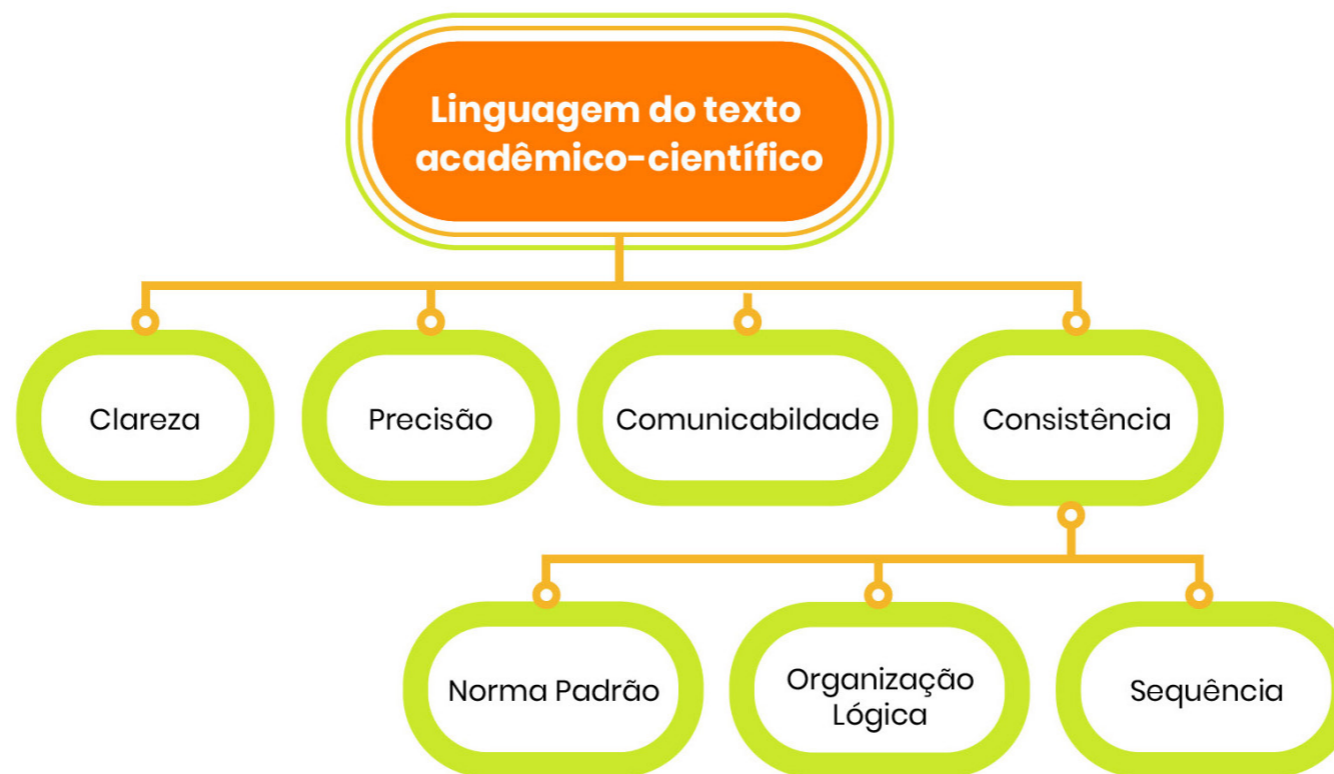
O ser humano é um ser social, que para viver em comunidade, desenvolveu diversas linguagens, entre elas, a linguagem verbal, a qual se manifesta nos textos. Tudo o que utilizamos para nos comunicar pode ser definido como texto, desde o diálogo com a família ao acordar até uma palestra elaborada para um determinado grupo. Esses textos, para se constituírem, necessitam de uma estrutura; as diferentes situações de comunicação exigem diferentes estruturas textuais. Assim, um bilhete, por exemplo, exige uma saudação, a mensagem e uma despedida, já um diálogo exige que o partícipe tenha um espaço para a exposição de suas ideias.

Nesse contexto, os gêneros discursivos são instrumentos para as ações de linguagem desenvolvidas nas mais diversas esferas e materializam-se em um texto. Ao lidarmos com a produção de um gênero da esfera acadêmica não basta o talento, porque não podemos colocar no papel apenas aquilo que vimos, sentimos ou sabemos, é preciso adequação a um estilo específico de texto, a um conjunto de normas, a uma série de etapas.

Nesta disciplina, vamos lidar com gêneros como o resumo, a resenha e o artigo científico.

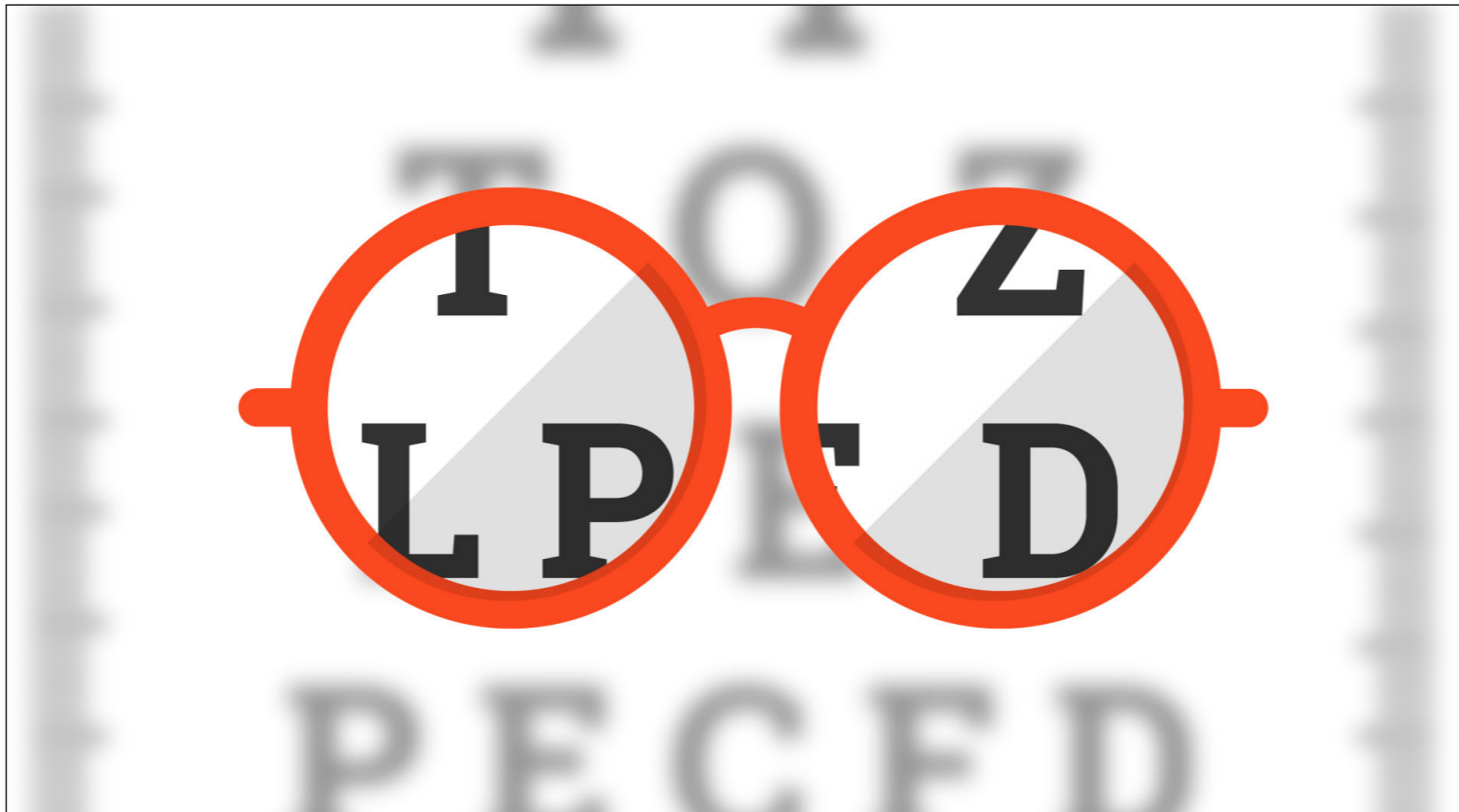
1. Os textos de natureza técnica, científica e acadêmica seguem alguns princípios que podem ser resumidos em quatro pontos fundamentais: clareza, precisão, comunicabilidade e consistência. O organograma a seguir demonstra como discutiremos o conteúdo desta primeira seção.

Organograma 03 – Organização da linguagem acadêmico-científica.



Fonte: Ilustrado por Eriwelton Paz/Proeja. Adaptado de Ilane Cavalcante, 2018.

Clareza



Fonte: Ilustrado por Eriwelton Paz/Proeja, 2018.

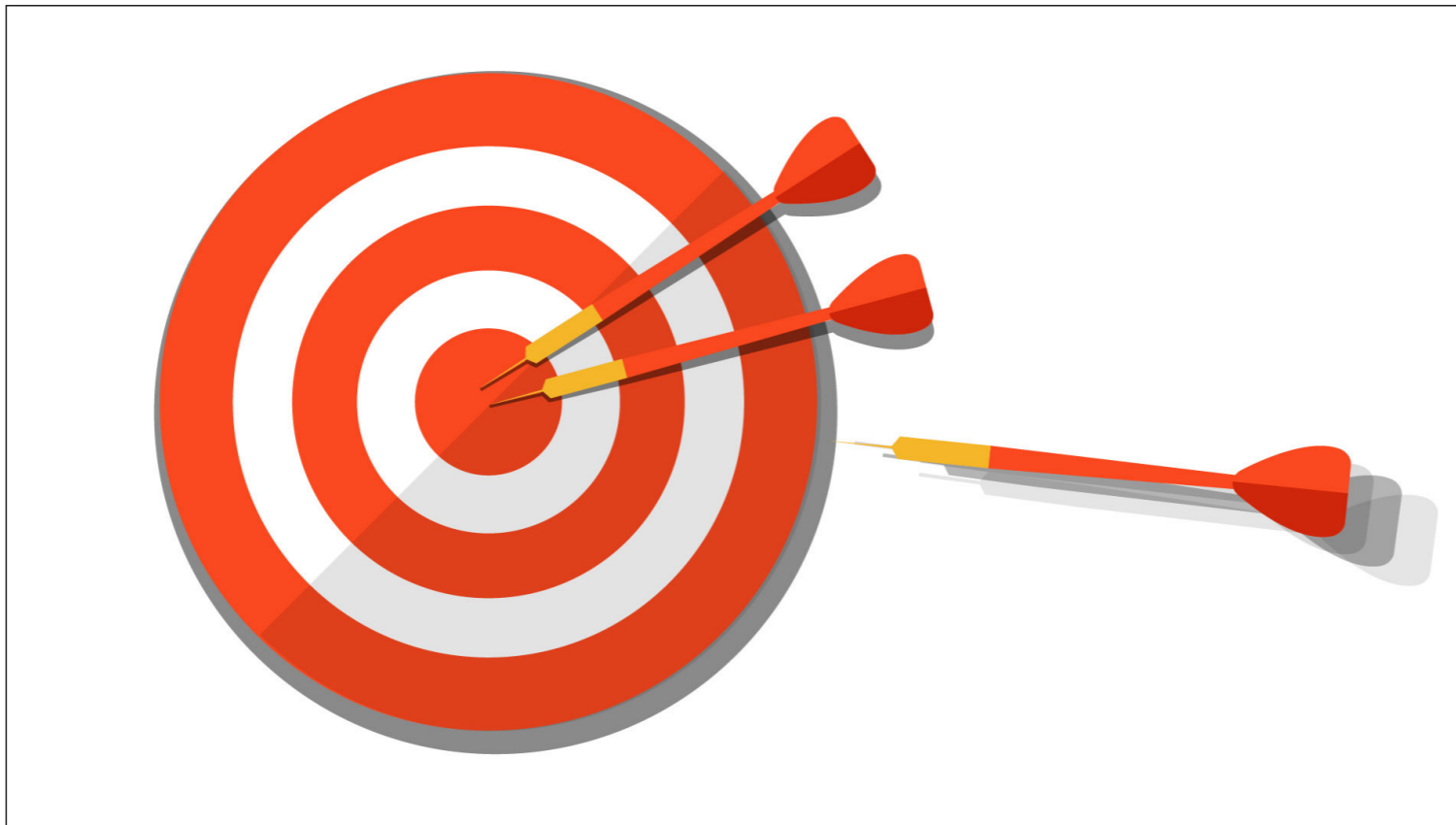
Um texto é claro quando não deixa margem a muitas interpretações diferentes da que o autor quer comunicar. Para alguns autores, como Cervo e Bervian (2002), tudo que for escrito deve ser perfeitamente compreensível pelo leitor, ou seja, este não deve ter nenhuma dificuldade para entender o texto. Assim, é importante que o autor

leia cuidadosamente o que escreveu como se fosse o próprio leitor. Uma linguagem muito rebuscada, com termos desnecessários, desvia a atenção de quem lê e pode confundir.

Ao escrever um texto de natureza técnica, científica e acadêmica, precisamos dizer as coisas de forma compreensiva. Isso não significa que precisamos ser vulgares, ou devamos ser coloquiais. De forma alguma! Um texto é claro quando utiliza uma linguagem simples, direta e precisa, isto é, quando cada palavra empregada traduz exatamente o pensamento que se deseja transmitir. Isso nos leva, portanto, a outro aspecto.

Precisão

A linguagem científica deve ser precisa e as palavras e seus acompanhantes (figuras, gráficos, tabelas etc.) necessitam ser compreendidas pelo leitor à medida que ele percorre o texto. Palavras e imagens devem ser escolhidas com cuidado para exprimir exatamente o que se tem em mente. Nesse caso, é mais fácil ser preciso na linguagem científica do que na literária, na qual a escolha vocabular é bem mais ampla. De qualquer forma, a seleção dos termos e a cautela no uso de expressões coloquiais devem estar sempre presentes na redação acadêmica.



Fonte: Ilustrado por Eriwelton Paz/Proeja, 2018.

Expressões como “nem todos”, “praticamente todos”, “vários deles” são interpretadas de maneiras diferentes e tiram força das afirmações. Será sempre melhor utilizar expressões como “cerca de 90%”, “menos da metade” ou, ainda com maior precisão, “93%”, “40%”. Lembrando sempre que, ao utilizarmos medidas, precisamos estar baseados em dados, os quais devem ser retirados de estudos, de pesquisas, de fontes confiáveis.

Convém escolher, criteriosamente, o material a ser utilizado no texto de uma dissertação, tese, monografia, relatório ou artigo. O autor deve selecionar a informação disponível e apresentar somente o que for relevante. Esse aspecto é ainda mais importante em um artigo, em que a concisão é geralmente desejada pelo leitor.



Comunicabilidade



Fonte: Ilustrado por Eriwelton Paz/Proeja, 2018.

Na linguagem técnica, acadêmica e científica é fundamental comunicar-se bem. Isso implica dizer que os temas devem ser abordados de maneira direta e simples, com lógica e continuidade no desenvolvimento das ideias. É muito desagradável uma leitura em que frases substituem simples palavras ou quando a sequência das ideias apresentadas é

interrompida atrapalhando o entendimento. Ou mesmo quando o autor, querendo demonstrar conhecimento, utiliza vocabulário arcaico ou não usual. É evidente que, ao discutirmos conceitos específicos de determinadas áreas, nem sempre os termos são fáceis ou comuns, mas a comunicabilidade exige, nesses casos, que se explique, exatamente, o sentido em que aquele termo está sendo utilizado e se utilize de exemplos ou ilustrações que facilitem a sua compreensão.

Consistência



Fonte: Ilustrado por Eriwelton Paz/Proeja, 2018.

A consistência é a capacidade que um texto tem de ser coerente e coeso e, ao mesmo tempo, bem fundamentado teórica e metodologicamente. Um texto consistente apresenta uniformidade. A consistência pode ser considerada sob três dimensões: o uso da norma padrão da linguagem; a organização lógica das ideias desenvolvidas e a sequência da apresentação dessas ideias. A seguir, explicitaremos cada uma delas.

A norma-padrão da linguagem

O texto acadêmico-científico circula em meios que prezam pela formalidade no uso da linguagem. Escrever indevidamente pode demonstrar ignorância ou desleixo. Assim, é importante que esse tipo de texto apresente uniformidade gramatical, ou seja, que utilize algumas regras da linguagem formal. E isso não diz respeito apenas à correção de termos e expressões, mas ao seu uso constante e regular ao longo do texto. Um erro comum que ocorre na enumeração de itens pode ser observado no Exemplo 1:



EXEMPLO 1

Na redação científica, cumpre observar, entre outras regras: (1) terminologia precisa; (2) ortografia criteriosa; (3) não abusar de adjetivos; (4) evitar ambiguidade.

Observe que o primeiro item da enumeração se refere a um substantivo, o segundo a uma frase e o terceiro e o quarto são formados por períodos completos. Os itens (3) e (4), para que seja observada a consistência da expressão gramatical, teriam de ser enunciados da seguinte forma: “(3) bom senso no uso de adjetivos; (4) clareza”. Por quê? Você pode perguntar. Para que o leitor não se confunda ou desvie a sua atenção do que o texto está querendo comunicar.

Assim, não estamos nos referindo, nesse item, a apenas ao uso da gramática ou da norma-padrão da linguagem, mas ao seu uso uniforme ao longo do texto.

Organização lógica

Ao elaborar um texto, é preciso pensar um plano de como ele será dividido. Você pode observar um exemplo no organograma que construímos para apresentar o conteúdo desta seção da Unidade. Ao organizar a estrutura de seu texto, é preciso estar atento ao fato de que, quanto maior as divisões em tópicos, mais cuidado é preciso ter na organização lógica entre os diferentes tópicos. As seções de um capítulo devem manter um equilíbrio, ou seja, conteúdos semelhantes.

Sequência

A sequência adotada para a apresentação do conteúdo deve refletir uma organização lógica, como vimos anteriormente. Mas nem sempre a sequência a ser observada precisa ser óbvia, como uma sequência cronológica. Existe, em qualquer enumeração, uma lógica inerente ao assunto, do mais amplo para o mais particular, por exemplo, o caso do Organograma 1, que apresentamos no início desta seção. Uma vez detectada, essa lógica determinará a ordem em que capítulos, seções, subseções e quaisquer outros elementos devem aparecer.

Avaliação de aprendizagem

ATIVIDADE 1

1. Indique o problema proeminente em cada fragmento textual, a seguir, no tocante à sua qualidade como texto de natureza técnica, científica e acadêmica. Mas não esqueça que esses são apenas fragmentos e não textos completos.
 - a) Tomando como unidade o município, o objetivo é descrever a distribuição espacial das atividades científicas e tecnológicas, a partir de estatísticas de patentes, uma proxy de capacitação tecnológica, uma proxy de capacitação científica e produção de pesquisadores, indicadores de recursos humanos alocados para atividades científicas.
 - b) Foram analisados a coluna de mercúrio ou eletrônico); b) verificar a calibração do manômetro; c) dimensões da bolsa de borracha; d) boa posição do paciente; e) se houve descanso do paciente; f) as fases de Korotkoff que

determinam a pressão sistólica (PAS) e diastólica (PAD) e g) bom número de medidas realizadas.

- c) A composição deste artigo é, antes de tudo, elaborada para mostrar como são calculados os fatores de impacto de revistas científicas. Pra isso começamos por analisar as consequências do emprego do número de citações de artigos científicos na literatura internacional. Depois procuramos particularizar analisando um artigo na área de Física e a partir daí, tecemos considerações sobre a importância e as limitações do emprego dos indicadores de avaliação científica em revistas internacionais para então, enumerarmos quais são os indicadores nacionais.

Modos de citar o discurso alheio

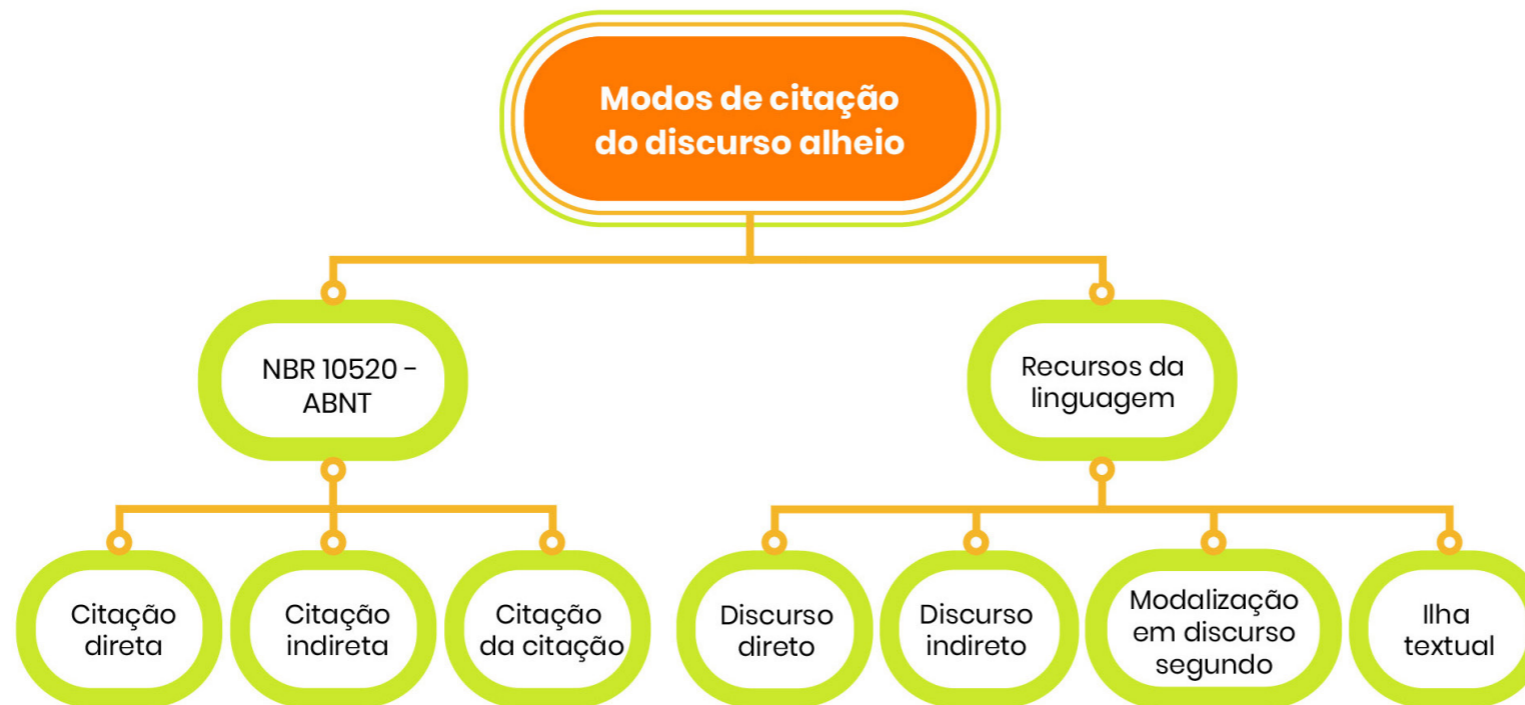
Produzir textos significa remeter a textos de outras pessoas para reforçar ou comprovar nossas ideias e fazer nosso interlocutor a aceitá-las. Nossos discursos são, em geral, de cunho argumentativo (mesmo quando não têm essa intenção explícita), pois pretendem que os outros aceitem nossas ideias e ajam conforme nossos “conselhos e dicas”, não é mesmo? A citação do discurso alheio procura dar credibilidade a nosso discurso.

A Associação Brasileira de Normas Técnicas e Científicas (ABNT) distingue apenas três tipos de citação: a citação direta, a citação indireta e a citação da citação, conforme você pode verificar na Norma Brasileira 10520 para citações.

A divisão proposta pela ABNT é bastante utilizada em textos acadêmico-científicos, no entanto, existem diversos mecanismos linguísticos que servem para registrar o discurso alheio no interior de um texto, os quais chamamos de discurso direto, indireto, modalização em discurso segundo e ilha textual. Antes de passarmos ao estudo

desses recursos, observemos como se distribui a organização desta nossa segunda seção da Unidade 1, conforme o Organograma 4:

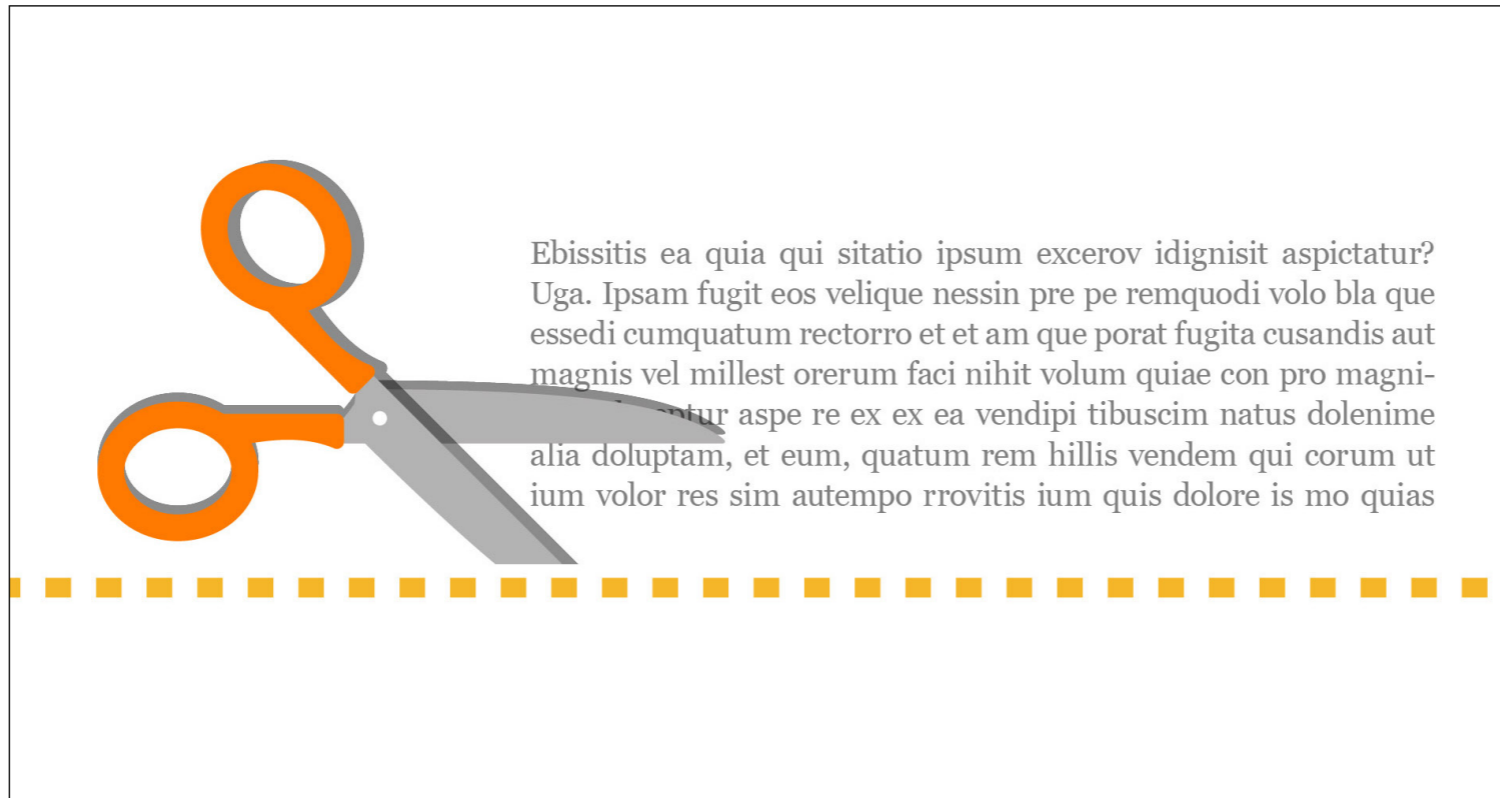
Organograma 04 – Modos de citação do discurso alheio.



Fonte: Ilustrado por Eriwelton Paz/Proeja. Adaptado de Ilane Cavalcante, 2018.

Para compreendermos os modos de citação do discurso alheio, precisamos estar atentos ao fato de que há, sempre, um discurso citante, de quem está produzindo o texto, e um discurso citado, utilizado para complementar ou ilustrar o discurso citante.

Citações para a ABNT



Fonte: Ilustrado por Eriwelton Paz/Proeja, 2018.

Conforme indicamos anteriormente, a ABNT considera, na NBR 10520, que existem apenas três tipos de citação: a citação direta, a citação indireta e a citação da citação. Vejamos cada uma delas.

Citação Direta

Para a ABNT, a citação direta é aquela que você retira do texto original sem alterá-la, apenas recortando o discurso do outro.



Segundo Frigotto,

O que a sociedade do capital busca é estabelecer um determinado nível de escolarização e um determinado tipo de educação ou treinamento, nível que varia historicamente de acordo com as mudanças dos meios e instrumentos de produção. Esse nível, necessário à funcionalidade do capital é historicamente problemático ao capital (2010a, p. 36).

Observe que temos dois discursos no exemplo: o discurso citante, bem curto, apenas indicando o autor a ser citado (Segundo Frigotto) e o discurso citado, recortado do texto de Frigotto, com indicação do ano de publicação do texto e com indicação da página de onde foi retirada a citação. Verifique, ainda, que o discurso citado aparece com recuo de

4cm do texto, com fonte menor e espaçamento simples entre as linhas. Essas são normas estabelecidas pela NBR 10520 da ABNT para citações diretas maiores que três linhas. Se a citação tivesse menos que três linhas, poderia vir no corpo do texto citante, no mesmo tamanho de fonte utilizada pelo discurso citante e separada por aspas.

Citação Indireta

A citação indireta é aquela em que você discorre sobre as ideias do discurso do outro, mas utiliza as suas palavras para expor o seu pensamento, apenas fazendo uma referência a quem você leu e indicando, por meio do ano, o texto que você leu daquele autor citado.



EXEMPLO 2

Segundo Germano (2011), o projeto da Lei nº 5.692/71 foi recebido no Congresso com total aceitação e foi apoiado por professores. Também não houve disputas entre o setor privado e público da educação.

Observe, no Exemplo 2, que o discurso citado não aparece de forma explícita, mas apenas referenciado pelo discurso citante (Segundo Germano). Ou seja, a autora do discurso citante organizou o texto com suas próprias palavras, a partir da leitura do autor do texto citado. Nesse caso, a NBR 10520 apenas exige que o ano de publicação do texto lido (do autor citado) seja indicado entre parênteses.

Citação da citação

A citação da citação acontece quando é citado um autor a partir de outro autor. Assim, você está lendo um autor, que cita outro autor, e quer utilizar a citação deste último. Vejamos o exemplo:

EXEMPLO 3

Conforme Habert (1996, *apud* CAVALCANTE, 2002, p. 13):

O que se convencionou chamar de “milagre” tinha a sustentá-lo três pilares básicos: o aprofundamento da classe trabalhadora submetida ao arrocho salarial, às mais duras condições de

trabalho e à repressão política; a ação do Estado garantindo a expansão capitalista e a consolidação do grande capital nacional e internacional; e a entrada maciça de capital estrangeiro na forma de investimentos e empréstimos.

O exemplo demonstra que Habert (1996) é o autor da citação direta (com recuo), no entanto, o discurso citante não leu Habert, leu Cavalcante (2002) e, do texto de Cavalcante, retirou a citação de Habert. Em razão disso, utilizou a palavra em latim *apud*, que significa, originalmente, junto a, mas em textos acadêmicos significa citado por.

É preciso ser muito criterioso para utilizar esse recurso da citação de citação, o ideal é só utilizá-lo quando se está querendo fazer a citação de um texto que é quase impossível de ser encontrado, o qual você não tem ou terá acesso porque é antigo, está esgotado, não se encontra na *internet*, enfim, é difícil de ser lido. Utilizar textos que estão em circulação para fazer uso do *apud* pode indicar desleixo ou preguiça do pesquisador, pois demonstra que ele não quis ir direto à fonte, ao autor original, preferiu ler e citar a partir de outra pessoa.

Modos de citar o discurso alheio



Fonte: Ilustrado por Eriwelton Paz/Proeja, 2018.

Discurso direto

O discurso direto é o que a NBR 10520 chama de citação direta e exime o enunciador citante de qualquer responsabilidade sobre o texto citado. Caracteriza-se por dissociar as duas situações: a do discurso citante

e a do citado. O Exemplo 1, apresentado acima, pode se configurar também como exemplo desse uso do recurso linguístico do discurso direto nos textos acadêmicos, quando se utiliza mais de três linhas do discurso citado. Quando se utiliza menos de três linhas, pode-se inserir o discurso citado no próprio texto do discurso citante, conforme o Exemplo 4, a seguir.

EXEMPLO 4

Moura (2007) afirma que a Lei nº 5.692/71, ao tornar a profissionalização compulsória, deveria ter extinguido a dualidade já existente na educação brasileira, mas ocorreu o contrário: “[...] na prática, a compulsoriedade se restringiu ao âmbito público, notadamente nos sistemas de ensino dos estados e no federal. Enquanto isso, as escolas privadas continuaram, em sua absoluta maioria, com os currículos propedêuticos” (MOURA, 2007, p. 46).

No Exemplo 4, o discurso citado (de Moura, 2007) é destacado por aspas de forma a complementar o discurso citante. Também nesse caso, a NBR 10520 define a necessidade de apresentar o ano de publicação do texto do autor citado e a página de onde foi retirada a citação.

Cabe lembrar que o discurso direto é sempre um fragmento do texto submetido ao enunciador do discurso citante, que dispõe de múltiplos meios para lhe dar um enfoque pessoal. O discurso citante deve satisfazer a duas exigências em relação ao leitor: indicar que houve um ato de fala (emprego de verbos de dizer, como afirmar, assegurar, confirmar, discordar, perguntar, responder etc.) e marcar a fronteira que o separa do discurso citado (no caso de textos acadêmicos, técnicos e científicos, com o auxílio de dois-pontos e aspas), conforme você pôde constatar no Exemplo 4.

Concluindo, podemos dizer, então, que o discurso direto se caracteriza por abrir espaço, no texto, para uma outra voz, cujo discurso ou ato de fala é recortado e esse recorte é copiado na íntegra e integrado ao discurso citante.

Discurso indireto

O discurso indireto é uma condensação ou uma paráfrase do que foi proferido pelo enunciador citado. Paráfrase é um recurso textual que implica dizer com outras palavras aquilo que já foi dito por alguém a quem citamos.

A citação no discurso indireto, portanto, não é feita da mesma forma que no discurso direto que acabamos de ler. Naquele, o discurso citado é copiado da forma como estava no texto original; neste, o discurso citado é apropriado pelo enunciador do discurso citante e é apresentado sob a forma de uma oração subordinada substantiva objetiva, introduzida por um verbo de dizer. Veja o Exemplo 5 a seguir:



EXEMPLO 5

Imbernón (2011) afirma que mudanças necessitam ocorrer na profissão docente a partir das transformações em curso na sociedade. Uma mudança fundamental, e que está em grande parte nas mãos do próprio docente, é deixar de perceber-se como

mero transmissor de conhecimentos. Mas tanto a instituição de formação de professores quanto a instituição onde esse profissional atua precisam passar por transformações significativas em função disso.

No Exemplo 5, percebemos que há alguém sendo citado (Imbernón). Tal autor citado afirmou (verbo de dizer) o quê? Que é preciso haver mudanças na profissão docente, geradas pelas transformações que ocorrem na sociedade. No entanto, o enunciado “mudanças necessitam ocorrer na profissão docente a partir das transformações em curso na sociedade” não foi dito por esse autor exatamente dessa mesma forma, o enunciador do texto está dizendo de novo o que o autor citado disse, porém não está copiando as palavras dele.

Em se tratando de textos acadêmicos, técnicos e científicos, há necessidade, em todas as citações, de ser indicada a data da fonte consultada (e as páginas, no caso de discurso direto, essa indicação é obrigatória).

Modalização em discurso segundo

A modalização em discurso segundo é muito parecida com o discurso indireto. Ela não cita o texto da mesma forma que foi dito pela pessoa citada. Mas também não subordina, necessariamente, essa fala ao discurso do enunciador do texto. Além disso, nessa forma de citação, o enunciador deixa claro que o que ele está afirmando está baseado em outra pessoa. Por isso, é comum o uso de expressões como: “segundo fulano”, “de acordo com beltrano”, “baseado em tal pessoa” etc.

Esse é, talvez, o modo mais simples de o enunciador citante de um texto mostrar que não é responsável por uma determinada citação, apenas indica que está se apoiando em um discurso alheio.



EXEMPLO 6

De acordo com Tardif e Lessard (2009), o professor, em sua prática, pode produzir conhecimento, para isso, ele precisa refletir, conhecer o outro e a si mesmo.

Observe, no Exemplo 6, que a afirmação feita pelo enunciador baseia-se em outras pessoas (Tardif e Lessard) explicitadas no texto. Como podemos constatar isso? Através da expressão “de acordo com”. Ao utilizá-la, o enunciador parece querer dar mais credibilidade ao seu texto, pois busca o apoio de uma autoridade no assunto.

A organização linguística dessa forma de citar apoia-se na articulação de dois elementos: uma expressão como “de acordo com”, “segundo o autor”, “conforme Beltrano”, “para Fulano”, dentre outras, seguida de uma condensação ou uma paráfrase do que foi proferido pelo enunciador citado. Essa é uma forma de citação indireta, uma vez que não apresenta transcrição literal das palavras do autor.

Em se tratando do texto de natureza acadêmica, técnica e científica, há necessidade de, após a indicação do responsável pela citação, ser explicitado, entre parênteses, o ano da fonte consultada.

Ilha textual

Nesse modo de citar, o enunciador citante, recorrendo geralmente à modalização em discurso segundo ou ao discurso indireto (formas de citação indireta), isola, entre aspas, um fragmento que, ao mesmo tempo, ele utiliza e menciona, emprega e cita. Tem-se, então, uma forma híbrida: mesmo, por exemplo, tratando-se globalmente de discurso indireto, esse contém palavras atribuídas aos enunciadores citados.



EXEMPLO 7

O ponto chave das mudanças na profissão e na profissionalização docentes residem, portanto, não necessariamente no docente (em formação ou já em atuação), mas no seio das instituições educativas. É preciso que as instituições estejam abertas à maior autonomia dos docentes. Imbernón (2011, p. 13) afirma que o professor precisa “poder tomar decisões sobre os problemas profissionais da prática.”

Perceba que, no Exemplo 7, o enunciador inicia a citação como se fosse utilizar o discurso indireto, pois utiliza o verbo de dizer (afirma) e a partícula integradora (que), além disso, as primeiras palavras do discurso citado são apropriadas pelo enunciador (o professor precisa); só no final do enunciado ele usa aspas e cita, em forma de discurso direto, um fragmento do discurso do citado da maneira como o autor o construiu (poder tomar decisões sobre os problemas profissionais da prática). Essa fragmentação do discurso citado, que depende do discurso citante, inclusive para ganhar um sentido completo, contextualizado, caracteriza a ilha textual.

Não esqueça que, no caso de textos acadêmicos, técnicos e científicos, a data e as páginas devem se fazer presentes. Conforme a norma, o local da data varia de acordo com o gênero acadêmico que se escreve, quanto ao número de página, ele deve ser inserido no canto superior direito, a 2 cm da borda da página. Convém ainda acrescentar que a ABNT dispõe de documentos, como a NBR 10520 (já citada nesta Unidade) e a NBR 6023, os quais tratam, especificamente, dos aspectos técnicos a serem considerados quanto à produção de textos acadêmicos, técnicos e científicos, em citações diretas e indiretas e em referências, respectivamente.

ATIVIDADE 2

1. Explique a diferença entre discurso direto e discurso indireto.
2. Explícite o uso da modalização em discurso segundo e o uso da ilha textual em textos de natureza jornalística.

Uma reflexão para finalizar

A utilização de qualquer uma dessas formas de citar o discurso alheio está associada ao gênero textual e às estratégias utilizadas pelo enunciador citante.

Para criar, por exemplo, efeito de autenticidade, mostrar-se supostamente neutro, não aderir ao que é dito ou até mesmo revelar inteira adesão, o enunciador citante recorre ao discurso direto e à ilha textual. Nos gêneros acadêmicos, técnicos e científicos, as formas de citar tendem a ser variadas, tanto para alternar o padrão estilístico das citações quanto para permitir, ao enunciador citante, a consolidação das mais diversas intenções.

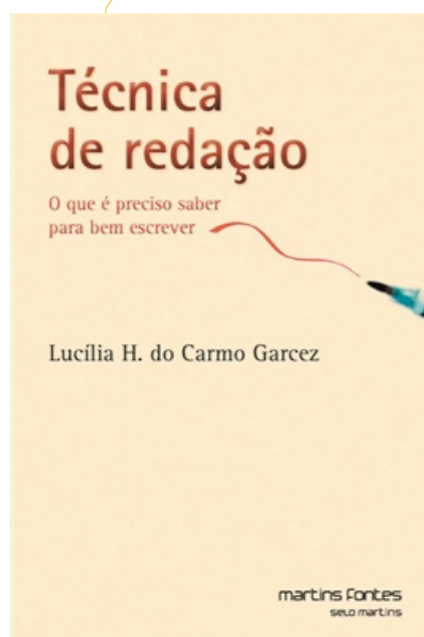
Lembre-se de ter cuidado, nas suas produções textuais, ao utilizar citações de outras pessoas. Elas devem ser retiradas de forma cuidadosa. Ao recortar um texto para citá-lo como base ou complemento de seu discurso, observe se ele está coerente com o que você afirma, pois, muitas vezes, incorremos no erro de acharmos interessante uma afirmação de um autor que, em um fragmento, parece concordar com o que queremos afirmar, mas pode, dentro de seu contexto mais amplo, contradizer o que pregamos. Esse cuidado é necessário, principalmente, quando o texto que produzimos vai ser alvo de avaliação por uma banca ou por um professor, numa disciplina. Como citamos apenas fragmentos dos discursos alheios, podemos correr o risco de utilizar as ideias dos outros incorretamente.

Além disso, é preciso estar atento às normas da ABNT. Elas têm muitos detalhes importantes para os leitores de textos, como a indicação de ano e página, permitindo-lhes que pesquisem diretamente as fontes utilizadas pelo autor.

Síntese da Unidade

Nesta Unidade Didática, discutimos algumas das características da linguagem técnica, acadêmica e científica. Vimos que, para elaborar textos dessa natureza, é preciso seguir algumas regras básicas referentes à clareza, à precisão, à comunicabilidade e à expressão gramatical. Vimos também algumas formas de citar o discurso alheio, tanto as expressas pela NBR 10520, quanto aquelas previstas na construção do discurso. Fique atento a essas informações, pois elas serão úteis para o desenvolvimento das unidades seguintes e para o seu curso como um todo.

Leitura Complementar



Sugiro a leitura do livro de Lucília Garcez, *Técnica de redação*. É um livro com texto simples e técnicas interessantes para quem está trabalhando com o texto acadêmico e desconstrói alguns mitos ligados à leitura e à escrita que, algumas vezes, construímos a partir do senso comum. Boa leitura!

GARCEZ, Lucília Helena do Carmo. **Técnica de redação**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

Avaliação de Aprendizagem

1. Em cada trecho de artigo científico apresentado a seguir, criado para esta avaliação, identifique o modo de citação do discurso alheio utilizado pelo autor.
 - a) Ferreira (1986) afirma que uma das principais características das leis científicas é a de que elas assumem a forma lógica de uma generalização universal.
 - b) Segundo Hulot (1982), há duas razões principais que poderiam explicar o fato de que, apesar de a história ser um simples relato de fatos que realmente aconteceram, os historiadores dificilmente se põem de acordo sobre as causas de muitos acontecimentos importantes na história, como, por exemplo, a queda do Império Romano.
 - c) Por outro lado, Camembert (1996, p. 234) chama a atenção contra o perigo dos conceitos classificadores e explicita: “Dizemos apenas que todo conceito classificador é falso porque nenhum acontecimento se parece com outro [...]”.

- d) Dessa forma, a necessidade que se tem de, na pesquisa histórica, fazer uso de hipóteses universais das quais a grande maioria vem de outros campos de pesquisa tradicionalmente distintos da história, conforme Haidel (2001), “é exatamente um dos aspectos de que se pode chamar unidade metodológica da ciência empírica”.
- e) Ferreira (1998, p. 72) assegura que, para o poeta popular, “a poesia é a roda do engenho, a máquina do mundo, o exercício possível para a recuperação da neutralidade”.

Produção de Textos Científicos

Unidade II

**Sumarização e resumo
acadêmico**

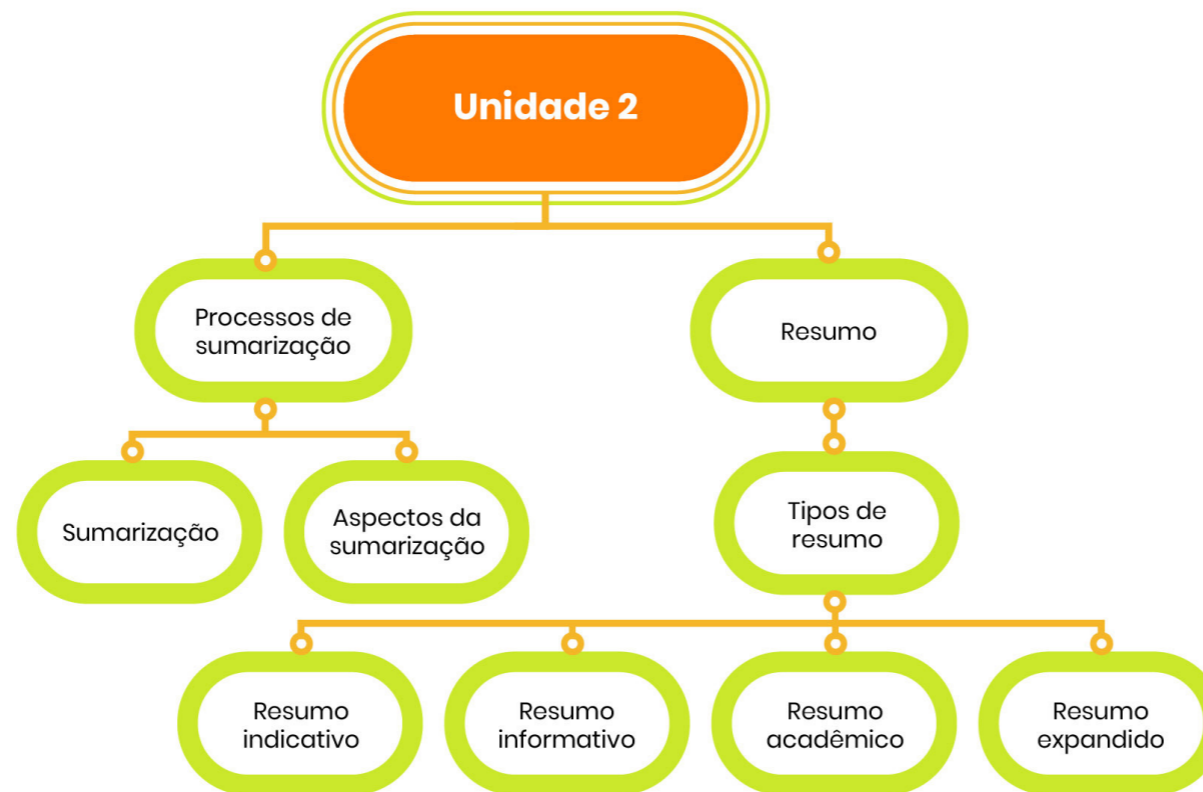
Ilane Ferreira Cavalcante



Sumarização e Resumo Acadêmico

Esta Unidade Didática está organizada em duas seções que tratam, respectivamente, do processo de sumarização, essencial para a leitura voltada para o aprendizado e para a produção de textos acadêmicos, e da estrutura prototípica do resumo, conforme você pode perceber no organograma a seguir.

Organograma 01 – Sumarização e resumo acadêmico.



Fonte: Ilustrado por Eriwelton Paz/Proeja. Adaptado de Ilane Cavalcante, 2018.

Objetivo de Aprendizagem

Ao final desta Unidade, esperamos que você possa:

- » Compreender a diferença entre índice, sumário e resumo.
- » Conhecer e aplicar técnicas de sumarização de textos.
- » Conhecer os diferentes tipos de resumo.
- » Compreender como elaborar um resumo acadêmico.

Para conhecer o tema

Canção do Exílio Facilitada

lá?
ah!
sabiá...
papá...
maná...
sofá...
sinhá...
cá?
bah!



CONTEÚDO DISPONÍVEL NO LINK

José Paulo Paes¹

Fonte: ARAÚJO, Gilberto. Série Canções do exílio – José Paulo Paes. **Conpoema**, 2011. Disponível em: <http://conpoema.org/?p=7026>. Acesso em: 03 jun. 2018.

¹ José Paulo Paes (1926-1998) foi poeta, tradutor, ensaísta e crítico literário brasileiro.

A maioria dos brasileiros conhece o poema *Canção do Exílio*, de Gonçalves Dias, datada de 1847, quando o autor estava em exílio voluntário na Europa, estudando. Nessa canção, a pátria, o Brasil, aparece exaltada em suas belezas naturais que superam a nação europeia onde se encontra o autor. Esse poema é um dos mais parafraseados e parodiados² da literatura nacional. Um exemplo de paráfrase pode ser encontrado nos versos do Hino Nacional que reproduzem o poema (Teus risonhos, lindos campos têm mais flores/Nossos bosques têm mais vida/Nossa vida, no teu seio, mais amores).

O poema original, assim como o Hino, apresenta um vocabulário formal e culto, diferente do poema de José Paulo Paes, exibido inicialmente. Assim, o poema de Paes se apresenta como “simplificado”, resumido. O que se resume aí? Evidentemente, ele substitui a linguagem por uma mais informal, mais coloquial. A ideia de ressaltar a beleza pátria, no entanto, permanece. Nessa permanência, porém, a fauna e a flora de pendor ufanistas não estão mais em foco, embora ainda se apresente o sabiá, o autor ressalta mesmo os elementos que trazem o aconchego e a convivência familiar (papá, maná, sofá, sinhá).

² Paródia é a recriação de uma obra já existente, subvertendo de forma irônica, sarcástica ou cômica a sua intenção comunicativa original. Paráfrase é a reescrita de um texto original, alterando sua linguagem, mas mantendo sua intenção comunicativa original.

Ao invés dos versos de sete sílabas que compõem o original, pequenos versos dissílabos, com rima final sempre aberta (em A) e reticências, como se apenas remeter a esses substantivos comuns, próprios da vivência com a terra materna, pudesse ser o suficiente para remeter à saudade. As reticências trazem os não ditos, o que permanece na memória nostálgicamente. O que se percebe é que José Paulo Paes consegue remeter, em poucas e certas palavras, ao mesmo sentimento de saudade indicado pelo poema original, mas distorce o sentido da saudade do poema original, apontando para uma saudade não da pátria, mas da mátria, da terra mãe, do lar, do aconchego, da família. Nesse sentido, ele simplifica, ele resume, sumariza o texto original, mas o texto dele ganha em sentidos em relação ao texto de Gonçalves Dias.

Simplificação e sumarização são os temas de nossa Unidade Didática, não sob o viés da saudade, do exílio ou da literatura, mas sob a perspectiva da leitura e da produção dos gêneros acadêmicos, técnicos e científicos. Vamos à leitura!

Sumarização

Lorem ipsum bissetis ea quia qui sitatio ipsum excerov idignisit aspictatur? Uga. Ipsam fugit eos velique nessin pre pe remquodi volo bla que essedi cumquatum rectorro et et am que porat fugita cusandis aut magnis vel millest orerum faci nihit volum quiae con pro magnime voloreptur aspe re ex ex ea vendipi tibuscim natus dolenime alia doluptam, et eum, quatum rem hillis vendem qui corum ut ium volor res sim autempo rrovitis ium quis dolorem. quias nonseca eriaspi citata dempos et ut invelic tem haruntus et omnient res autem labo. Itat. Ebissetis ea quia qui sitatio ipsum excerov idignisit aspictatur? Uga. Ipsam fugit eos velique nessin pre pe remquodi volo bla que essedi cumquatum rectorro et et am que porat fugita cusandis aut magnis vel millest orerum faci nihit volum quiae con pro magnime voloreptur aspe re ex ex



Fonte: Ilustrado por Eriwelton Paz/Proeja, 2018.

Etimologicamente, a palavra resumo origina-se do verbo latino *sumere*, ou seja, reduzir, diminuir, sintetizar. O adjetivo *sumarius* pode ser traduzido como simples, feito sem formalidades ordinárias, isto é, resumidamente e, portanto, breve e sem delongas. A sumarização é uma atividade em que reduzimos ao mínimo necessário, ou fundamental,

aquilo que lemos, soubemos, conhecemos. Torna-se cada dia mais importante devido ao grande volume de informações produzido diariamente.

O mais difícil hoje, aliás, não é encontrar as informações, pois as temos aos borbotões, por todos os lados, nas bancas de jornal, na televisão, na *internet*. O difícil mesmo é selecionar as informações relevantes, identificar aquilo que é mais plausível, mais adequado, mais correto. Fazer uma seleção requer não só uma boa base de conhecimentos, mas a capacidade de fazer uma leitura rápida e crítica a qual nos permita identificar, em breves palavras, o conteúdo de um determinado texto. Ou seja, fazemos uma sumarização dos assuntos e identificamos se determinado texto nos é útil ou não em determinado momento. Sumarizar e resumir são sinônimos, mas o processo de sumarização não leva necessariamente apenas à produção do gênero resumo. O processo de sumarização é um instrumento útil na elaboração de textos de natureza técnica, científica e acadêmica, pois esse procedimento ajuda a fixar o conhecimento adquirido através da leitura e auxilia na elaboração dos próprios textos.



LEMBRE-SE

O processo de sumarização não deve ser confundido com o sumário ou com o índice de alguma publicação. Veja a diferença:

Sumário é uma “enumeração das divisões, seções e outras partes de uma publicação, na mesma ordem e grafia em que a matéria nele se sucede.”

Índice é uma “lista de palavras ou frases, ordenadas segundo um critério predefinido, que localiza e remete para as informações contidas no texto.” Assim, é possível encontrar diferentes tipos de índices – índice de assuntos, índice de autores, entre outros.

No campo da sumarização humana, por exemplo, encontramos vários tipos de textos oriundos de sumarização: resenhas, sinopses, sumários de novelas, extratos de livros científicos, resumos de previsões meteorológicas, entre outros. Cada um desses tipos envolve pressuposições e características diversas, assim como conteúdos e correspondência com suas variadas fontes.

Com esses exemplos, referimo-nos a uma característica importante da sumarização: a variação de conteúdo informativo pressupõe uma multiplicidade sentencial ou estrutural dos textos e, portanto, a possibilidade de se produzir mais de uma síntese para um mesmo texto.

O importante é notar que sumarizar implica:

- a)** remeter, necessariamente, a eventos ou textos originários;
- b)** ser construído tendo em mente que não pode haver perda do significado original, muito embora contenha menos informações e possa apresentar diferentes estruturas em relação a suas fontes.

Para exercitar nosso processo de sumarização, tomemos como exemplo apenas os parágrafos iniciais de um texto mais longo, como você pode ver no Exemplo 1:



EXEMPLO 1

Leonardo Boff

02/05 às 00h14

A cultura, o nascedouro da utopia Brasil

Leonardo Boff *

Praticamente todos os grandes analistas da nação **brasileira**, a começar por Joaquim Nabuco e culminando com Darcy Ribeiro tinham os olhos voltados para o passado: como se formou este tipo de sociedade que temos com características indígenas, negras, ibéricas, europeias e asiáticas. Foram detalhistas a exemplo de um Gilberto Freyre, mas não dirigiam os olhos para frente: que utopia nos move e como vamos concretizá-la historicamente.

Todos os países que se firmaram, **projetaram** seu sonho maior e bem ou mal o realizaram, às vezes, como os países europeus, penalizando pela colonização, outros povos na África, na América Latina e na Ásia. Geralmente é num contexto de crise que se elabora a utopia, como forma de encontrar uma saída. Celso Furtado que além de um renomado economista era um agudo observador da cultura nos diz num livro que deve ser meditado pelos que se interessam pelo futuro do país: "Brasil: a construção interrompida": "Falta-nos a experiência de provas cruciais, como as que conheceram outros povos cuja sobrevivência chegou estar ameaçada" (1992, p.35). Não nos faltaram situações críticas que seriam as chances para elaborar a nossa utopia. Mas as forças conservadoras e reacionárias "se empenharam em interromper o nosso processo histórico de formação de um Estado-nação" (p.35), por medo de perder seus privilégios.

E assim ficamos apenas com um **Brasil** do imaginário, gentil, forte, grande, a província mais ridente do planeta Terra. Mas fomos impedidos de construir um Brasil real que integrasse minimamente a todos, multicultural, tolerante e até místico.

Fonte: Jornal do Brasil³, 2018.

³ Disponível em: [https://ceseep.org.br/a-cultura-o-nascedouro-da-utopia-brasil-por-leonardo-boff/#iLightbox\[gallery4903\]/0](https://ceseep.org.br/a-cultura-o-nascedouro-da-utopia-brasil-por-leonardo-boff/#iLightbox[gallery4903]/0), 2018.

Sumarizando os parágrafos do texto de Leonardo Boff, podemos perceber que o primeiro parágrafo apresenta como ideia principal: os grandes analistas do Brasil sempre voltaram seu olhar para o passado (Joaquim Nabuco, Darcy Ribeiro, Gilberto Freyre) e não atentaram para o futuro.

O segundo parágrafo, por sua vez, estabelece um contraponto com o primeiro, indicando que, com exceção dos países colonizados, como os da África, América Latina e alguns da Ásia, a maioria dos países projetam seu ideal de nação e esse ideal, em geral, surge em contextos de crise. O parágrafo finaliza por dizer que, no Brasil, as crises não resultaram nessa projeção porque as forças de elite, conservadoras e reacionárias, impediram tal mudança para não perder seus privilégios.

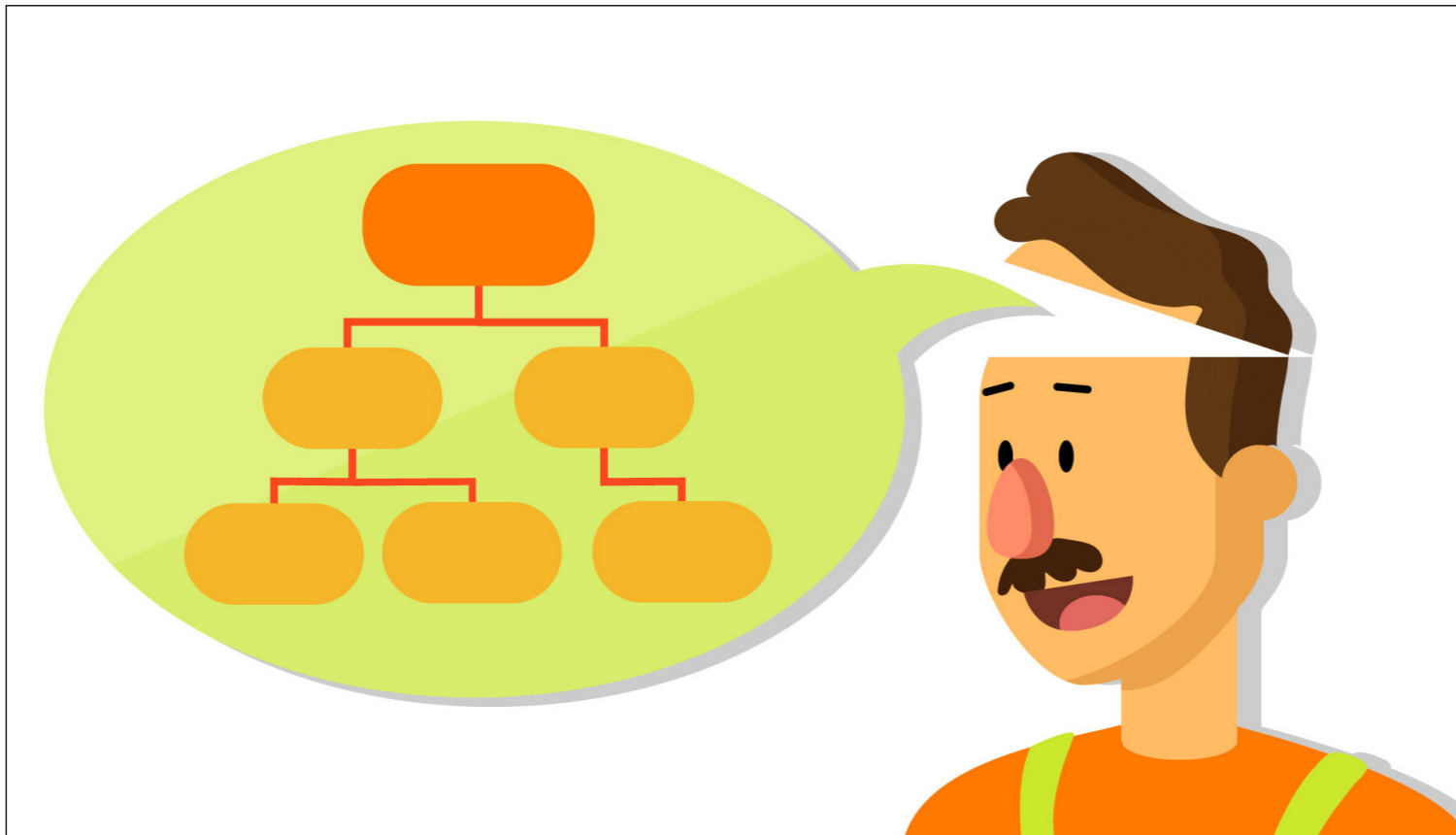
Por fim, o último parágrafo do fragmento indica que nós, brasileiros, criamos um imaginário de um país forte, mas fomos impedidos de construir esse país integrando de forma igualitária toda a sua diversidade.

Sumarizando ainda mais, poderíamos ter o seguinte esquema:

- a) Parágrafo 1:** os analistas do Brasil sempre voltaram seus olhos para o passado, fugindo a projeções sobre o futuro.
- b) Parágrafo 2:** as grandes nações (com exceção dos países colonizados) sempre projetaram seu ideal de país em momentos de crise. No Brasil, no entanto, a elite conservadora nunca permitiu essa projeção para não perder seus privilégios.
- c) Parágrafo 3:** Os brasileiros, em resultado, possuem uma nação forte, diversa e integrativa no imaginário e que não se concretiza na realidade.

Os demais parágrafos do texto poderiam ser sumarizados da mesma forma, parágrafo a parágrafo, ou poderia ser feito um esquema geral do texto. É preciso lembrar que a sumarização é um processo de leitura que permite a criação de vários gêneros textuais: um esquema, um sumário, um resumo, uma resenha, entre outros.

Aspectos da sumarização



Fonte: Ilustrado por Eriwelton Paz/Proeja, 2018.

Para sumarizar, deve-se reconhecer o que é relevante e o que pode ser descartado em um determinado texto. Mas esse também é o maior problema, pois a importância do conteúdo de um texto pode depender de fatores como:

- a)** os objetivos do autor;
- b)** os objetivos ou interesses de seus possíveis leitores;
- c)** a importância relativa (e subjetiva) que o próprio autor (ou leitor) atribui às informações textuais.

Assim sendo, analisar o conteúdo de um texto é uma das atividades mais importantes no processo de sumarização. É possível, por exemplo, seguir a forma como o assunto foi abordado pelos autores do texto, estabelecendo a mesma sequência de ideias.

Para sumarizar, faz-se necessário investigar a estrutura do discurso do texto original. E isso pode ser feito observando a rede de relações entre as sequências do texto.

Para tanto, é preciso que quem sumariza possua:

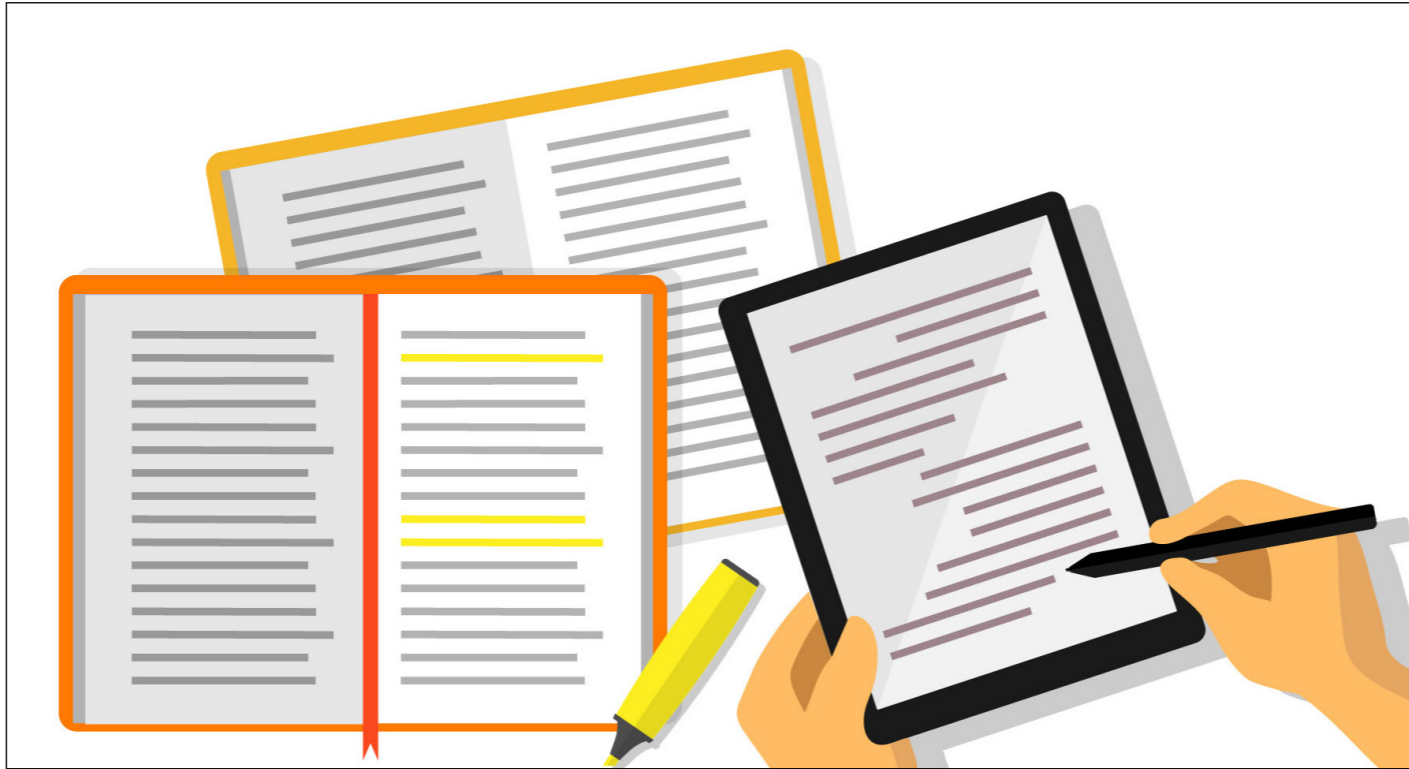
- a)** um bom domínio do assunto específico, de forma a conseguir abstrair ou generalizar as informações que lê;
- b)** um conhecimento prévio sobre aquele assunto.

Também é fundamental ler o texto mais de uma vez. Na primeira leitura, observamos o conteúdo geral e a estrutura do texto. Na segunda leitura, somos mais capazes de perceber, de forma analítica:

- » o plano geral da obra ou a ideia central do autor;
- » o propósito que norteou o autor;
- » as partes principais em que se estrutura o texto;
- » a ordem em que as diferentes partes do texto se organizam.

A partir da observação desses aspectos, já somos capazes de elaborar um bom resumo. E é sobre resumos que vamos tratar na próxima seção desta Unidade.

Formas de Resumo



Fonte: Ilustrado por Eriwelton Paz/Proeja, 2018.

O resumo tem por objetivo apresentar, com fidelidade, os fatos essenciais contidos num texto. Sua elaboração é bastante complexa, já que envolve habilidades como leitura competente, análise detalhada das ideias do autor, discriminação e hierarquização dessas ideias e redação clara e objetiva do texto final. Em contrapartida, dominar a técnica de fazer resumos é de grande utilidade para qualquer atividade intelectual que envolva seleção e apresentação de fatos, processos, ideias etc.

Resumos são, igualmente, ferramentas úteis ao estudo e à memorização de textos escritos. Além disso, textos falados também são passíveis de resumir. Anotações de ideias significativas ouvidas no decorrer de uma palestra, por exemplo, podem vir a constituir uma versão resumida de um texto oral.

O resumo pode se apresentar de várias formas, conforme o objetivo a que se destina. No sentido estrito, padrão, o resumo deve reproduzir as opiniões do autor do texto original, a ordem como essas ideias são apresentadas e as articulações lógicas do texto, sem emitir comentários ou juízos de valor. Dito de outro modo, trata-se de reduzir o texto a uma fração da extensão original, mantendo sua estrutura e seus pontos essenciais.

Quando não há a exigência de um resumo formal, o texto pode igualmente ser sintetizado de forma mais livre, com variantes na estrutura. Uma maneira é iniciar com expressões como: “No texto de..., publicado em..., o autor apresenta/discute/analisa/critica/questiona... tal tema, posicionando-se de tal forma...”. Essas expressões têm a vantagem de dar ao leitor uma visão prévia e geral, orientando assim, a compreensão do que segue. Esse tipo de resumo pode, se for pertinente,

vir acompanhado de comentários e julgamentos sobre a posição do autor do texto e até sobre o tema desenvolvido.

Em qualquer tipo de resumo, entretanto, dois cuidados são indispensáveis: buscar a essência do texto e manter-se fiel às ideias do autor. Copiar partes do texto e fazer uma “colagem”, sob a alegação de buscar fidelidade às ideias do autor não é permitido, pois o resumo deve ser o resultado de um processo de “filtragem”, uma (re)elaboração de quem resume.

Uma sequência de passos eficiente para fazer um bom resumo é a seguinte:

1. Ler atentamente o texto a ser resumido, assinalando nele as ideias que parecem significativas à primeira leitura.
2. Identificar o gênero a que pertence o texto (uma narrativa, um texto opinativo, uma palestra, um discurso político, um relato cômico, um diálogo etc.).
3. Identificar a ideia principal.

4. Identificar a organização – articulações e movimento – do texto (o modo como as ideias secundárias se ligam logicamente à principal).
5. Identificar as ideias secundárias e agrupá-las em subconjuntos (por exemplo: segundo sua ligação com a principal, quando houver diferentes níveis de importância; segundo pontos em comum, quando se perceberem subtemas).
6. Identificar os principais recursos utilizados pelo(s) autor(es) do texto (exemplos, comparações e outras vozes que ajudam a entender o texto, mas essas comparações e comentários não devem constar no resumo formal, apenas no livre, quando necessário).
7. Esquematizar, quando o texto for mais complexo, o resultado desse processamento.
8. Redigir o texto.

Formalmente, os livros de metodologia científica e a NBR 6028/2003, da ABNT, admitem a existência de três tipos de resumo. Vamos organizá-los aqui em ordem de dificuldade, do mais fácil para o mais difícil.

Indicativo ou descritivo

Esse tipo de resumo faz referência às partes mais importantes do texto. Ao escrevê-lo, você não deve entrar em detalhes como exemplos, dados qualitativos ou quantitativos. Para elaborá-lo, deve-se utilizar frases curtas, cada uma correspondendo a um elemento importante do texto a ser apresentado. Esse resumo não dispensa a releitura do texto, pois apenas descreve a sua natureza, forma e propósito. Um bom exemplo desse tipo de resumo são as sinopses de filmes e livros que são publicadas em revistas de grande circulação nacional ou em *sites* de divulgação na *internet*. Observe o exemplo a seguir:



EXEMPLO 2

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender: os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2006. Disponível em: <https://www.editoracontexto.com.br/produto/ler-e-compreender-os-sentidos-do-texto/1496555>. Acesso em: 30 maio 2018.

Ingedore V. Koch, uma das mais importantes autoras de obras de Língua Portuguesa e Linguística em nosso país, com a colaboração de Vanda Maria Elias, apresenta neste livro seu pensamento sistematizado como uma ponte entre teorias sobre texto e leitura e práticas docentes. Escrito, principalmente, para professores do ensino fundamental e médio, *Ler e compreender* simplifica sem banalizar as concepções da professora Ingedore. A leitura de um texto exige muito mais que o simples conhecimento linguístico compartilhado pelos interlocutores: o leitor é, necessariamente, levado a mobilizar uma série de estratégias, com o fim de preencher as lacunas e participar, de forma ativa, da construção do sentido. Dessa forma, autor e leitor devem ser vistos como estrategistas na interação pela linguagem. O objetivo deste livro é, portanto, apresentar, de forma simples e didática, as principais estratégias que os leitores têm à sua disposição para construir um sentido que seja compatível com a proposta apresentada pelo seu produtor.

Verifique que o resumo, no Exemplo 2, apresenta um livro. Sua função é indicar o conteúdo e alguns temas apresentados ao longo do livro, em linhas gerais, mas esse resumo não substitui a leitura do livro, o que ele pode gerar é interesse no leitor.

Informativo ou analítico

Esse tipo de resumo contém todas as informações principais apresentadas no texto e permite dispensar a leitura desse último; portanto, é mais amplo do que o anterior. Tem a finalidade de informar o conteúdo e as principais ideias do autor, salientando:

- a) os objetivos e o assunto;
- b) os métodos e as técnicas que ele utilizou;
- c) os resultados e as conclusões a que ele chegou.

Quando esse resumo é escrito pelo autor do texto, também pode ser considerado um *abstract*, ou seja, um resumo acadêmico, aquele que antecede um artigo, uma dissertação ou uma tese.



EXEMPLO 3

O texto “Proeja e Inclusão Escolar no Instituto Federal do Rio Grande do Norte: um estudo de caso”⁴ apresenta partes dos resultados de um estudo de caso sobre as necessidades especiais dos alunos de uma turma do PROEJA no Instituto Federal do Rio Grande do Norte. Fundamenta-se no paradigma da inclusão, que percebe o sujeito com suas singularidades, cujos objetivos são o crescimento, a satisfação pessoal e a inserção social de todos na escola e na sociedade. Seu objetivo é refletir sobre o paradigma da inclusão escolar na perspectiva desse Programa por meio da coleta e análise de dados para identificar construções teóricas e metodológicas inclusivas, a partir de autores que tratam da Educação de Jovens e Adultos, do Ensino Integrado e da Educação Inclusiva, articulando a base teórica com as orientações do Documento Base do PROEJA, do Projeto Político Pedagógico do Instituto Federal do Rio Grande do Norte e com o processo de ensino e aprendizagem, discutindo as necessidades especiais que podem estar interferindo nos modos de ser e atuar dos estudantes. As fontes recolhidas e os dados coletados indicam que a inclusão dos estudantes do PROEJA ainda não ocorre de forma satisfatória na instituição, posto que foi garantido o acesso, mas não a permanência e êxito desses estudantes.

⁴ (VENTURA; CAVALCANTE, 2010, p. 116) Adaptado para esta Unidade.

O resumo exposto no Exemplo 3 é um resumo acadêmico, escrito pelas autoras de um artigo científico publicado em um periódico. Observe como se estrutura esse resumo. Em primeiro lugar, contextualiza-se a pesquisa: “O texto ‘Proeja e Inclusão Escolar no Instituto Federal do Rio Grande do Norte: um estudo de caso’ apresenta partes dos resultados de um estudo de caso sobre as necessidades especiais dos alunos de uma turma do PROEJA no Instituto Federal do Rio Grande do Norte.” Essa contextualização indica de que se trata o estudo desenvolvido no artigo.

Em seguida, o resumo apresenta os principais conceitos que embasam a pesquisa e o texto resumido: “Fundamenta-se no paradigma da inclusão, que percebe o sujeito com suas singularidades, cujos objetivos são o crescimento, a satisfação pessoal e a inserção social de todos na escola e na sociedade.” Nessa apresentação conceitual, caberia, também, acrescentar os principais teóricos utilizados, que não foram referenciados neste resumo, as autoras preferiram referenciar, logo após os objetivos, os principais conceitos teóricos com que trabalham.

Na sequência, o resumo apresenta os objetivos da pesquisa realizada: “Seu objetivo é refletir sobre o paradigma da inclusão escolar na perspectiva desse Programa” e, mesclado aos objetivos, a metodologia e os principais aspectos teóricos que as fundamentam: “por meio

da coleta e análise de dados para identificar construções teóricas e metodológicas inclusivas, a partir de autores que tratam da Educação de Jovens e Adultos, do Ensino Integrado e da Educação Inclusiva, articulando a base teórica com as orientações do Documento Base do PROEJA, do Projeto Político Pedagógico do Instituto Federal do Rio Grande do Norte e com o processo de ensino e aprendizagem, discutindo as necessidades especiais que podem estar interferindo nos modos de ser e atuar dos estudantes”. Para finalizar, as autoras apresentam suas conclusões ou resultados: “As fontes recolhidas e os dados coletados indicam que a inclusão dos estudantes do PROEJA ainda não ocorre de forma satisfatória na instituição, posto que foi garantido o acesso, mas não a permanência e êxito desses estudantes.”

Ao procurar referências e material para leitura, um pesquisador pode, a partir do resumo apresentado neste exemplo 3, escolher ler ou não o artigo que ele resume. Essa é a função do resumo informativo, apresentar o trabalho de tal forma que a leitura do texto completo possa ser evitada, caso não se aplique às necessidades do pesquisador que busca fontes para seu trabalho.

Em geral, os motivos para elaborar um resumo acadêmico são, para o produtor do resumo, a participação em algum evento científico ou a

publicação de um determinado trabalho que se compõe, entre outros elementos, por um resumo, por exemplo, um artigo.

Em linhas gerais, um resumo dessa natureza se compõe de:

- a)** Traços estilísticos comuns (informações comumente presentes e a forma como estão dispostas).
- b)** E o texto deve responder a alguns itens:
 1. O que (objetivo)?
 2. Como (metodologia)?
 3. A partir de quem/de qual referencial teórico (fundamentação teórica)?
 4. Por que (justificativa/contextualização)?
 5. Quando e onde (recorte temporal e espacial)?
 6. A que se chegou (resultados)?
- c)** A escolha criteriosa de palavras-chave (que não são apenas palavras, podem ser expressões) é fundamental.

Por fim, cabe ter atenção às orientações do evento/revista a que será submetido o resumo. A ABNT é uma norma, mas não é obrigatória, cada evento ou periódico pode usá-la ou não. Também há normas internacionais que são utilizadas além da ABNT.

Crítico

Esse tipo de resumo também é chamado de resenha por alguns autores. Ele não só resume o texto, mas apresenta uma determinada opinião crítica sobre o texto resumido.

Geralmente é escrito por especialistas, ou seja, por pessoas que pesquisam ou estudam o tema que o texto resumido aborda. Quando, nesse tipo de resumo, o produtor do resumo se debruça sobre uma determinada edição de uma obra, entre várias, ele pode ser denominado de recensão.

Por sua semelhança com a resenha, vamos deixar para comentar mais detalhadamente esse formato ao falarmos sobre esse outro gênero textual. No caso, as demais regras aqui apresentadas para a produção de resumos também se aplicam ao resumo crítico. Em termos de estrutura textual, ele deve apresentar todos os elementos que um resumo acadêmico e ser agregado de uma reflexão crítica sobre a obra resumida,

indicando sua relevância em relação à área em que se insere, à obra do autor ou a partir de outro recorte escolhido por quem está produzindo o resumo. O que não se pode esquecer é que essa reflexão crítica seja amparada por conhecimento na área, isto é, não seja apenas fruto da opinião de quem resume.



LEMBRE-SE

- Não pretender resumir sem ler e compreender o texto original.
- Ao ler, sublinhar ou anotar os aspectos mais importantes do texto.
- Ser breve e compreensível.
- Se for necessário, transcrever textualmente o original, usar aspas e fazer referência completa à fonte (não se aplica a resumos acadêmicos).
- Juntar, especialmente ao final, ideias integradoras, referências, críticas (no caso do resumo crítico).
- Para a ABNT: o resumo deve ser precedido da referência do documento, com exceção do resumo inserido no próprio documento.

O resumo expandido não é um gênero previsto pela ABNT, mas acrescentamos aqui porque tem se tornado cada vez mais presente em eventos e em publicações oriundas de eventos acadêmicos, técnicos e científicos. Ele apresenta todos esses elementos, mas deve se parecer mais com um artigo do que com um resumo. Deve incluir referências, comparações com trabalhos relacionados e outros detalhes esperados em um texto acadêmico.

O resumo expandido deve incluir referencial teórico, objetivos e metodologias de forma mais detalhada que um resumo acadêmico. Ele também inclui as referências, as comparações com trabalhos relacionados e outros detalhes esperados em um trabalho que deverá ser divulgado na comunidade acadêmica. Um resumo expandido é, portanto, um documento no qual as ideias podem ser entendidas.

Para escrever um resumo expandido, você deve ter uma atenção diferenciada para capturar os detalhes de texto original sem se distanciar do assunto central, nem perder a coesão e a coerência. Em geral, o resumo expandido deve ter 4 ou 5 páginas, mas isso pode variar conforme o evento ou periódico a ser submetido.

O texto geralmente é formatado para o tamanho de página A4, conforme a ABNT ou as normas de formatação do evento ou periódico.

É preciso elaborar um título claro e conciso que atenda bem ao conteúdo do texto, aliás, como em qualquer outro trabalho dessa natureza.

Os elementos textuais tradicionais em um resumo expandido são:

- a)** Título.
- b)** Nome dos autores.
- c)** Resumo.
- d)** Palavras-chave (no mínimo 03 palavras ligadas ao tema).
- e)** Titulação dos autores (em geral, no rodapé).
- f)** Introdução.
- g)** Materiais e Métodos.
- h)** Resultados e Discussão.
- i)** Considerações Finais.
- j)** Referências.

Os resumos acadêmicos são, em geral, gêneros produzidos para eventos, assim, eles também apresentam resultados de pesquisa que foram realizadas parcial ou totalmente. Dessa forma, também são produzidos, geralmente, pelo pesquisador, ou pesquisadores, responsável ou responsáveis pela pesquisa, como um resumo acadêmico. Com isso, queremos dizer que um resumo expandido, em geral, é um gênero resultado de uma experiência de pesquisa e não um gênero produzido a partir da leitura de um texto original de outrem.

Lembre-se de que esses elementos podem estar divididos em tópicos ou não. O que é relevante constar no resumo expandido está listado e explicado a seguir e você pode observar que também se aplicaria a um artigo científico ou acadêmico, porque, na verdade, o resumo expandido se parece muito com um artigo, mas em menores proporções, dado o quantitativo de páginas de que ele se constitui.

Listando os elementos prototípicos desse tipo de resumo e explicando de que esses elementos se constituem, temos:

- 1. Área de estudo:** área escolhida para analisar o problema ou área disponível no evento para submissão.
- 2. Palavras-chave:** são palavras, termos, expressões mais importantes entre as ideias que o texto reúne a respeito do tema. Geralmente, são estabelecidas entre 3 e 5 palavras-chave.
- 3. Introdução:** em geral, expõe brevemente o porquê da escolha do assunto, a justificativa de sua relevância e o contexto: espaço, tempo e sujeitos envolvidos. Assim como se deve apresentar o tema e as questões norteadoras da pesquisa.
- 4. O problema:** o ideal é que seja descrito em um parágrafo, no máximo, com objetividade.
- 5. Fundamentação teórica:** indicação dos autores e sua referência (ano da obra lida entre parênteses), assim como os conceitos envolvidos na análise do objeto de estudo que o texto original apresenta. Nesse caso, você precisa de obras e autores de referência da área, autores com pesquisas já realizadas. É preciso elaborar um texto sintético, indicando apenas aqueles autores e conceitos que são mais importantes.

- 6. Objetivos:** definir pelo menos um objetivo geral, já que o texto é muito curto.
- 7. Metodologia:** é sempre imprescindível apresentar o método e os procedimentos metodológicos utilizados para desenvolver a pesquisa. Os instrumentos que foram utilizados, a delimitação do espaço (lócus da pesquisa) e o tempo (recorte do período que é foco da pesquisa apresentada). Também é relevante agregar exemplos dos procedimentos utilizados: observação, entrevistas, questionários abertos ou fechados, revisão bibliográfica ou outro.
- 8. Resultados:** podem ser apresentados os resultados parciais ou finais obtidos até o momento, com relação ao alcance do objetivo exposto e a análise crítica possível.
- 9. Considerações finais ou Conclusão:** deve-se apresentar uma retomada de todo o texto e até indicar possibilidades de desenvolvimento de outras pesquisas a partir da apresentada no resumo.
- 10. Referências:** relação de textos e autores citados no resumo conforme a ABNT ou normas do periódico ou evento.

Síntese da Unidade

Na primeira seção desta Unidade, você pôde perceber que o processo de sumarização é fundamental para produzir vários gêneros textuais no universo das produções técnicas acadêmicas e científicas. Você conheceu alguns passos necessários nesse processo de sumarização, bem como suas possibilidades de utilização para a produção de resumos, assunto desenvolvido na segunda seção da Unidade. A segunda seção se debruça sobre os vários tipos de resumo, os que estão previstos pela NBR 6028 da ABNT e outros, também solicitados por professores de graduação e pós-graduação, que são necessários para a produção de gêneros técnicos, acadêmicos e científicos tais como artigos, dissertações e teses. Você ainda conheceu a estrutura de resumos solicitados por eventos e periódicos.

Leitura Complementar



Você quer aprender mais sobre a produção de resumos? Leia o livro *Resumo*, que é bem didático e pode ser muito útil para estudar esse gênero.

MACHADO, Anna Raquel; LOUSADA, Eliane; ABREU-TARDELLI, Lília Santos. **Resumo**. São Paulo: Parábola editorial, 2004.

Avaliação de Aprendizagem

1. Analise os resumos a seguir (adaptados para esta atividade), observando se eles apresentam os elementos esperados na produção de um resumo acadêmico: objetivo, metodologia, referencial teórico, contextualização temática, recorte espacial e ou temporal, resultados. Não deixe também de perceber se as palavras-chave estão adequadas.

RESUMO 1

O lugar da sensibilidade no fenômeno ético: reflexões sobre Kant e Levinas.

O presente artigo é fruto das reflexões e pesquisas realizadas no Grupo de Pesquisa Ética, Educação e Sociedade. Por meio de estudo exploratório, pretende-se problematizar duas vozes contrastantes em relação ao lócus da sensibilidade no fenômeno ético, não para compará-las, mas para destacar o contraste e metodologicamente sustentarmos uma fricção de suas propostas para mantermos as diferenças. Para este trabalho, não nos interessa os resultados em termos de saber se Kant é mais verdadeiro do que Levinas ou vice-versa, mas alimentarmos um debate que visa resgatar e problematizar o elemento da sensibilidade (tais como o corpo, as paixões, os afetos) na tradição filosófica em geral e no discurso ético, em particular. Se para Kant a ação ética prescinde da sensibilidade. Para Levinas, a ação ética ocorre no encontro sensível com a alteridade, através da fruição, da aproximação e da vulnerabilidade.

Palavras-chave: Sensibilidade; Ética; Kant, Levinas; Educação

RESUMO 2

Que universidade para que sociedade?

A universidade é uma das instituições mais duradouras da história, embora ela venha se transformando ao longo dos séculos, desde sua criação original na Europa, nos idos do século XI. Apesar de sua longevidade, nem sempre sua existência foi inquestionável, pois, em diversos momentos, as sociedades, os governos e os Estados colocaram em xeque a necessidade de sua permanência e de sua forma organizativa. Neste sentido, entendemos que as políticas educacionais compreendem parte do repertório de iniciativas e de regulações que visam a articulação entre aquelas esferas, sobretudo quando pensamos acerca de qual é a concepção que se tem acerca da educação superior e suas finalidades sociais e econômicas. Para além dos discursos, mas, necessariamente, a eles associados, decisões concretas e pragmáticas precisam ser tomadas, como, por exemplo, prioridades quanto à distribuição de recursos públicos. Assim, procura-se problematizar a universidade tendo em vista sua articulação com o Estado, com o governo e com a sociedade, tendo em conta as diversas demandas, expectativas, necessidades dos diversos atores sociais.

Palavras-chave: universidade, modelo de sociedade, política pública, política de educação, educação superior.

RESUMO 3

Avaliação da aprendizagem de estudantes com deficiência na educação superior

Aborda a avaliação de estudantes com deficiência no contexto da educação superior na perspectiva da educação inclusiva e evidencia as inquietações docentes diante desse desafio. Parte da concepção da avaliação como um processo multifacetado e destaca alguns de seus aspectos, como a aprendizagem discente. O texto está inspirado em um excerto da tese de doutorado da autora, cujo objetivo foi tensionar a inclusão de estudantes com deficiência na educação superior e compreender os efeitos desse processo na docência universitária. O material empírico, gerado por meio de entrevistas narrativas realizadas com professores que atuam junto a estudantes com deficiência em diferentes cursos de graduação, em duas universidades de Santa Catarina, foi examinado sob a perspectiva da análise do discurso, amparada em referenciais foucaultianos. O estudo aponta que a presença de estudantes com deficiência na docência universitária potencializa os conflitos inerentes à prática avaliativa da aprendizagem, caracterizada, predominantemente, como classificatória e seletiva,

enquanto os movimentos da inclusão produzem subjetividades solidárias. No encontro com estudantes com deficiência, os professores descobrem a pluralidade da inclusão, passando a compreendê-la como um desafio que provoca desassossegos, mas também a desconstrução de olhares padronizados e a compreensão de que, para ensinar e avaliar, é preciso aprender com a diferença.

Palavras-chave: inclusão na educação; estudantes com deficiência; docência universitária

Produção de Textos Científicos

Unidade III

Resenha e artigo científico

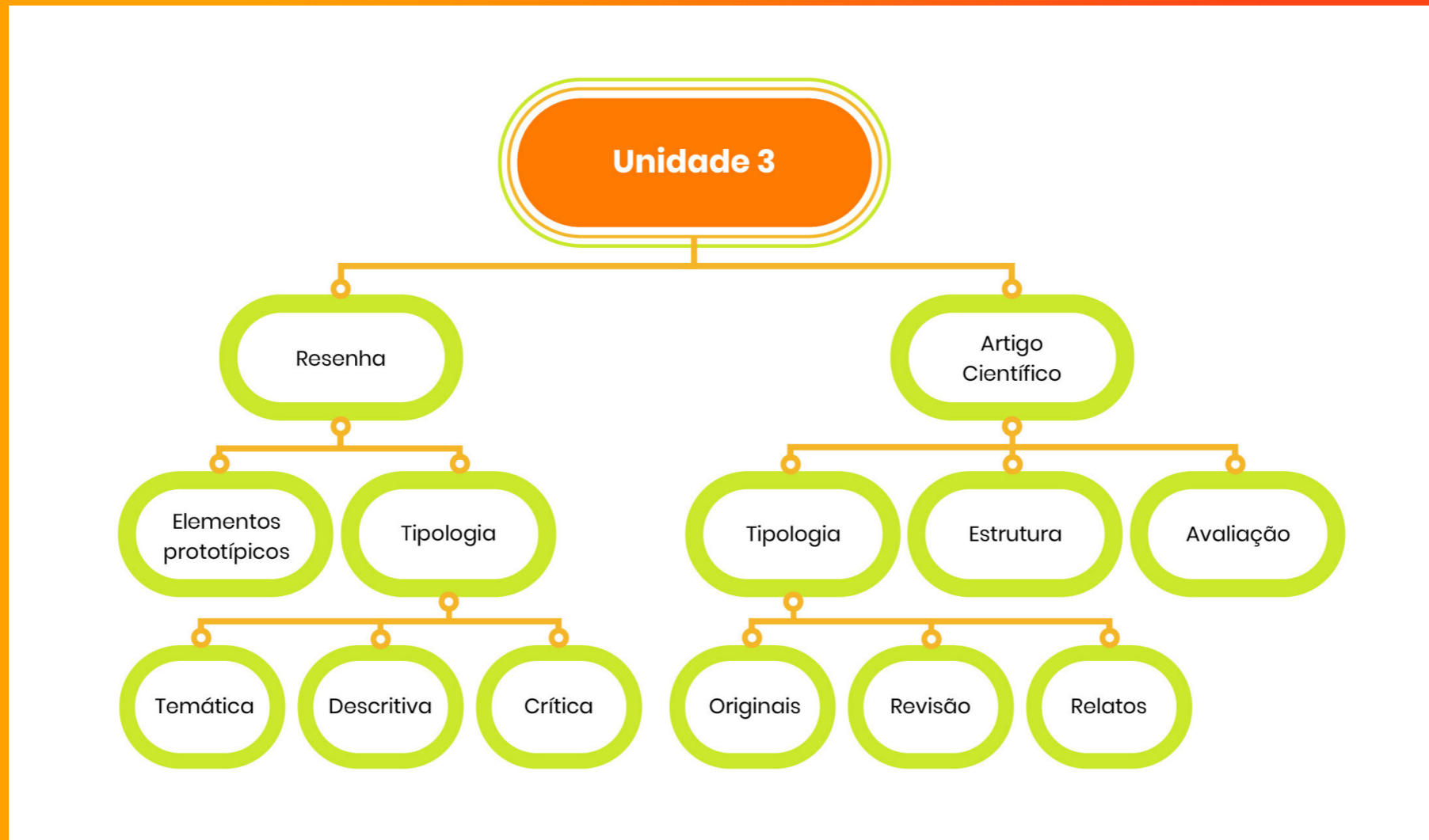
Ilane Ferreira Cavalcante



Objetivo de Aprendizagem

Esta Unidade Didática, assim como as anteriores, está organizada em duas seções que tratam, respectivamente, da estrutura e da produção de uma resenha de caráter acadêmico e da estrutura prototípica de um artigo científico, tanto sob a perspectiva do produtor quanto do leitor desse gênero textual. A estrutura desta Unidade pode ser conferida no Organograma 1:

Organograma 01 – Conteúdos da Unidade III.



Fonte: Ilustrado por Eriwelton Paz/Proeja. Adaptado de Ilane Cavalcante, 2018.

Para conhecer o tema

Deve-se escrever da mesma maneira com que as lavadeiras lá de Alagoas fazem em seu ofício. Elas começam com uma primeira lavada, molham a roupa suja na beira da lagoa ou do riacho, torcem o pano, molham-no novamente, voltam a torcer. Colocam o anil, ensaboam e torcem uma, duas vezes. Depois enxáguam, dão mais uma molhada, agora jogando água com a mão. Batem o pano na laje ou na pedra limpa, e dão mais uma torcida e mais outra, torcem até não pingar do pano uma só gota. Somente depois de feito tudo isso é que elas dependuram a roupa lavada na corda ou no varal, para secar. Pois quem se mete a escrever devia fazer a mesma coisa.

Graciliano Ramos¹



CONTEÚDO DISPONÍVEL NO LINK

LINHAS TORTAS. Graciliano Ramos. [Rio de Janeiro], 2015. Disponível em: <http://graciliano.com.br/site/obra/linhas-tortas-1962/>. Acesso em: 03 jun. 2018.

¹ Graciliano Ramos (1892-1953) foi jornalista, contista, cronista, político e romancista brasileiro. Autor, entre outras obras, de *Vidas Secas* (1938), *São Bernardo* (1934) e *Memórias do Cárcere* (1953).

No fragmento textual em destaque, escrito por Graciliano Ramos, compara-se o ofício de escrever ao da lavadeira. A lavadeira, à beira do rio, como descrita pelo autor, desenvolve uma série de técnicas para retirar da roupa a sujeira: ela molha, torce, coloca anil, ensaboa, torce, bate com a roupa na pedra, molha novamente, torce, enxágua, estende para secar. Essa descrição minuciosa de procedimentos, que exige técnica e experiência, é o que Graciliano considera também imprescindível para o escritor. Ele precisa escrever, ler, reler, reescrever, retirar do texto o que sobra, o que está redundante, reler, reescrever, para, enfim, considerar o texto pronto e passível de ser lido.

Diferente do que o senso comum parece acreditar, que escrever é um dom, Graciliano Ramos defende a escrita como uma técnica, que exige procedimentos e muito trabalho por parte de quem produz o texto. Esse processo de leitura e de escrita é imprescindível aos gêneros acadêmicos que, em geral, se constituem a partir da leitura de outros gêneros e de outros autores. Discorreremos aqui, quanto à leitura, sobre como os gêneros dialogam entre si e como, no processo de leitura, você, às vezes, será solicitado a produzir textos que se debrucem sobre outros textos, como é o caso da resenha. Ou como será, também, instado a elaborar textos que apresentem os resultados de suas pesquisas ou de suas experiências com vistas à avaliação e/ou à publicação. Mãos à obra!

Seção 1

Resenha



Fonte: Pixabay, 2018.

Na aula anterior, ao mencionarmos o resumo crítico, informamos que iríamos discorrer mais sobre ele ao estudarmos a resenha, porque, muitas vezes, esse tipo de resumo e a resenha se confundem.

Mas o que é uma resenha? Você pode já ter ouvido ou utilizado essa palavra para referir-se a “fofocas”, “novidades”, algo assim. Talvez você já tenha “resenhado” nesse sentido, junto a seu grupo de amigos(as). Mas o uso técnico, acadêmico e científico da palavra diz respeito a um gênero textual. Como tal, a resenha é um texto que tem a função de apresentar outro texto, o qual pode ser um livro, um filme, um CD ou outro.

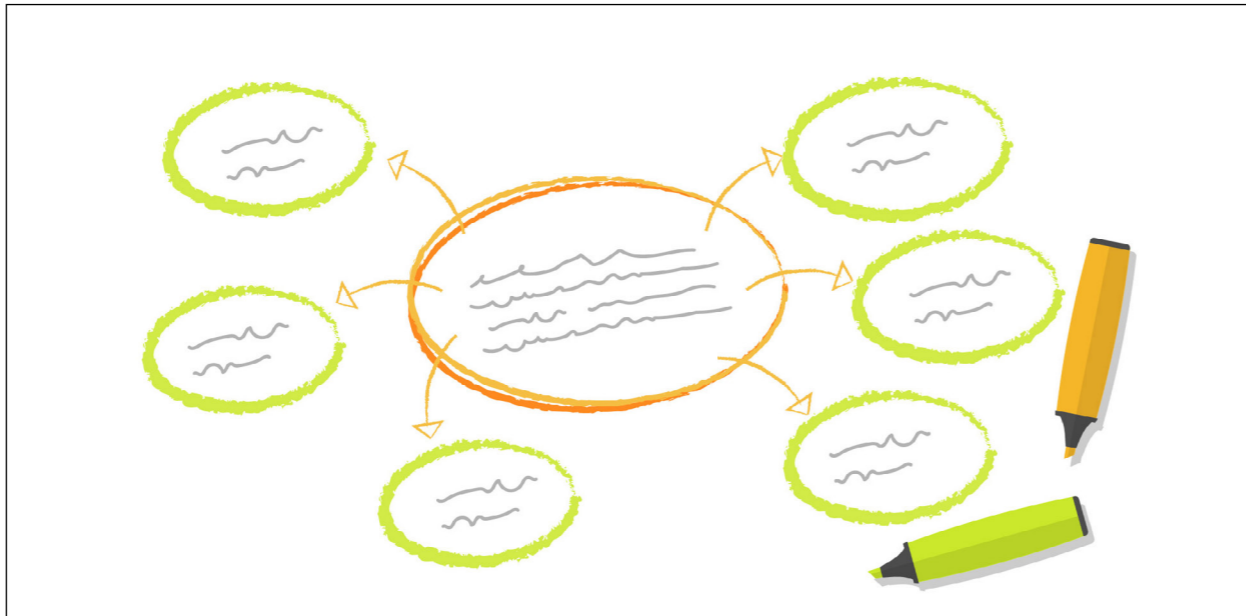
Você também já deve ter lido resenhas ao folhear revistas ou jornais e, muitas vezes, a resenha lida pode ter sido a responsável por você ter escolhido assistir a um filme ou comprar um livro. O objetivo da resenha, nesse tipo de suporte, é servir de guia para o leitor diante da selva de textos que compõe a produção cultural diária e que tende a confundir até os mais familiarizados leitores. Os textos circulam em diferentes suportes e, para cada um, alguns elementos podem variar em sua composição embora eles mantenham uma estrutura básica mais permanente.

Nesse tipo de resenha mais livre, você encontra não só uma sinopse do que vai encontrar naquele texto que está sendo apresentado, mas algumas críticas as quais podem servir de direção geral para a sua compreensão do texto original.

Assim, um bom resenhista, além de saber fazer um bom resumo, gênero visto na Unidade II, também deve saber expressar-se criticamente, equilibrando seu posicionamento crítico de forma elegante, isso quer dizer que não se deve elaborar uma resenha com o objetivo de, apenas, reclamar de um determinado texto que o resenhista achou ruim, é preciso ter bons argumentos, tanto para elogiar quanto para reclamar do texto resenhado.

Como um exercício de escrita, a resenha pode ser bem importante. Ela é útil como instrumento para o levantamento bibliográfico ou para estabelecer prioridades de leitura, ou ainda para estabelecer a necessidade de realizar o fichamento ou não do texto original. Além disso, propicia o desenvolvimento da mentalidade científica: da capacidade de síntese, de interpretação e de desempenho crítico. Mas, antes de qualquer coisa, conheça os elementos que compõem uma resenha e, depois, os seus tipos.

Elementos prototípicos de uma resenha



Fonte: Ilustrado por Eriwelton Paz/Proeja, 2018.

- 1. Identificação da obra:** apresente os dados bibliográficos essenciais do texto que você vai resenhar.
- 2. Apresentação da obra:** apresente essa obra no contexto da área ou da obra mais ampla do autor.
- 3. Identificação do autor:** apresente o autor da obra resenhada (não do autor da resenha que, no caso, é você). Você pode discorrer sobre a obra desse autor ou sobre a vida quando for pertinente para situar a obra resenhada.

- 4. Descrição da estrutura:** indique se o texto resenhado é um livro, a divisão em capítulos; no caso de outros gêneros, se há diferentes seções, qual o foco narrativo ou mesmo o plano geral em que se organiza o texto resenhado.
- 5. Descrição do conteúdo:** resuma de forma clara, precisa e objetiva o conteúdo do texto original.
- 6. Recomendação da obra:** com base na apresentação geral da obra, feita até agora, recomende-a. Procure não se basear em uma mera opinião, analise, de forma bem clara, para quem aquele texto pode ser útil. Utilize critérios sociais ou pedagógicos, baseie-se na relevância, na originalidade ou em outro critério técnico.
- 7. Assinatura e identificação:** em geral a apresentação do resenhista é inserida logo após o título (quando houver) ou ao final, junto a um breve currículo.

Essa é a estrutura geral de uma resenha, a qual pode variar conforme o tipo de resenha que você estiver produzindo. Outro aspecto importante na construção da resenha diz respeito ao discurso, ou seja, à construção da linguagem.

Convém deixar claro, a partir de verbos de dizer (que atribuem atos de fala), se você se refere ao autor do texto resenhado ou se o discurso é seu. A escolha de determinados verbos evidencia essa diferença, tais como: definir, descrever, discutir, confrontar, abordar etc.

Tipos de resenha



Fonte: Ilustrado por Eriwelton Paz/Proeja, 2018.

Sobre os tipos mais padronizados de resenha, a mais conhecida delas é a resenha acadêmica, que apresenta moldes mais rígidos, responsável pela normatização dos textos científicos, mas ela também pode ser estruturada a partir de três diferentes formatos: resenha crítica, resenha descritiva e resenha temática. Conheça cada um desses formatos, da resenha mais simples à mais complexa, a qual exige mais conhecimento do resenhista.

Resenha Temática

A resenha temática é a mais simples dos três formatos de resenha, sua principal diferença em relação às demais é que nela você pode discorrer sobre vários textos que tenham um tema em comum e não de um só texto, como as outras. Você pode, por exemplo, apresentar vários posicionamentos diferentes, de vários autores, sobre um mesmo tema, ou pode apresentar o desenvolvimento de um conceito determinado na obra de um único autor.

A resenha temática é bastante utilizada na fundamentação de outros textos acadêmicos, pois ela se configura como uma boa revisão bibliográfica e pode, nesse caso, ser transformada em um pequeno artigo, por exemplo. Ela também é necessária como base para monografias, dissertações e teses, quando você precisa apresentar os pressupostos teóricos de seu objeto de estudo.

Os passos para a elaboração desse tipo de resenha são mais simples, pois você não precisa tecer considerações críticas nem recomendar a leitura, a não ser que você queira recomendar algum dos textos que está apresentando.

A seguir, o Fluxograma 1 mostra como elaborar a resenha temática:

Fluxograma 01 – Como elaborar a resenha temática.



Fonte: Ilustrado por Eriwelton Paz/Proeja. Adaptado de Ilane Cavalcante, 2018.

No processo de elaboração de uma resenha temática, não se esqueça de agregar:

- 1. Conclusão:** após apresentar cada um dos textos, você pode opinar e tentar relacionar esses diferentes textos, de forma a chegar a uma conclusão sobre o tema tratado.
- 2. Identificação das fontes:** coloque as referências bibliográficas de todos os textos que você usou e procure seguir as normas da ABNT para isso.
- 3. Identificação do resenhista:** em geral, como nas demais resenhas, isso ocorre fora do texto propriamente dito, em rodapé. Você deve colocar seu nome e uma breve descrição sobre o seu currículo.



EXEMPLO 1²

Resenha temática: Polêmicas da educação infantil

Maria Izete de Oliveira

Doutora em Psicologia da Educação pela PUC/SP. Professora da Faculdade de Educação da UNEMAT, Campus de Cáceres. Coordenadora da Revista FAED/UNEMAT.
e-mail:proec@unemat.br

BRASIL. Ministério da Educação. *Números da educação no Brasil*. Brasília: INEP, 2001.

BRASIL, Lei nº 9394, de 20.12.96, Diretrizes e Bases da Educação Nacional. In: BRITO, Ana Rosa Peixoto de. *LDB: da "consolidação" possível à lei "proclamada"*. Belém: Graphitte, 1997.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. Resolução CEB n. 1 de 7 de abril de 1999. *Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil*.

CORREIA, Bianca Cristina. Considerações sobre qualidade na educação infantil. *CADERNOS DE PESQUISA*, São Paulo: Fundação Carlos Chagas, n. 1, p. 85-112, jul. 2003.

O interesse em abordar esse tema origina-se da preocupação com a qualidade de ensino e os rumos que a está tomando a educação infantil. Os ensinamentos da psicologia educacional nos esclarecem que a personalidade de uma pessoa se forma, quase que por completo, até os sete anos de idade e suas características vão depender, em grande parte, do ambiente no qual a criança se insere, ou seja, a família, o contexto social e a escola.

Enfocando essa discussão no campo da educação escolar percebe-se que o professor é o profissional que atua mais diretamente com a criança em um período consideravelmente longo e que, por isso, exerce grande poder de influência sobre a

sua auto-estima e, conseqüentemente, sobre a sua personalidade. Essa influência é ainda maior quando se trata de crianças na faixa etária de zero a seis anos, as quais se encontram vulneráveis a qualquer influência de um adulto mais próximo.

Assim sendo, se o educador exerce influência sobre a personalidade de seus alunos, temos que considerar, também, que essa influência pode culminar em resultados positivos ou negativos dependendo da atuação dele. Se, de um lado, com uma postura democrática e libertadora, o educador pode contribuir significativamente para a formação de um cidadão consciente, crítico, independente e competente em suas ações, por outro, com uma postura autori-

Série-Estudos - Periódico do Mestrado em Educação da UCDB.
Campo Grande-MS, n. 17, p. 179-183, jan./jun. 2004.

Fonte: Oliveira, 2018.

² A imagem apresenta apenas um fragmento da resenha original, a qual se pode ter acesso por meio da referência indicada.



CONTEÚDO DISPONÍVEL NO LINK

OLIVEIRA, Maria Izete. Resenha temática: polêmicas da educação infantil. **Periódico do Mestrado em Educação da UCDB**, Campo Grande, n. 17, p. 179, jan./jun. 2004. Disponível em: <http://www.serie-estudos.ucdb.br/index.php/serie-estudos/article/view/501/397>. Acesso em: 12 jun. 2018.

Trouxemos, aqui, apenas a primeira página da resenha que está publicada com cinco páginas, para percebermos que, além de exercício de estudo, a resenha também é um gênero publicável e que circula nos periódicos técnicos, acadêmicos e científicos.

Observando o fragmento do exemplo acima, você pode identificar o recorte temático: as polêmicas que cercam a educação infantil, logo no título. A seguir, a identificação da resenhista (Maria Izete de Oliveira) e um breve currículo seu (Doutora em Psicologia da Educação etc) e, depois, os textos nos quais ela se ampara para fazer uma resenha acerca do tema em foco (observe que ela lista, logo após o seu currículo, a legislação brasileira e um livro de Corrêa).

A autora inicia sua resenha justificando a relevância do tema a partir das considerações da psicologia infantil. Também contextualiza sua resenha, informando sobre a influência do professor de educação infantil na formação da criança.

Resenha descritiva

A resenha descritiva apresenta uma obra, de um autor, geralmente. Também apresenta a maioria dos elementos apresentados na resenha temática, mas prescinde do juízo de valor sobre a obra. Conforme Fiorin e Savioli (1990, p. 426), “a resenha pode ser puramente descritiva, isto é, sem nenhum julgamento ou apreciação do resenhador”. Evitar qualquer tipo de crítica e juízo de valor é quase impossível, evidentemente, pois ao escolhermos vocabulário e formas de apresentar o texto já estamos exercendo um juízo de valor. Mas não há intenção clara, nesse tipo de resenha, de apresentar um posicionamento crítico.

Esse tipo de resenha deve conter, então, uma parte descritiva com informações sobre o texto (autor, título, editora, local e data); e uma parte com o resumo do conteúdo da obra (assunto tratado, ponto de vista adotado, perspectiva teórica, gênero, método, entre outros). Cabe, ainda, uma síntese apontando os pontos essenciais do texto e seu plano geral.

[Revista Brasileira de Epidemiologia](#)
Print version ISSN 1415-790X On-line version ISSN 1980-5497

Rev. bras. epidemiol. vol.15 no.2 São Paulo June 2012

<http://dx.doi.org/10.1590/S1415-790X2012000200021>

Resenha acadêmica descritiva

Cassia Maria Buchalla
Departamento de Epidemiologia da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo (USP)

O livro **Artigos Científicos: como redigir, publicar e avaliar**, de autoria do Prof. Mauricio Gomes Pereira, foi lançado recentemente pela Editora Guanabara Koogan.

Com o objetivo de orientar os potenciais autores sobre como vencer as muitas barreiras na elaboração e publicação de artigos científicos, o livro aborda cada uma das etapas desse processo em 24 capítulos.

Os três primeiros capítulos tratam dos aspectos da preparação do trabalho. O primeiro capítulo, *Pesquisa e Comunicação Científica*, versa sobre a necessidade de divulgação dos resultados das pesquisas como forma de finalização da mesma. Aborda, de modo geral, a evolução da comunicação científica nas ciências da saúde, menciona os periódicos de acesso livre e a situação atual de elevada competição para publicar.

No segundo capítulo, *Canais de Comunicação Científica*, o autor descreve os tipos de periódicos, os tipos de

RESENHA

Services on Demand

Journal ▾

- SciELO Analytics
- Google Scholar H5M5 (2017)

Article ▾

- Portuguese (pdf)
- Article in xml format
- How to cite this article
- SciELO Analytics
- Curriculum ScienTI
- Automatic translation

Indicators ▾

Related links ▾

Share ▾

- More
- More

Permalink

Fonte: Buchalla, 2018.



CONTEÚDO DISPONÍVEL NO LINK

BUCHALLA, Cassia Maria. Resenha acadêmica descritiva. **Revista Brasileira de Epidemiologia**. São Paulo, v. 15, n. 2, jun. 2012. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-790X2012000200021. Acesso em: 12 jun. 2018.

Apresenta-se, no Exemplo 2, apenas um fragmento de uma resenha publicada no repositório Scielo, que congrega vários periódicos de natureza técnica, acadêmica e científica. Para ler a resenha na íntegra, acesse a referência apresentada. A resenha do exemplo 2 não possui título, apenas uma indicação do gênero (Resenha acadêmica descritiva), autoria (resenhista) e vinculação institucional da resenhista como elementos pré-textuais. A seguir, a indicação bibliográfica do livro resenhado (título, autor, editora). No segundo parágrafo, a autora da resenha indica o objetivo geral da obra e sua estrutura geral (24 capítulos). Em seguida, ela começa a apresentação da obra por partes, o que segue até o final do texto, o qual não foi apresentado, aqui, em sua totalidade.

A resenha em estudo é um bom exemplo de uma resenha descritiva, pois se abstêm de discorrer criticamente sobre a obra, mas não se abstêm de demonstrar sua importância para um determinado público leitor, pois, mais adiante, a resenhista informa:

Desta forma, o livro pode ser útil para aqueles que querem um roteiro ou orientação para aprimorar seus manuscritos científicos e que têm dúvidas específicas, mas também para os iniciantes, que se beneficiarão ao ler um texto mais extenso, com um teor maior de informação sobre cada aspecto envolvido na produção científica (BUCHALLA, 2012, não paginado).

Assim, o texto apresenta juízo de valor sobre a obra, indicando-a para um determinado público, mas esse juízo de valor não configura uma análise crítica³, é apenas uma recomendação, objetivo intrínseco ao gênero textual em foco.

³ Juízo de valor é um julgamento elaborado com base em uma percepção individual, a partir dos valores culturais, dos sentimentos, dos conceitos (e pré-conceitos) pessoais. Análise crítica é uma reflexão com base em fatos ou em dados comprovados e de conhecimento consolidado, como dados, estatísticas e fatos históricos.

Resenha crítica

A resenha crítica cumpre a função da anterior, apresentando uma obra, mas, como o próprio nome já informa, apresenta um posicionamento crítico do resenhista. Ao longo do texto, você, ao produzir uma resenha, demonstra sua opinião acerca da qualidade e da importância do texto resenhado. É evidente que não deve demonstrar sua opinião apenas com base no que acha. Argumente, baseando-se em teorias de outros autores, fazendo comparações ou até mesmo utilizando explicações e exemplos. Enfim, dê asas ao seu senso crítico, mas com propriedade.

Justamente por causa desse aparato crítico, autores como Medeiros (2003, p. 158) advertem para o fato de que a resenha crítica é tarefa para professores e especialistas, pois exige:

- a)** envolvimento com o assunto;
- b)** conhecimento de obras similares para estabelecer comparação; e
- c)** maturidade intelectual, uma vez que implica avaliação e inevitável juízo de valor.

A resenha crítica consiste em agregar, aos demais elementos de conteúdo apresentados no tópico anterior, os seguintes elementos:

- a) avaliação das informações contidas na obra e a forma de apresentação; e
- b) justificativa da avaliação.

Ao elaborar uma resenha crítica, pense em organizar o seu texto, planeje e não deixe de incluir os passos indicados no Fluxograma 2, a seguir:

Fluxograma 02 – Resenha crítica.



Fonte: Ilustrado por Eriwelton Paz/Proeja. Adaptado de Ilane Cavalcante , 2018.

Observe o fragmento de texto exposto no Exemplo 3, a seguir.



SOB O SIGNO DA SERPENTE: a narrativa em viagem do Guesa Sousândrade

ILANE FERREIRA CAVALCANTE

Palavras-chave: cânone; performance; narrativa; pós-modernidade.

**UNDER THE SIGN OF THE SERPENT:
the traveling narrative of the Guesa Sousandrade**

Key-words: cânon; performance; narrative; post-modernism.

SOUZA, Ana Santana. **A nação guesa de Sousândrade:** uma narrativa em viagem. São Luís: AML/EDUEMA/FSADU, 2008.

A na Santana Souza, professora do Curso de Letras da UnP, lançou, em São Luís do Maranhão e em Natal, o livro **A Nação Guesa de Sousândrade: uma narrativa em viagem**. Fruto da tese de doutorado apresentada em 2006 ao programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, o livro foi publicado, em São Luís do Maranhão, pela Fundação Sousândrade e pela Academia Maranhense de Letras. A obra analisada foi escrita por Joaquim de Sousa Andrade, maranhense, nascido em 1832, cuja herança paterna lhe permitiu empreender diversas viagens pela Europa e pelas Américas. Escrita ao longo de 30 anos (1854-1884) e publicada de forma fragmentada, no Brasil e nos Estados Unidos, **O Guesa** só veio integralmente a público em 2003. A obra, inserida cronologicamente no romantismo, apresenta uma modernidade tal que contribuiu para que ela ficasse à margem do cânone literário. E Sousândrade tinha disso ciência, pois escrevia “Ouvi dizer já por duas vezes que **O Guesa errante** será lido 50 anos depois.”. Passados 50 anos, a obra continuava

657

MNEME – REVISTA DE HUMANIDADES, 11(29), 2011 – JAN / JULHO
Publicação do Departamento de História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Centro de Ensino Superior do Seridó – Campus de Caicó. Semestral ISSN -1518-3394
Disponível em <http://www.periodicos.ufrn.br/ojs/index.php/mneme>

encoberta pelo véu do esquecimento e, só nos anos de 1960, os irmãos Haroldo e Augusto de Campos a puseram em circulação.

O Guesa constitui um desafio a que poucos intelectuais se atrevem, pois a sua leitura demanda erudição e paciência. Não faltam a Ana Santana, no entanto, a erudição e o cuidado na análise de sua estrutura e de sua linguagem.

Certamente, pela posição do texto e do poeta na literatura, Ana não poderia partir para sua análise sem antes refletir sobre a formação do cânone. Constituindo essa revisão num questionamento sobre os paradigmas que constituíram o cânone literário brasileiro desde a visão de críticos contemporâneos ao poeta até os novos conceitos introduzidos pelos Estudos Culturais, que repensam o cânone a partir do olhar sobre a produção das minorias, ou melhor dizendo, considerando a alteridade, descentralizando o olhar.

Para a compreensão da alteridade e da descentralização de Sousândrade, há o obstáculo da linguagem. Em seu poema, cria-se uma nova linguagem mítico-poética da qual emergem neologismos, hibridismos, estrangeirismos. Para onde convergem e misturam-se as línguas do velho e do novo mundo. Considere-se o exemplo do Canto X:

(Dois renegados, católico, protestante:)
- Confiteor, Beecherô...l' Épouse
Néut jamais dáussi faux autel!
- Confiteor... Hyacinthi
Absinth,
Plymouth was barroom, was bordel!

Não há como evitar o *estranhamento* ao nos depararmos com essa linguagem híbrida, em que latim, francês, português e inglês convivem de forma polifônica, gerando discursos fragmentados e plurissignificativos. O conceito de estranhamento, configurado pelos formalistas russos, ampara um primeiro contato do leitor com o texto de Sousândrade e também funciona, paradoxalmente à teoria que o construiu, para uma leitura biográfica, posto que o autor também levou sua vida sob o signo da errância, compreendendo-se como estrangeiro em sua própria terra.

O viés da errância é reconhecido a partir da imagem da serpente e de seu rastro sinuoso sobre o chão da América. Quetzalcoatl boiúna, a serpente, está presente na mitologia sul-americana desde os Andes até a costa insular de São Luís do Maranhão. “Associada ao fogo ou à sombra”, sob um signo bíblico ou

658

MNEME – REVISTA DE HUMANIDADES, 11(29), 2011 – JAN / JULHO
Publicação do Departamento de História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Centro de Ensino Superior do Seridó – Campus de Caió. Semestral ISSN -1518-3394
Disponível em <http://www.periodicos.ufrn.br/ojs/index.php/mneme>

Fonte: Cavalcante, 2018.



CONTEÚDO DISPONÍVEL NO LINK

CAVALCANTE, Ilane Ferreira. Sob o signo da serpente: a narrativa em viagem do Guesa Sousândrade = *Under the signo of the serpente: the traveling of the Guesa Sousandrade*. **Mneme**. [Natal], v. 12, n. 29, 2011, p. 657-661. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/mneme/article/view/1042>. Acesso em: 12 jun. 2018.

No Exemplo 3, publicado em periódico, percebemos que a resenha possui título em idiomas nacional e estrangeiro, autoria (resenhista), palavras-chave e indicação bibliográfica completa da obra resenhada antes do texto. Lembramos que essas informações dependem muito das regras de cada periódico.

A resenha se inicia com a apresentação da autora do texto resenhado e de sua obra. Em seguida, por se tratar de obra que se debruça sobre um texto literário, a resenhista situa o autor e o livro estudado na obra resenhado dentro da historiografia literária brasileira. Essa apresentação se faz necessária para ressaltar a relevância da obra objeto da resenha, como se pode ver na segunda página:

O Guesa constitui um desafio a que poucos intelectuais se atrevem, pois a sua leitura demanda erudição e paciência. Não faltam a Ana Santana, no entanto, a erudição e o cuidado na análise de sua estrutura e de sua linguagem (CAVALCANTE, 2011, p. 658).

Dessa forma, a resenhista entremeia sua análise crítica da obra resenhada ao longo do processo de apresentação o livro resenhado, ao mesmo tempo em que cruza o olhar da autora resenhada com os seus próprios conhecimentos acerca do tema estudado pela autora em análise.

A resenha não pôde ser apresentada em sua totalidade aqui nesta Unidade Didática, mas os movimentos de organização do texto já demonstram os elementos imprescindíveis a uma resenha crítica.



Avaliação de Aprendizagem

Vamos ler uma resenha. Para isso, acesse:

SILVA, André Coelho da. Resenha do Livro: Aprendizagem Multimídia. **Ensaio Pesquisa em Educação em Ciências**, Belo Horizonte, v. 19, p. 1-4 , 2017. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-21172017000100401&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 12 jun. 2018.

Nesse endereço, você encontra a resenha do livro *Aprendizagem Multimídia*.

Leia o texto, procurando identificar os elementos necessários à estrutura prototípica de uma resenha: referência bibliográfica da obra resenhada, contextualização da obra, recomendação de leitura, dados sobre o resenhista. Também procure identificar o tipo de resenha (descritiva, temática ou crítica).

Seção 2

Artigo Científico



Fonte: Engin_Akyurt/Pixabay, 2018.

Existem diversos gêneros produzidos com a finalidade de divulgar conhecimento, dentre eles o resumo e a resenha, já estudados nesta disciplina. Outro, entre os gêneros mais breves, é o artigo científico.

Os gêneros mais longos são a dissertação e a tese, sendo a primeira produzida como trabalho final de um curso de mestrado, e a segunda, trabalho final elaborado ao longo do curso de um doutorado. Ambos são gêneros acadêmicos que trazem o resultado de uma pesquisa realizada ao longo de alguns anos (que variam de acordo com a instituição na qual se estuda) e apresentam uma investigação de caráter inovador sobre um determinado tema de qualquer natureza, dependendo da área em que se insere o pesquisador.

Os artigos científicos são textos curtos (entre 10 e 20 páginas, aproximadamente), completos, que tratam de uma questão científica. Expõem o resultado de um estudo ou de uma pesquisa seja documental, bibliográfica ou de campo, ou trazem o relato de uma experiência. Conforme Marconi e Lakatos (2001, p. 84), “Os artigos científicos são pequenos estudos, porém completos, que tratam de uma questão verdadeiramente científica, mas que não se constituem em matéria de um livro”.



LEMBRE-SE

Pesquisas documentais são elaboradas a partir da coleta e análise de documentos de diversas naturezas. Um bom exemplo é a pesquisa em manuscritos antigos, que pode informar muito sobre a vida das pessoas em determinada época.

Pesquisa bibliográfica é a primeira etapa de qualquer tipo de pesquisa, ela envolve a busca por publicações sobre um determinado tema que estejamos pesquisando, a seleção de leituras apropriadas e relevantes sobre aquele tema, a leitura, o fichamento dessas leituras e, por fim, a elaboração da síntese acerca do que conseguimos compreender sobre aquele determinado tema.

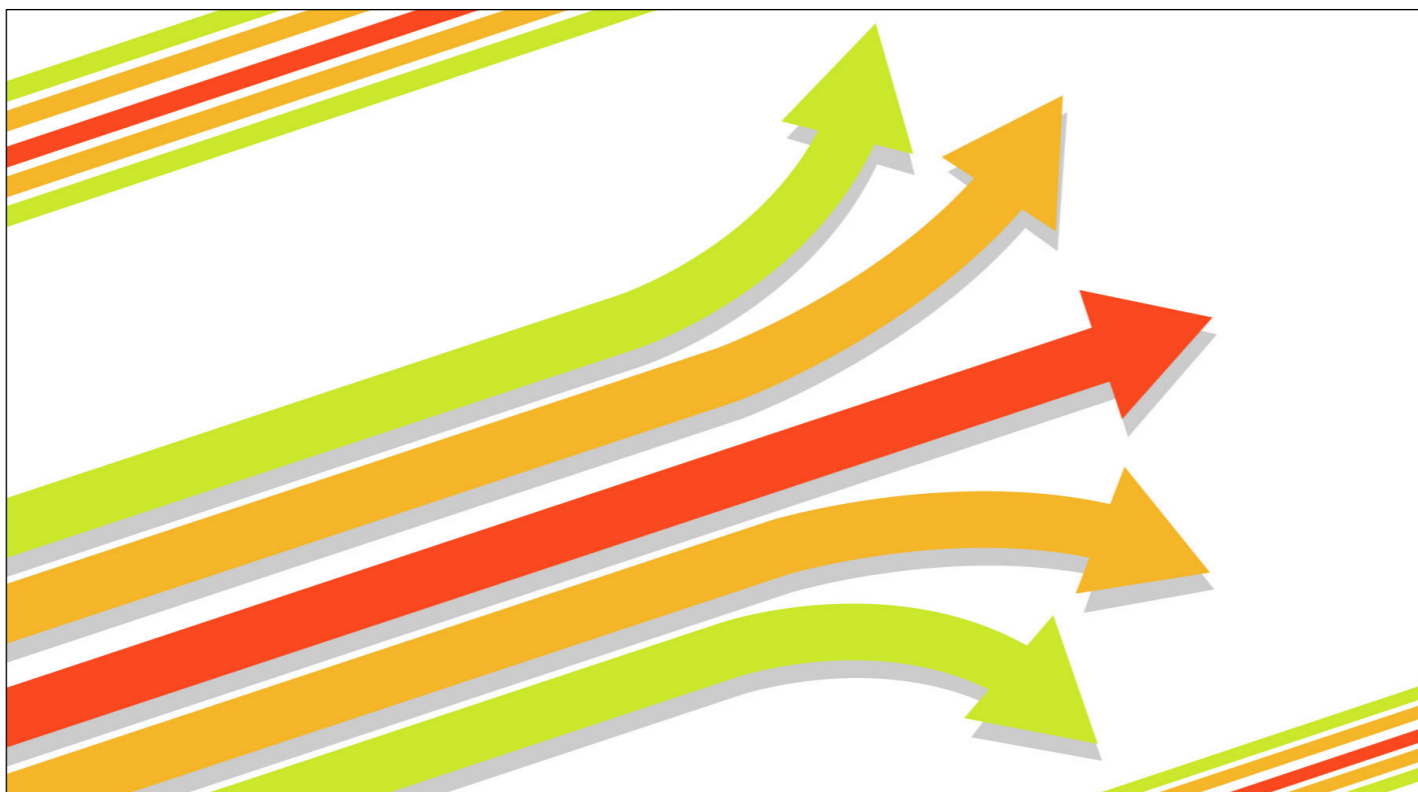
A pesquisa de campo, em linhas gerais, é desenvolvida quando o pesquisador precisa ir a campo, ou seja, ir ao local onde o seu objeto de estudo, o assunto que ele está pesquisando, encontra-se. Dessa natureza, são, por exemplo, as pesquisas em que pessoas são entrevistadas, questionários aplicados, dados levantados sobre determinado tema.

Os artigos científicos são elaborados, geralmente, após uma pesquisa e têm o objetivo de divulgar essas experiências, seja em eventos de natureza técnica, científica e acadêmica ou por meio de uma publicação.

Eles são mais comuns na rotina de estudantes que participam de pesquisas seja no Ensino Médio, na graduação ou na pós-graduação.

A publicação desses estudos permite, além da divulgação científica produzida pelo pesquisador/autor, que o leitor repita a experiência mediante a descrição da metodologia empregada na realização da pesquisa e da descrição dos resultados obtidos. Essa publicação se dá, geralmente, em periódicos de natureza técnica, científica ou acadêmica e esses artigos são, também em geral, avaliados por um conselho ou por pareceristas que determinam a qualidade do artigo para a publicação naquele determinado periódico.

Tipos de artigo científico



Fonte: Ilustrado por Eriwelton Paz/Proeja, 2018.

A NBR 6022 aplica normas gerais para elaboração de artigos acadêmicos, técnicos ou científicos que podem ser, ou não, utilizados por eventos e periódicos. Os artigos podem ser, para a ABNT, de dois tipos:

- a)** originais, apresentando abordagens ou assuntos inéditos, frutos de pesquisa;

- b)** de revisão, abordando, analisando ou resumindo informações já publicadas;

Mas também são comuns os artigos chamados de:

- c)** relatos de experiência, quando, em geral, se apresenta o relato e os resultados de uma experiência que não necessariamente está ligada à pesquisa, pode ser extensão ou ensino.

Umberto Eco (1993, p. 21- 23) define que, para ser considerado científico, um estudo precisa atender a alguns requisitos elencados abaixo.

- 1.** O estudo debruça-se sobre um objeto reconhecível e definido de tal maneira que seja reconhecível igualmente pelos outros.
- 2.** O estudo deve dizer do objeto algo que ainda não foi dito ou rever sob uma ótica diferente o que já se disse.
- 3.** O estudo deve ser útil aos demais.
- 4.** O estudo deve fornecer elementos para a verificação e a contestação das hipóteses apresentadas, e, portanto, para uma continuidade pública.

Sobre artigos originais

Esse tipo de artigo apresenta os resultados sucintos de uma pesquisa realizada de acordo com um método aceito por uma comunidade de pesquisadores.

Para ser considerado como tal, e científico, o artigo precisa apresentar o objeto de estudo em foco, o método, a aplicação metodológica, as conclusões e os resultados alcançados.

O artigo original tem a função de ser publicado e, para isso, é submetido a exame por outros cientistas, que verificam a qualidade dos itens elencados na construção do artigo.

Sobre artigos de revisão

A revisão bibliográfica é a base de sustentação de qualquer pesquisa, como já informamos anteriormente. Em geral, portanto, esse tipo de artigo traz a apresentação de um conteúdo relevante sobre o tema pesquisado. Pode ser uma revisão de autores clássicos ou um estado da arte sobre o que tem sido produzido acerca de determinado tema.

Os artigos que tratam do estado da arte, ou da produção do conhecimento de uma determinada área, em geral, se caracterizam por apresentar uma metodologia mais inventariante e descritiva, fazendo o levantamento do que se produz acerca de determinados temas em uma determinada área. É desenvolvido a partir do estabelecimento de algumas categorias, ou descritores, por meio dos quais se busca outras produções que tratem daqueles temas e que estão disponíveis em repositórios acadêmicos.

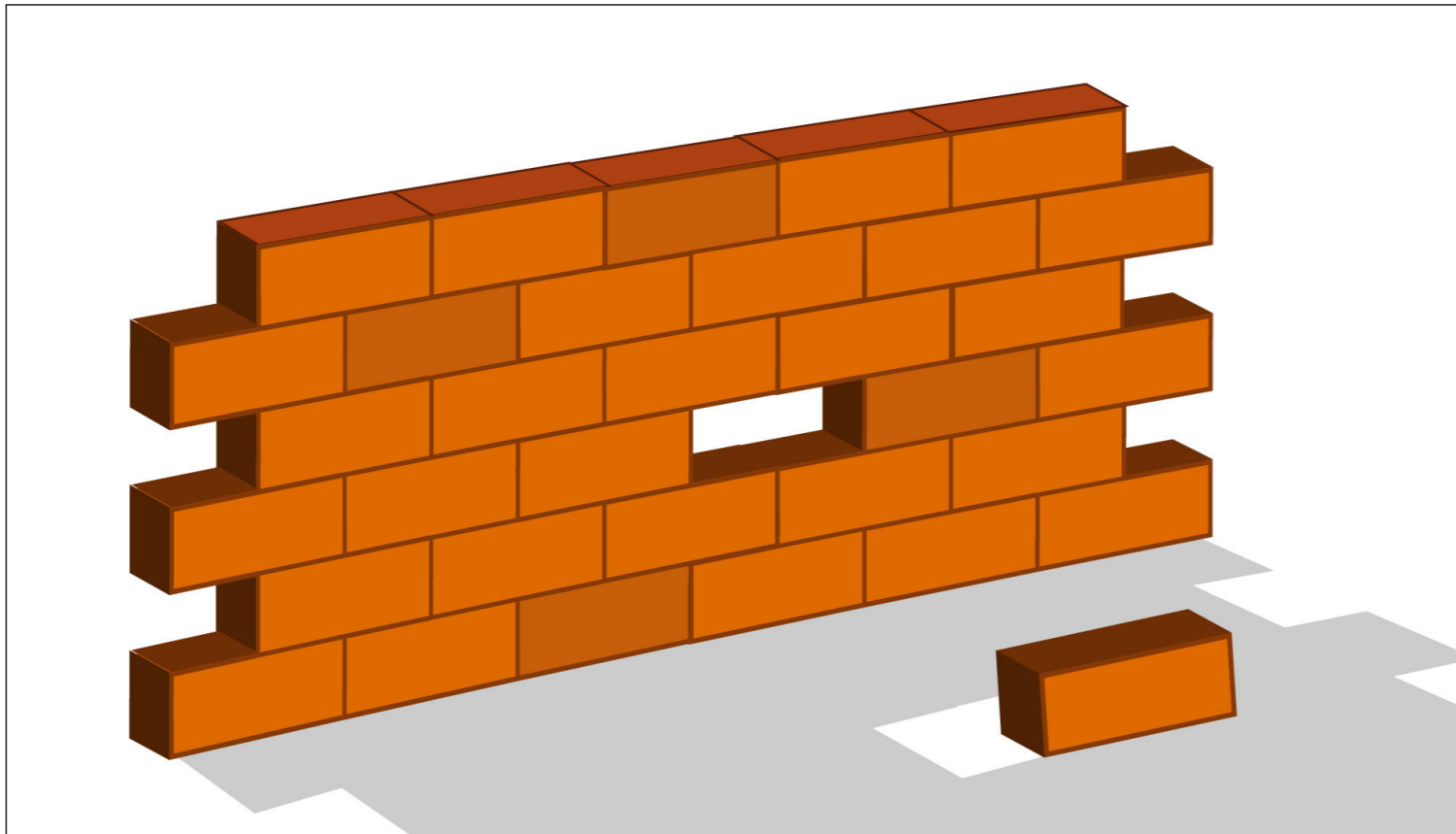
Deve-se, em qualquer caso, fazer um recorte que demonstre a relevância da bibliografia apresentada. No caso de artigos sobre o “estado da arte” ou sobre “a produção do conhecimento”, normalmente, o recorte temporal é mais recente. Isso difere de artigos de revisão bibliográfica em geral, visto que eles podem fazer uma retomada histórica mais abrangente. De qualquer forma, não há regras pré-estabelecidas para esses recortes, apenas, eles devem contemplar o fato de que, por ser um gênero curto, o artigo não comporta retrospectivas muito amplas ou revisões por demais abrangentes.

Sobre relatos de experiência

Um tipo de artigo que tem circulado bastante, principalmente em eventos da área de educação, são os relatos de experiência. A ABNT não remete a essa forma de artigo dentro de sua tipologia, mas ele difere tanto dos originais quanto dos artigos de revisão bibliográfica, porque, comumente, trazem as motivações ou as metodologias para as ações tomadas numa determinada situação (profissional, de ensino, de pesquisa ou de extensão) e relata as considerações/impressões que a vivência trouxe àquele(a) que a viveu.

Esse tipo de artigo precisa ser feito de modo contextualizado, com objetividade e aporte teórico, assim como, caso seja uma experiência de ensino, por exemplo, precisa descrever com acuidade e precisão a metodologia desenvolvida. Em outras palavras, não é uma narração emotiva e subjetiva, nem uma mera divagação pessoal e aleatória.

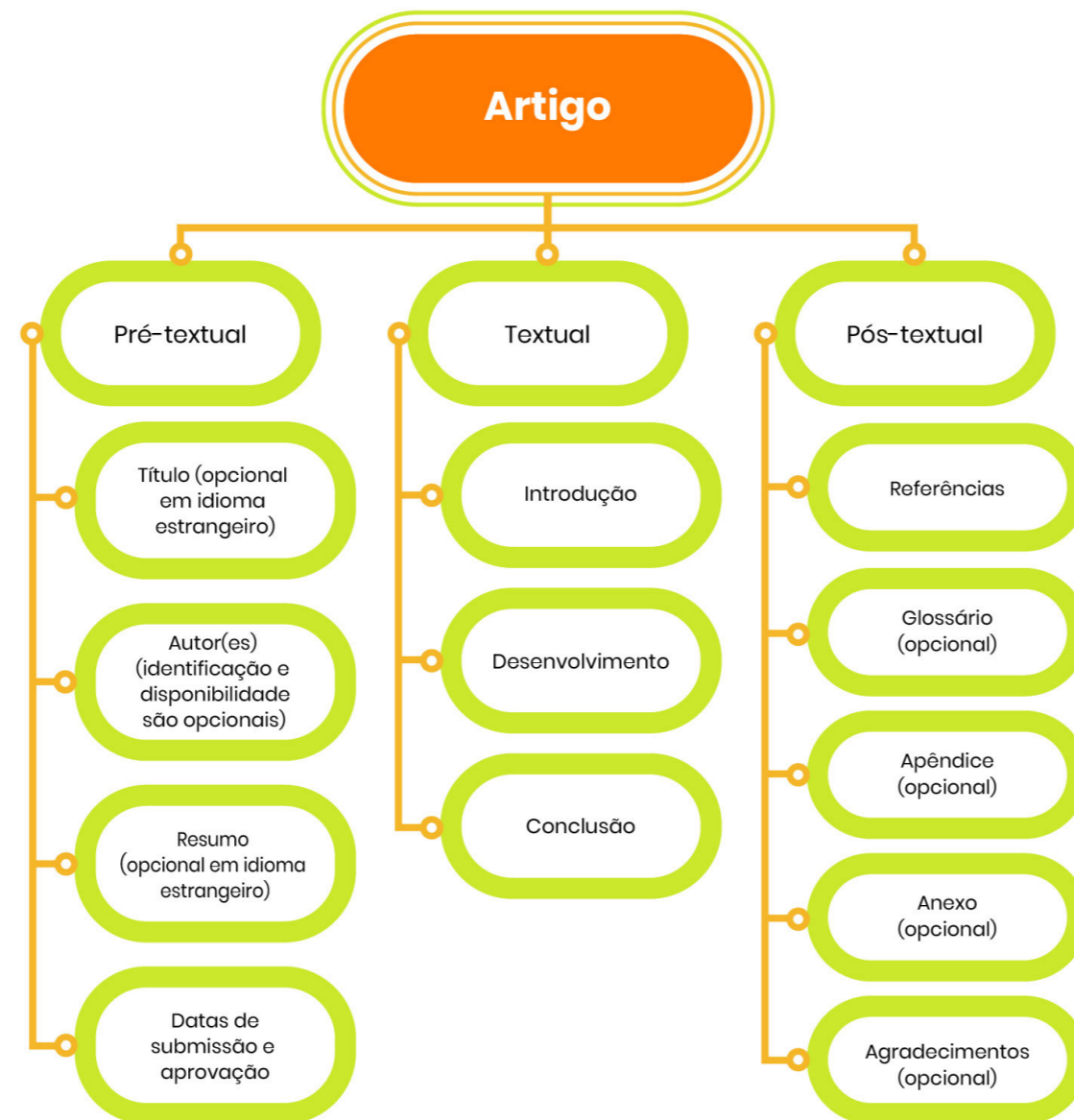
Estrutura do Artigo Científico



Fonte: Ilustrado por Eriwelton Paz/Proeja, 2018.

O artigo científico tem uma estrutura bastante variável, visto que ela muda de acordo com o veículo em que for publicado. Mas, em linhas gerais, pode apresentar a mesma estrutura detalhada dos demais gêneros de natureza técnica, científica e acadêmica, conforme você pode identificar no Organograma 2, a seguir.

Organograma 02 – Estrutura do artigo científico.



Fonte: Ilustrado por Eriwelton Paz/Proeja. Adaptado de Ilane Cavalcante, 2018.

Vamos nos debruçar rapidamente sobre os elementos que compõem a estrutura do artigo nos próximos tópicos.

Elementos pré-textuais

São os elementos que compõem a apresentação geral do artigo:

- a)** cabeçalho: título e subtítulo do trabalho;
- b)** autor(es);
- c)** credenciais do(s) autor(es);
- d)** local de atividades do(s) autor(es).

Veja, no exemplo, o modelo de cabeçalho da revista eletrônica *Práxis Educacional*, assim como os elementos pré-textuais apresentados.



EXEMPLO 4

Revista
Práxis
Educativa

e-ISSN 2178-2679

ARTIGO
DOI

O ENSINO DE 2º GRAU NO RIO GRANDE DO NORTE ENTRE AS DÉCADAS DE 1970 E 1990

SECOND DEGREE TEACHING IN RIO GRANDE DO NORTE DURING THE DECADES OF 1970 AND 1990

LA ENSEÑANZA DE 2º GRADO EN EL RIO GRANDE DO NORTE ENTRE LAS DÉCADAS DE 1970 Y 1990

Nara Lidiana Silva Dias Carlos
Instituto Federal do Rio Grande do Norte - Brasil

Ilane Ferreira Cavalcante
Instituto Federal do Rio Grande do Norte - Brasil

Olívia Morais de Medeiros Neta
Universidade Federal do Rio Grande do Norte - Brasil

Resumo
Neste trabalho, busca-se analisar as ações do Estado do Rio Grande do Norte (RN) para implantação do sistema de ensino profissional de 2º grau entre as décadas de 1970 e 1990. Trata-se de um estudo de revisão bibliográfica e documental, no qual as fontes foram coletadas na Secretaria de Estado da Educação e da Cultura do Estado do Rio Grande do Norte. No processo de compreensão e investigação do objetivo de estudo, questiona-se: quais as ações produzidas pelo estado do Rio Grande do Norte para a implantação do ensino de 2º grau? Os resultados parciais da pesquisa indicam três categorias de escolas existentes no período: as criadas, as transformadas e as estadualizadas. Também se pode constatar que o estado do RN teve escolas de ensino de 2º grau em todas as suas quatro mesorregiões, assim como ainda se verifica que a distribuição dessas instituições de ensino não manteve um critério explícito ou inerte. O que se averigua é um maior número de escolas concentradas nas regiões mais urbanizadas e nas proximidades da capital do estado.

Palavras-chave: Ensino de 2º grau; Rio Grande do Norte; História da Educação; Educação Profissional.

Abstract
This paper tries to analyze the actions developed by the government of Rio Grande do Norte (RN) to implement the professional second degree level in the schools of

Revista Práxis Educativa, Vitória da Conquista - Bahia - Brasil, v. 14, n. 27, p. 189-211, jan./mar. 2018.

189

Fonte: CARLOS; CAVALCANTE; MEDEIROS NETA, 2018.



CONTEÚDO DISPONÍVEL NO LINK

CARLOS, Nara Lidiane Silva Dias; CAVALCANTE, Ilane Ferreira; NETA, Olívia Moraes de Medeiros. O ensino de 2º grau no Rio Grande do Norte entre as décadas de 1970 e 1990 = *second degree teaching in Rio Grande do Norte during the decades of 1970 and 1990 = la enseñanza de 2º grado en el Rio Grande do Norte entre las décadas de 1970 y 1990*. **Revista Práxis Educacional**, Vitória da Conquista, v. 14, n. 27, p. 189-211, jan./mar. 2018. Disponível em: <http://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/2924>. Acesso em: 12 jun. 2018.

Observe que o fragmento do Exemplo 4⁴ apresenta todos os elementos pré-textuais obrigatórios, conforme a ABNT, e alguns opcionais, tais como título em língua estrangeira. Para a NBR 6022, o título e o resumo em língua estrangeira são opcionais, mas muitos periódicos exigem essa tradução, às vezes para mais de um idioma, como é o caso desse exemplo.

⁴ Para ler o artigo na íntegra, acesse o link apresentado na referência do texto.

Corpo do artigo

Trata-se do artigo propriamente dito, com a estrutura exibida no Organograma 2, cujo conteúdo contempla os elementos abaixo descritos,

1. Introdução – apresentação do assunto, com finalidade, objetivo, metodologia, limitações e proposições.
2. Desenvolvimento – exposição, explicação e demonstração do material, revisão bibliográfica, avaliação dos resultados e comparações com os anteriores.
3. Comentários e conclusões – discussão, de forma resumida, dos resultados obtidos através de dedução lógica, baseada e fundamentada no texto.

Evidentemente, o artigo pode ser organizado das mais diversas formas, assim, a divisão do corpo do texto pode sofrer alterações de acordo com o objeto e pode ser subdividido em mais ou menos itens. Um exemplo tradicional de divisão contempla os itens elencados a seguir.

- » Introdução.
- » Material e método.
- » Resultados.
- » Discussão.
- » Conclusões.

Em todo caso, convém lembrar que os tópicos não devem ser muito subdivididos para que o leitor não perca a sequência. Também é importante observar que a divisão em tópicos deve obedecer a uma ordem lógica, em que cada parte forme um todo e tenha um título adequado.

A linguagem do artigo deve, como toda a linguagem técnica, acadêmica e científica, ser clara, concisa, objetiva, além de correta, precisa, coerente e simples. Dessa forma, adjetivos supérfluos, rodeios e repetições ou explicações inúteis devem ser evitadas, assim como o inverso, a forma excessivamente compacta, que pode prejudicar a compreensão do texto.

E, por fim, vale lembrar que o título (não só o do artigo, mas o de cada tópico) também merece atenção: precisa corresponder, de maneira adequada, ao conteúdo.

Elementos pós-textuais

Os elementos pós-textuais são tudo o que vem após o corpo do texto. Para a NBR 6022, há apenas um elemento pós-textual obrigatório: as referências. Todos os demais são opcionais.

- a)** Referências: listagem, de acordo com a ABNT ou com as normas do periódico, de tudo o que foi pesquisado para a elaboração do artigo: livros, sites, documentos etc. Convém lembrar que, em um artigo, você só deve inserir nas referências aquilo que foi citado ou referenciado ao longo do texto.
- b)** Apêndices ou anexos (quando houver necessidade): documentos a que o autor faça referência ao longo do artigo e cuja leitura pode ser importante para o leitor.
- c)** Agradecimentos (opcional).
- d)** Data/local (local, mês e ano de elaboração do texto).



LEMBRE-SE

Conforme a NBR 14724, de dezembro de 2005, Anexo e Apêndice são diferentes. Anexo é um texto ou documento que não foi elaborado pelo autor do trabalho (um documento que você utiliza, ao qual se refere), por exemplo, uma lei antiga, uma carta ou um relato que você menciona ou estuda no texto. Apêndice é um texto ou documento que você elaborou para realizar o seu trabalho, ou que contribuiu para o seu trabalho. Por exemplo, o questionário que você aplicou junto aos sujeitos da sua pesquisa. Nesse caso, ambos podem configurar elementos pós-textuais em seu trabalho, desde que as normas do periódico ou do evento a que você vai submeter o artigo assim o permitam.

Avaliação de um artigo científico



Fonte: Ilustrado por Eriwelton Paz/Proeja, 2018.

O conteúdo de um artigo científico pode abranger os mais variados assuntos, das mais variadas áreas. Usualmente, traz abordagens novas, atuais, diferentes sobre o tema em estudo. Assim, ele pode tratar dos aspectos listados abaixo.

- a) Estudo pessoal, descoberta ou enfoque contrário ao já estabelecido para um determinado assunto.
- b) Soluções para questões controvertidas.
- c) Aspectos levantados em alguma pesquisa.

Da mesma forma que qualquer outro texto de caráter técnico, científico e acadêmico, um artigo científico deve apresentar uma linguagem clara, concisa, objetiva. O autor deve primar pelo uso de uma linguagem correta e simples. Adjetivos supérfluos, rodeios, repetições ou explicações desnecessárias devem ser evitados, assim como um texto excessivamente fragmentado.

Seja submetendo seu artigo a um professor, a um evento ou a um periódico, ele certamente será avaliado. São vários os elementos que podem ser utilizados na avaliação de um artigo científico. Dentre os requisitos mais importantes, confira os abaixo citados.

- a)** Se o texto apresenta conhecimento suficiente sobre o assunto em foco.
- b)** Se há exatidão na exposição dos fatos, dados, conceitos.
- c)** Se há referência fiel às fontes.
- d)** Se a experiência pode ser reproduzida.
- e)** Se apresenta linguagem adequada ao público-alvo do evento ou periódico.
- f)** Se é adequado à temática do evento ou periódico.
- g)** Se traz algum aspecto original sobre o tema em foco.
- h)** Se apresenta imparcialidade, clareza, concisão, precisão, coerência, objetividade, equilíbrio, unidade, exatidão, contribuição científica.

Esses são apenas alguns dos critérios que podem ser utilizados na avaliação de um artigo, mas existem outros. Como exercício a um processo de avaliação, utilize a ficha inserida como apêndice desta Unidade Didática e realize a atividade de final desta seção.

Para terminar

Cabe lembrar alguns passos importantes que podem ser úteis ao produtor de qualquer gênero técnico, acadêmico e científico. Ao elaborar seu texto, considere os itens abaixo.

1. Escolha bem o tema e o recorte a ser desenvolvido (o artigo é um gênero curto).
2. Defina bem os objetivos do trabalho. Os objetivos dependem do propósito de sua pesquisa.
3. Se o artigo é fruto de pesquisa, lembre-se que ele pode não conter toda a pesquisa, pode ser apresentado apenas um recorte. O mesmo se aplica à revisão e ao relato de experiência.
4. Elabore uma estrutura lógica para apresentação do texto.
5. Escolha tópicos que, de fato, remetam ao tema e ao objetivo.

Quando for publicá-lo, considere, também, os itens abaixo.

1. Certifique-se de que o artigo está metodologicamente correto (com as partes bem organizadas (tema, objetivo, metodologia, resultados articulados entre si)).
2. Faça uma boa revisão linguística ou peça a um profissional da área para fazer. Esse tipo de revisão pode ajudar na clareza, precisão e objetividade do texto.
3. Escolha um periódico para submeter e adapte o texto às normas vigentes nesse veículo.
4. Submeta-o ao periódico e esteja aberto à avaliação feita pelos pares e às revisões sugeridas.

Síntese da Unidade

Nesta Unidade, você estudou dois gêneros acadêmicos: a resenha e o artigo científico. Você conheceu a estrutura prototípica desses gêneros, sua veiculação, sua tipologia e também alguns critérios de avaliação de artigos para publicação em eventos e periódicos.

Leituras Complementares

Nesta unidade, em vez de de sugerir um livro, proponho que realize pesquisa em três repositórios, os quais você pode acessar a partir dos links a seguir.

Link 1 – SCIELO. Disponível em: <https://scielo.org/>. Acesso em: 12 jun. 2018.

Link 2 – PORTAL DE PERÍODICOS CAPES. Disponível em: <http://www.periodicos.capes.gov.br/>. Acesso em: 12 jun. 2018.

Link 3 – PORTAL DE PERÍODICOS DO IFRN. Disponível em: <http://www2.ifrn.edu.br/ojs/>. Acesso em: 1 jun. 2018.

Esses são repositórios onde você pode encontrar diversos periódicos e trabalhos como resenhas e artigos importantes para sua própria pesquisa e produção. Acesse!

Avaliação de aprendizagem

Utilize um dos *links* indicados no item LEITURAS COMPLEMENTARES desta unidade e escolha um artigo com tema de seu interesse. Após essa escolha, leia o artigo e o avalie utilizando a ficha de avaliação de artigos que consta como anexo nesta Unidade Didática. Observe os critérios utilizados para avaliação e se eles se aplicam ao artigo escolhido. Esse é um ótimo exercício, o qual permite aguçar seu olhar para os elementos que devem compor o artigo, conforme o tipo de pesquisa que você precisar desenvolver quando for produzir o seu próprio artigo.

Produção de Textos Científicos

Unidade IV

Projeto de pesquisa

Ilane Ferreira Cavalcante



Objetivo de Aprendizagem

Esta unidade está dividida em duas seções que abordam, respectivamente, a elaboração do projeto de pesquisa e alguns aspectos que devem ser evitados, no que tange à linguagem, ao elaborar textos técnicos, acadêmicos e científicos.

Para conhecer o tema

Ou se tem chuva e não se tem sol
ou se tem sol e não se tem chuva!

Ou se calça a luva e não se põe o anel,
ou se põe o anel e não se calça a luva!

Quem sobe nos ares não fica no chão,
quem fica no chão não sobe nos ares.

É uma grande pena que não se possa estar
ao mesmo tempo nos dois lugares!

Ou guardo o dinheiro e não compro o doce,
ou compro o doce e gasto o dinheiro.

Ou isto ou aquilo, ou isto ou aquilo...
e vivo escolhendo o dia inteiro!

Não sei se brinque, não sei se estudo,
se saio correndo ou fico tranquilo.

Mas não consegui entender ainda
qual é melhor: se é isto ou aquilo.

Cecília Meireles¹

MEIRELES, Cecília. **Ou isto ou aquilo**. Disponível em: <http://www.jornaldepoesia.jor.br/ceci28.html>.

Acesso em: 17 jun. 2018.

¹ Cecília Meireles (1901-1964) foi poetisa, professora, jornalista e pintora brasileira.

Nessa poesia, o eu lírico apresenta-se em conflito, pois não sabe se faz “isto ou aquilo”. Esse conflito de decidir é muito constante na vida cotidiana, seja dentro ou fora da academia, estamos tomando decisões, escolhemos “ou isto ou aquilo”, não é verdade? Levando em consideração a poesia de Cecília Meireles, vamos pensar que essa decisão sobre o caminho a tomar ou a escolha a fazer, implica um planejamento. Planejamos e definimos o que queremos alcançar e, a partir disso, decidimos o que vamos escolher para compor o nosso caminho. Esse planejamento, a definição das metas a alcançar e o modo como realizaremos as nossas metas compõem partes importantes de um projeto. Depois, a dúvida se dá na organização e normatização de sua linguagem. Por isso, vamos discorrer sobre a elaboração do projeto de pesquisa na Seção 1 desta Unidade e, para finalizar, vamos retomar algumas reflexões acerca de alguns equívocos que você deve evitar na produção de um texto técnico, acadêmico e científico.

Seção 1

O projeto de pesquisa - planejamento



Fonte: Unsplash, 2018.

O planejamento é imprescindível em tudo o que vamos desenvolver na vida, não seria diferente no tocante à nossa vida acadêmica.

Conforme Santos (2004, p. 63), “o desafio do planejamento é, a partir de um tema (uma necessidade humana), identificar um problema e prepará-lo para ser raciocinado.” O planejamento inclui a definição do tema da pesquisa, das questões de pesquisa, dos objetivos, enfim, dos elementos que constituirão o projeto da pesquisa.

Convém lembrar, sempre, que nenhuma pesquisa surge do nada. Todo projeto emerge de uma curiosidade do pesquisador em saber mais sobre dado tema. Essa curiosidade, muitas vezes, emerge de sua experiência de trabalho, de suas leituras ou mesmo de algum questionamento que recebeu, mas é fundamental, pois a curiosidade move o pesquisador na busca de respostas por meio de uma pesquisa. a qual não deve ser planejada simplesmente porque o pesquisador gosta da temática, mas porque a realização do estudo resultará em contribuição para o desenvolvimento científico. Dessa forma, um projeto de pesquisa deve partir de situações que necessitem de estudo, de investigação.

Pense em alguns questionamentos que você já fez em relação à sua prática docente ou mesmo à sua vida de estudante. Lembre-se de questionamentos para os quais ainda não obteve respostas. Esses questionamentos feitos por você já foram feitos também por outras pessoas? Se você não sabe, busque investigar. Esse é o primeiro passo

para situar-se quanto ao objeto que você pretende investigar, saber quem já produziu conhecimento sobre aquele tema. Você pode pensar que, se outras pessoas já investigaram aquilo, você não deverá se debruçar sobre aquele objeto, porque, afinal, não seria original. Mas a verdade é que, não há nenhum tema que já não tenha sido discutido por alguém em algum momento, e você, estudante de pós-graduação, não tem nenhuma obrigação com a originalidade. Deixe-a para um doutorado e, mesmo assim, lembre-se de que essa originalidade é sempre um ponto de vista, um recorte diferente, um aspecto de um tema que ainda não foi suficientemente analisado, ou seja, é um aspecto do objeto, não o seu todo que está sendo tratado com originalidade por alguém.

Assim, mesmo tendo encontrado alguém que já discutiu o seu objeto de estudo, questione: o ponto de vista é similar ao meu? É possível reproduzir em minha realidade investigativa? É possível que algum aspecto não tenha sido esgotado quanto ao tema escolhido? Afinal, não são as respostas que movem o mundo, mas as perguntas.

Pensando nesses questionamentos é que você deve elaborar o seu projeto de pesquisa. A estrutura desse gênero acadêmico é o foco do próximo tópico.

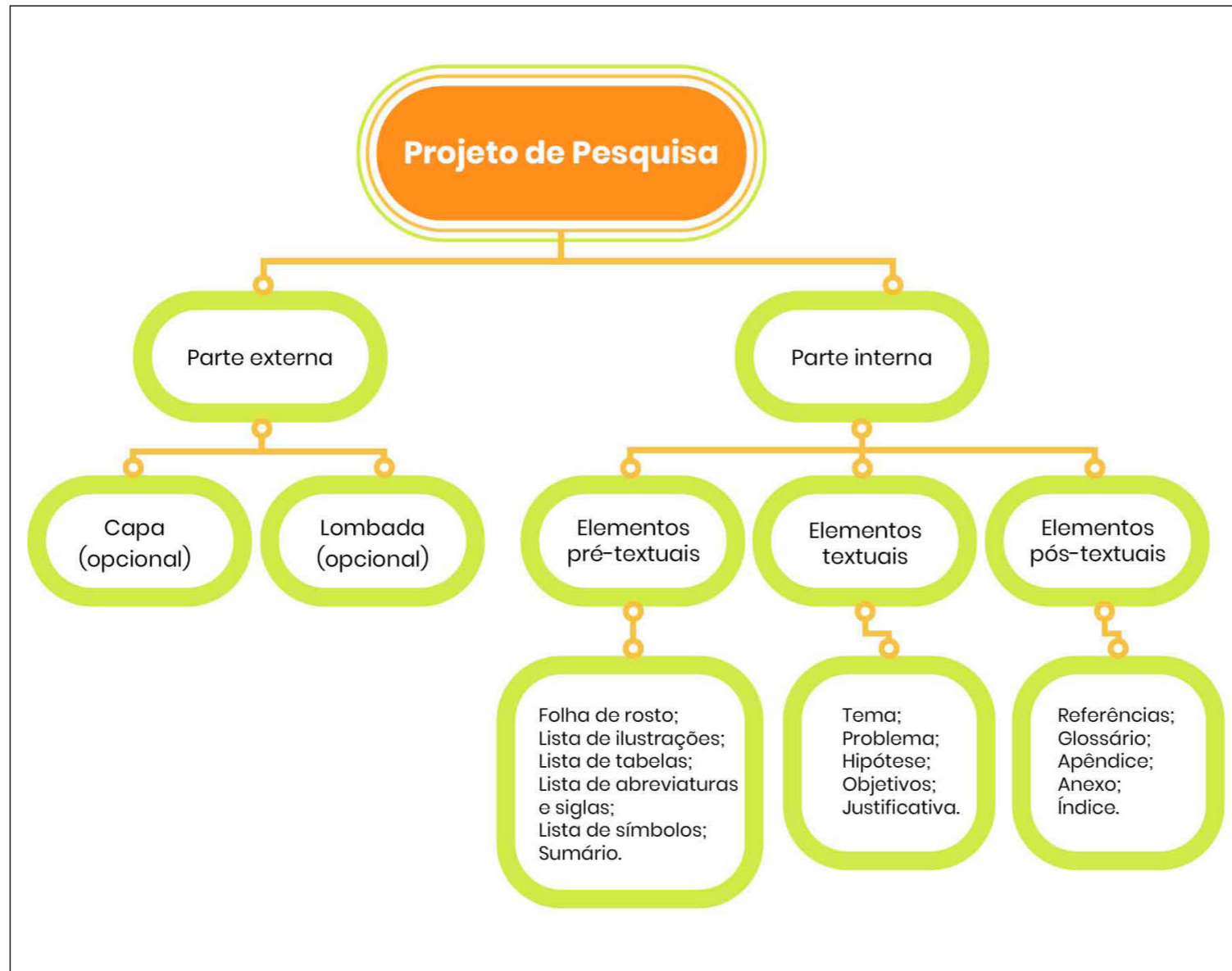
Estrutura do projeto de pesquisa



Fonte: Ilustrado por Eriwelton Paz/Proeja, 2018.

A NBR 15.287 de 2011 é a norma da ABNT que rege a elaboração de projetos de pesquisa. Para ela, a estrutura de um projeto de pesquisa compreende uma parte interna e uma parte externa, cada uma com seus elementos específicos, obrigatórios ou opcionais, conforme o organograma a seguir.

Organograma 01 – Conteúdos da Unidade IV.



Fonte: Ilustrado por Eriwelton Paz/Proeja. Adaptado de Ilane Cavalcante, 2018.

Pelo Organograma 1, você pode perceber que os elementos fundamentais do projeto se concentram em sua parte interna e, principalmente, em seus elementos textuais, posto que os demais elementos variam com a instituição a qual você vai submeter o projeto. Nesse sentido, vamos nos ater rapidamente aos elementos que, conforme a norma, devem constar em cada item, principalmente os de maior relevância.



LEMBRE-SE

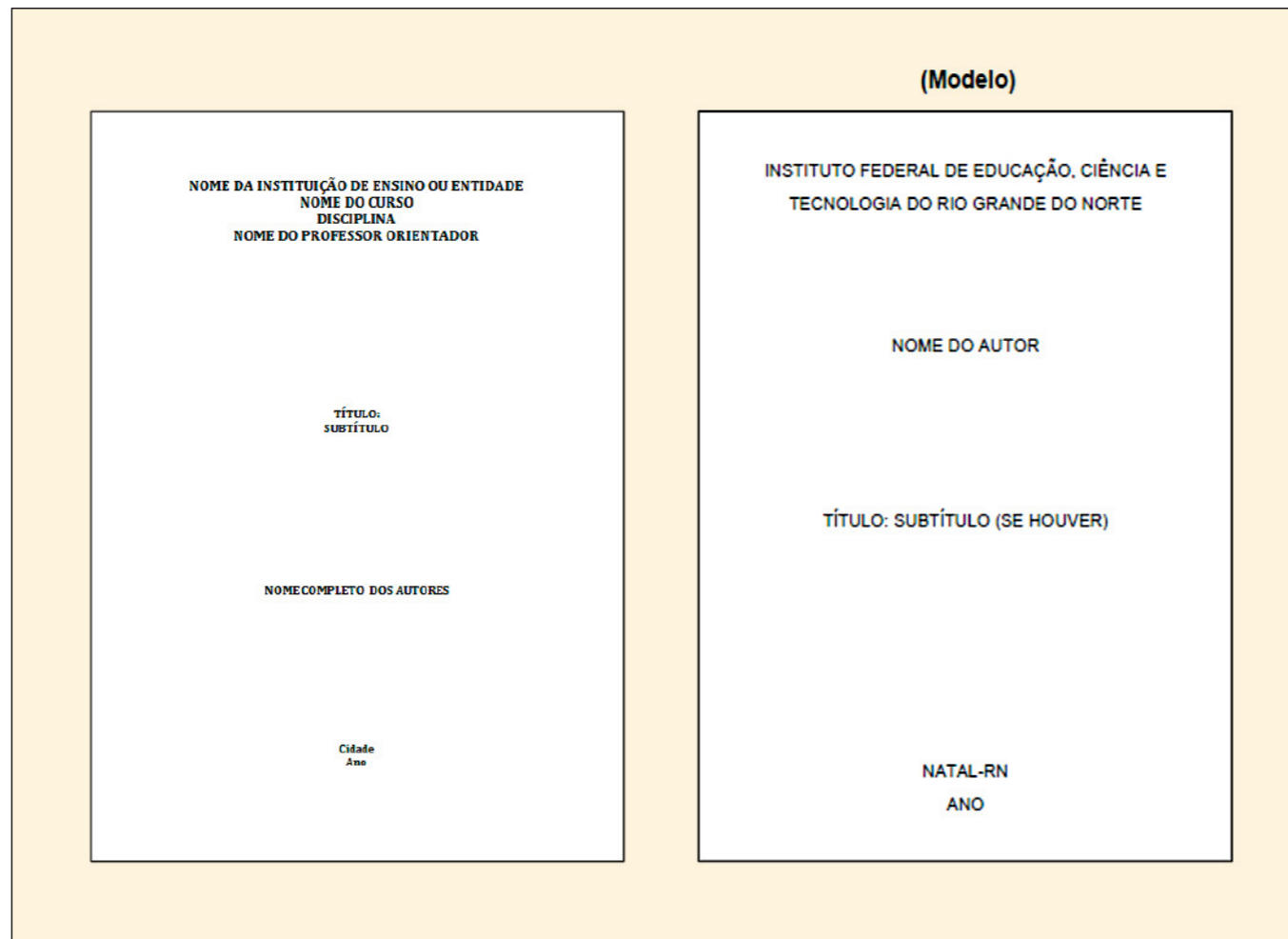
Um projeto é uma proposta de estudos, portanto, o tempo verbal predominante é o futuro. Caso você use, predominantemente, o verbo no passado, vai fazer parecer que já desenvolveu a pesquisa, o que torna o texto contraditório, pois como você pode projetar algo que já desenvolveu? Se você usa o verbo no presente, precisa dar uma ideia de futuro, ou correrá o risco de fazer parecer que já está desenvolvendo a pesquisa e não projetando. Enfim, o ideal é utilizar expressões como “este projeto pretende”, “o estudo observará”, “a pesquisa se debruçará”, entre outras.

Elementos Pré-textuais

Capa

Observe as imagens a seguir:

Figura 01 – Capa.



Fonte: trabalhos universitários, 2018.

Na capa, devem estar presentes as seguintes informações e, conforme a NBR 15287/2011, na ordem apresentada:

- » nome da instituição/entidade a que será submetido o projeto (a NBR não determina isso, mas é usual que, caso o projeto seja submetido a um programa ou curso, essas indicações estejam logo abaixo do nome da instituição);
- » nome do autor ou autores do projeto;
- » título do projeto. Se houver subtítulo, ele deve vir logo depois, precedido de dois pontos, o que indica sua submissão ao título; e
- » local (geralmente a cidade) e ano da elaboração/submissão do projeto.

Quando você souber que há uma cidade homônima a sua, indique também a sigla da Unidade da Federação.

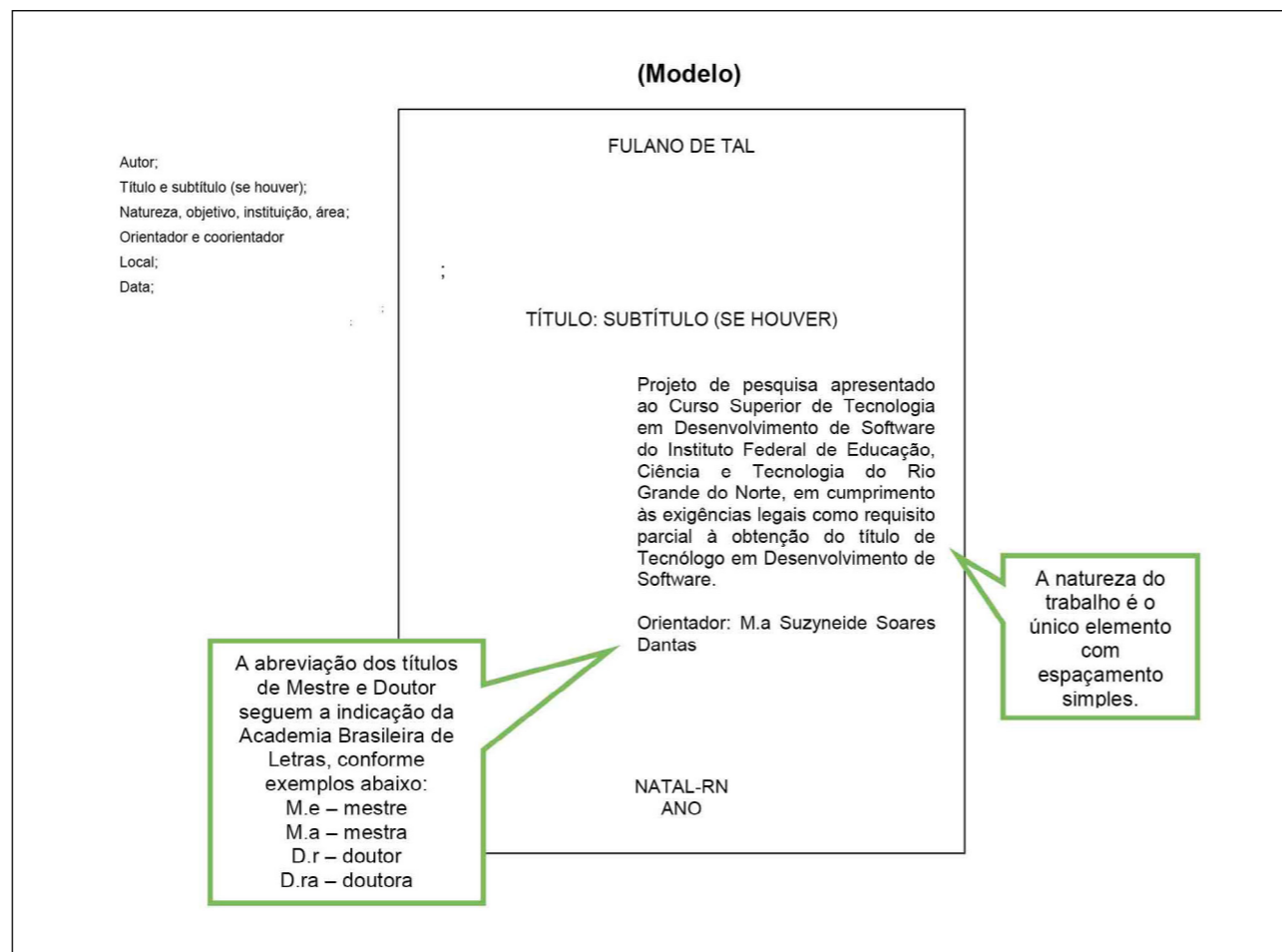
Título

O título, apesar de ser o primeiro tópico comentado, não é o primeiro elemento a ser definido. A princípio, o título do projeto pode ser o próprio tema. Somente quando o projeto está concluído, é possível elaborar um título adequado à proposta do projeto. O título pode ser direto, dizer sobre o que realmente trata a proposta, ou podem ser utilizadas expressões mais metafóricas, mas essa é uma escolha do pesquisador e depende de seu estilo, pois, como vimos, no

início desta disciplina, a escrita acadêmica e científica não pode ser subjetiva em excesso para que não prejudique a compreensão do texto. Mesmo que você faça um título metafórico, ele precisa estar ligado ao conteúdo do trabalho. Por isso, use a criatividade, mas não se desprenda do conteúdo que você quer desenvolver.

Folha de rosto

Figura 02 – Folha de rosto.



Fonte: Portal do IFRN, 2018.

A folha de rosto contém os elementos essenciais para a identificação do projeto. Nela, não é necessário inserir o nome da instituição/entidade. Conforme a NBR aqui indicada, ela deve conter os elementos a seguir, na ordem apresentada:

- » autor ou autores;
- » título e subtítulo no mesmo formato da capa;
- » apresentação do projeto: pequeno texto que vincula o projeto a uma instituição, curso, programa, disciplina e também indica o nome completo com a titulação do orientador; e
- » local (cidade) e data (ano) da submissão.

Sumário

Figura 03 – Sumário.

(Modelo)		
SUMÁRIO		
1	INTRODUÇÃO	3
2	EDUCAÇÃO ESPECIAL	5
2.1	EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO MUNDO CONTEMPORÂNEO	7
2.2	EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO RIO GRANDE DO NORTE	10
3	PRÁTICAS EDUCATIVAS PARA JOVENS E ADULTOS (EJA)	13
3.1	FORMAÇÃO DO PROFESSOR	16
3.2	DIFICULDADES DOS ALUNOS NO ENSINO-APRENDIZAGEM	19
3.2.1	Dificuldades dos alunos em sala de aula	20
3.2.1.1	A contribuição da escola	22
3.2.1.2	A interferência do educador	23
3.2.1.2.1	<i>A visão transformadora do educador</i>	25
3.2.1.2.2	<i>A participação da família</i>	28
4	CONCLUSÃO	30
	REFERÊNCIAS	34
	ANEXO A – Legislação jovens e adultos	36
	ANEXO B – Diretrizes de práticas	38

A palavra “sumário” em negrito. Tamanho 12. Espaçamento 1,5 entre linhas.

Títulos e subtítulos alinhados pelo indicativo mais extenso.

Fonte: Portal do IFRN, 2018.

O sumário é o tópico onde você apresenta toda a estrutura do seu projeto e suas respectivas páginas. Os sumários de projetos são organizados conforme a NBR 6027/2003, a qual define sumário como “Enumeração das divisões, seções e outras partes de uma publicação, na mesma ordem e grafia em que a matéria nele se sucede”. Observe que o sumário deve apresentar a mesma “grafia” dos tópicos no interior do projeto. Isso significa que a fonte utilizada no corpo do texto deve ser repetida no sumário.

Ainda conforme a NBR 6027/2003, o sumário é o último elemento pré-textual a ser apresentado. A norma indica que o título e o SUMÁRIO devem ser centralizados e utilizar a mesma fonte dos demais títulos de seção do trabalho. Nesse aspecto, a ABNT sempre exige uniformidade, ou seja, o que você utilizar no corpo do texto, deve ser repetido no sumário.

Elementos textuais

Conforme a NBR 15287/2011, os elementos textuais de um projeto devem ser constituídos por uma parte introdutória que deve conter o tema, o problema, as hipóteses (quando couber fazer uma hipótese) e a justificativa. Todos esses elementos devem estar presentes na parte introdutória, a qual pode dividir-se em um tópico para cada um desses itens, ou não, a NBR não obriga essa divisão. O que se faz, em geral, no entanto, é elaborar uma introdução, que apresente em linhas gerais a escolha do tema, indicando a vinculação do pesquisador com esse tema (se a escolha se deu a partir da experiência de trabalho, de estudo, ou algo assim) e as hipóteses (se houver). Os demais elementos, como objetivos e justificativa, apresentam-se, geralmente, divididos em tópicos: Objetivos (geral e específicos) e Justificativa.

Outros dois elementos presentes no corpo do texto são o referencial teórico, a metodologia e o cronograma. Nesse caso, cada um se constitui em um tópico sobre o qual iremos discorrer nesta seção.

Introdução

A introdução também pode ser chamada de Apresentação, ou mesmo ter nomenclaturas como “primeiras palavras”, por exemplo. Essa é uma definição que deve estar ligada ao seu estilo de escrita.

Ao pensar um projeto de pesquisa, primeiramente devem ser definidos o tema e a problemática. Veja o Exemplo 1, a seguir:



EXEMPLO 1

Digamos que você seja professor de uma escola, em turmas de EJA. Digamos que sua experiência leve você a observar um alto índice de evasão nas turmas em que você leciona, por outro lado, há uns 10% de alunos que são persistentes e tem se mantido até o final do curso. Você pode se interrogar:

» Quais os fatores que levam à evasão?

OU

» Quais os fatores que interferem na permanência desses alunos que chegam ao final do curso?

Diante dos questionamentos expostos no Exemplo 1, você precisa definir aquele que mais instiga a sua curiosidade, aquele que permitirá melhor acesso à sua pesquisa (alunos evadidos, por exemplo, podem ser de difícil acesso, se você não tiver o contato deles) e aquele que permitirá, dentro do tempo que você dispõe para realizar a pesquisa, a maior possibilidade de alcance de objetivos.

Para tanto, você terá de estabelecer o melhor foco na definição de seu objeto de estudo. Caso opte pela questão da evasão, você pode ter como tema: as razões da evasão numa turma de EJA em tal nível de ensino, ou em tal escola, por exemplo. Se optar pela permanência, um tema possível seria: aspectos que levam à permanência e êxito de estudantes de EJA na escola tal, por exemplo. Compreendeu a diferença?

Veja que várias pesquisas podem surgir a partir dessas duas questões em destaque, mas, para uma pesquisa mais curta, o ideal é desenvolver apenas uma. O tema deve ser bem delimitado para que tenha condições de ser investigado. Isso porque temas muito abrangentes tornam a pesquisa inexecutável. Vamos a outro exemplo.



EXEMPLO 2

- » **Tema 1:** o ensino de língua estrangeira para turmas de EJA no Brasil.
- » **Tema 2:** ludicidade no ensino de português em uma turma de EJA de escola pública do município de Natal.

O tema 1 parece interessante? O que ele teria de frágil? Observe que o tema não determina qual é a língua, e caso determinasse, o tema ainda estaria muito amplo, pois é em todo o Brasil, seria para todos os níveis de ensino e em todas as modalidades? Esse é um tipo de pesquisa difícil de ser realizada por apenas um ou dois pesquisadores. Pesquisas desse tipo são realizadas por institutos como o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), responsável por investigações em todo o país, e que faz um levantamento estatístico, ou seja, uma pesquisa quantitativa, cabendo a pesquisadores do país, posteriormente, analisarem os dados quantitativos e refletirem sobre a realidade apresentada por meio deles.

Veja como o tema 2 já está mais delimitado. A partir de sua leitura, você pode definir que há um objeto a ser investigado: a ludicidade no ensino de língua portuguesa. Há um local para a pesquisa: uma turma de EJA

de escola pública no município de Natal. A partir dele, seria o caso de fazer o recorte do tipo de investigação a ser feito (pesquisa de campo?) e dos sujeitos da pesquisa (professores de língua portuguesa, estudantes da turma ou ambos)

Esses são exemplos de como um tema pode ser delimitado, mas esse não é o único aspecto relevante na elaboração da introdução. Nela, você também deve incluir como chegou ao tema escolhido. Foi por meio de uma experiência profissional? Você ficou curiosa com algo que estudou e sobre o qual gostaria de saber mais e de forma mais aprofundada? Essa contextualização do tema com a sua experiência é relevante. Escrita a introdução, passe aos objetivos da pesquisa.

Objetivos

Você deverá traçar um objetivo geral e alguns específicos. O objetivo geral é o que você pretende alcançar ao terminar a pesquisa, já os específicos são aqueles que serão alcançados no decorrer de seu desenvolvimento. Como seus próprios nomes já indicam, o objetivo geral contempla o todo e os específicos dão conta das especificidades que devem ser resolvidas para se chegar à finalidade maior da pesquisa. Assim, estabelece-se uma relação: o objetivo geral está diretamente ligado ao tema; e os específicos, ao objetivo geral.

Veja a proposta de projeto apresentada no Exemplo 3, criada para esta Unidade Didática:



EXEMPLO 3

Título: A leitura literária em turmas de EJA: a formação do leitor

Tema: As leituras literárias utilizadas nos livros didáticos e o letramento literário do aluno

Problemática: Os índices referentes à leitura no Brasil são sempre muito baixos. O ato de ler não faz parte do cotidiano de muitos brasileiros. O livro didático é um instrumento de auxílio muito usado pelo professor. Nesse sentido, pode-se questionar: que textos literários estão presentes nos livros didáticos voltados para turmas de EJA? Quais são as propostas de atividades de leitura mais presentes nesses materiais didáticos? O uso desses textos literários visa à formação leitora?

Objetivo geral:

- » Analisar as propostas de leitura literária no livro didático *Português para EJA* à luz do conceito de letramento literário, visando à formação do leitor.

Objetivos específicos:

1. Investigar os aspectos teóricos ligados ao letramento literário e à formação do leitor de literatura.
2. Identificar os gêneros literários presentes nas seções de leitura do livro didático *Português para EJA*.
3. Analisar as atividades com texto literário propostas no livro *Português para EJA*, observando se elas têm o objetivo de formação do leitor de literatura.

Você pode perceber que o objetivo geral, o qual é mais amplo, visa a analisar se os textos literários, presentes no livro (fictício) *Português para EJA*, apresentam uma preocupação com o letramento literário dos estudantes e trazem propostas de atividades que visem à formação do leitor.

Os objetivos específicos, ligados ao objetivo geral, visam etapas que podem ser trabalhadas para atingir o objetivo geral: primeiro (objetivo 1), compreender como a leitura literária e a formação do leitor são apresentadas por teóricos da área. A seguir (objetivo 2), pretende-se fazer um levantamento do quantitativo e do tipo de textos literários presentes no livro didático em análise. Por fim, analisar se as atividades

que utilizam textos literários no livro em didático analisado possuem a finalidade de formar o leitor literário. Como você pode ver, os objetivos específicos funcionam como uma “escada” pela qual se chega ao objetivo geral. Note que, quando o pesquisador atingir esses objetivos específicos, chegará ao geral.

Questões de Pesquisa



Fonte: Ilustrado por Eriwelton Paz/Proeja, 2018.

Você já sabe que os projetos de pesquisa surgem de questionamentos, portanto, não é possível desenvolver um projeto que não tenha questões de pesquisa. Se fôssemos idealizar uma fórmula matemática para essa prática, ela seria mais ou menos assim:

Fluxograma 01 – Pesquisa.



Fonte: Ilustrado por Eriwelton Paz/Proeja. Adaptado de Ilane Cavalcante, 2018.

O ideal é que cada questão de pesquisa esteja ligada diretamente a um dos objetivos específicos. Vejamos exemplos de questões de pesquisa para o tema e para a problemática indicada anteriormente, no Exemplo 4.



EXEMPLO 4

- » O que é letramento literário e como ele contribui na formação do leitor de EJA?
- » Como a literatura é utilizada no livro didático *Português para EJA*?
- » As propostas de atividade com literatura no livro visam à formação do leitor ou compreendem aspectos variados do ensino de língua portuguesa?

Observe que, ao encontrar as respostas para os questionamentos, o pesquisador atingirá o os objetivos propostos. Então, ao formular seus objetivos, tenha em mente suas questões de pesquisa, ou vice-versa.

Justificativa



Fonte: Ilustrado por Eriwelton Paz/Proeja, 2018.

A justificativa traz a relevância de sua pesquisa. A relevância para a área de estudos na qual ela se insere. Para tanto, não é preciso afirmar constantemente que a sua pesquisa é importante. Lembre-se de que essa pesquisa não se justifica pelo seu encantamento por determinado tema, mas a partir de argumentos que tratem da escassez de publicações, da emergência do tema, das situações cotidianas, dentre outros aspectos.

Referencial Teórico



Fonte: Ilustrado por Eriwelton Paz/Proeja, 2018.

O referencial teórico, ou revisão de literatura, é também conhecido como estado da arte, embora sua abrangência varie de acordo com o tipo de trabalho que se pretende desenvolver. Nessa seção do projeto, o pesquisador faz um levantamento de publicações (livros teóricos ou teses, dissertações e artigos) a respeito do tema a ser trabalhado para saber o que já foi escrito sobre a temática.

Na revisão de literatura, o pesquisador expõe todos os textos pesquisados. Mas, você pode estar se perguntando: é possível saber de tudo que foi publicado sobre determinado assunto?

Na verdade, esse não é o objetivo da revisão da literatura ou do estado da arte. Não é preciso expor todas as publicações acerca da temática, até porque, em alguns casos, isso se tornaria impossível.

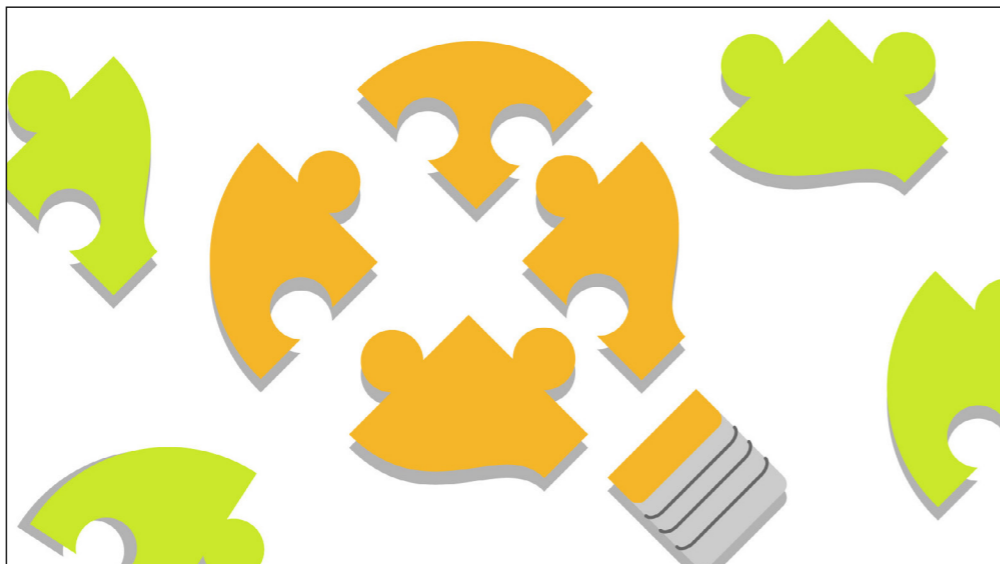
Nesse sentido, é aconselhável que o pesquisador faça um recorte de período de tempo a ser pesquisado, dos periódicos pesquisados e do tema investigado. Referente à revisão teórica, o ideal é que esse recorte se concentre em uma determinada linha de pensamento (uma linha teórica específica, evitando a contradição ao utilizar teóricos de linhas divergentes, por exemplo).

O estado da arte, por sua vez, em geral se ocupa de produções acadêmicas contextualizadas a partir de um determinado recorte, seja temporal, seja teórico, seja histórico. Em geral, também, se ocupa de produções mais recentes, diferente de uma revisão bibliográfica mais ampla, a qual pode incluir a evolução de um conceito a partir de diferentes teóricos ao longo do tempo.

O projeto, usado como exemplo nesta seção, o qual trata da leitura literária em um determinado livro didático, necessitaria, para ser realizado, de uma etapa de pesquisa bibliográfica para investigar o que os teóricos apontam como “leitura literária”, “letramento literário” e “formação do leitor”, bem como de um levantamento da produção do conhecimento acerca desses temas nos repositórios de trabalhos acadêmicos, o que se configuraria bem mais como estado da arte.

Em ambos os casos, o pesquisador precisa, para realizar sua pesquisa e elaborar seu projeto de forma apropriada, em primeiro lugar, ler o que já foi discutido sobre o assunto que deseja desenvolver. Ou seja, no referencial teórico, o pesquisador expõe, em forma de um texto coeso e coerente, as leituras que fez de artigos, livros, ou outros tipos de texto com estudos voltados acerca do tema em foco no seu projeto.

Metodologia



Fonte: Ilustrado por Eriwelton Paz/Proeja, 2018.

A palavra método tem origem no grego *methodos*; *met'hodos* e significa, literalmente, “caminho para chegar a um fim”. A partir disso, já se compreende o que deve estar presente nesta seção do projeto: os procedimentos da pesquisa.

A metodologia não se reduz, no entanto, à descrição dos procedimentos (métodos e técnicas a serem utilizados na pesquisa), indica também a escolha teórica realizada pelo pesquisador para abordar o objeto de estudo. Percebe-se, dessa forma, que método e metodologia são diferentes entre si. O método é a escolha por um caminho.

Na pesquisa, há dois grandes métodos: quantitativo (com foco em dados numéricos, estatísticos, percentuais) e qualitativo (com base em análises e em reflexões acerca dos dados coletados).

Apesar dessa diferença, método e metodologia são termos inseparáveis, pois, quando se escolhe um tema e objeto e se define um problema de investigação, ambos vão ser determinados pelo enfoque que se dá a esses elementos.

Também há os métodos para analisar os dados, os quais se dividem em dedutivo (organização do raciocínio de forma descendente, da análise geral para a particular, até a conclusão) e indutivo (em geral, a partir da observação de casos da realidade concreta, são elaboradas constatações, reflexões, análises). Existe, ainda, o método hipotético-dedutivo, que se constrói a partir de tentativas e erros, consistindo na formulação de hipóteses e tentativas de falseamento dessas hipóteses.

Esse é um método que não visa a alcançar uma verdade absoluta, pois parte da premissa de que o conhecimento absoluto não é alcançável. E, por fim, há o método dialético, que se caracteriza pelo confronto de ideias e prevê o desenvolvimento de três etapas: tese, antítese e síntese.

Trocando em miúdos, poderíamos representar os métodos da forma abaixo descrita.

Sob o viés da filosofia, os métodos podem ser percebidos à luz de seus principais teóricos também, e você pode optar por essa delimitação ao escolher um método, mas não se pretende fazer aqui uma aula inteira sobre método, posto não ser esse o papel desta disciplina.

Minayo e Minayo-Gomes (2013, p. 118) [...] nos fazem a esse respeito três considerações importantes:

- 1) Não há nenhum método melhor do que o outro, o método, “caminho do pensamento”, ou seja, o bom método será sempre aquele capaz de conduzir o investigador a alcançar as respostas para suas perguntas, ou dizendo de outra forma, a desenvolver seu objeto, explicá-lo ou compreendê-lo, dependendo de sua proposta (adequação do método ao problema de pesquisa).
- 2) Os números

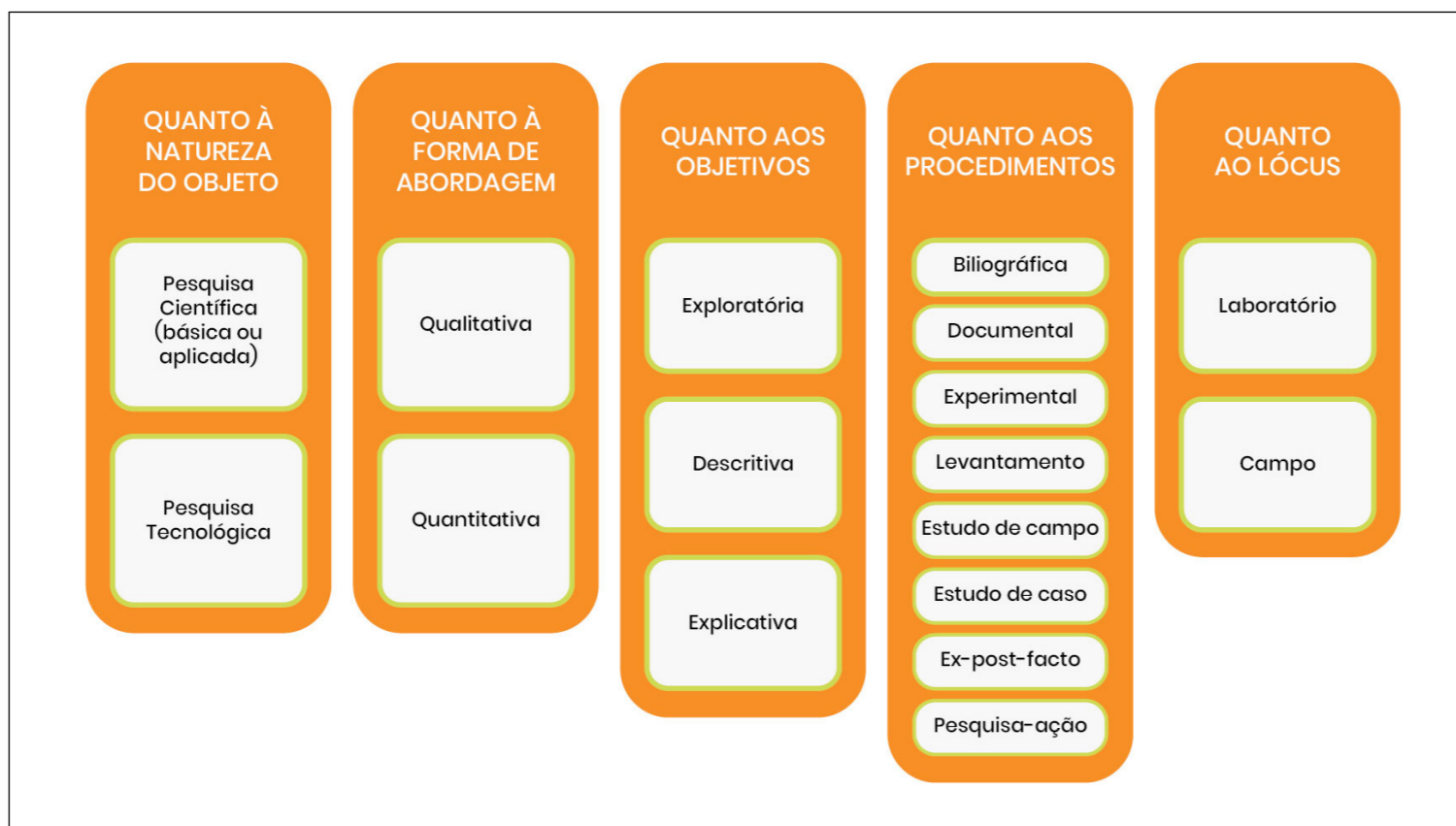
(uma das formas explicativas da realidade) são uma linguagem, assim como as categorias empíricas na abordagem qualitativa o são e cada abordagem pode ter seu espaço específico e adequado.

3) Entendendo que a questão central da cientificidade de cada uma delas é de outra ordem [...] a qualidade, tanto quantitativa quanto qualitativa depende da pertinência, relevância e uso adequado de todos os instrumentos.

O ideal é recorrer a livros de metodologia científica para compreender melhor a questão. O fato é que, definida a sua filiação a um método, é necessário descrever a metodologia a ser aplicada, indicando o passo a passo de como cada etapa da pesquisa se dará. O pesquisador informará o tipo de pesquisa, os procedimentos a serem utilizados na investigação, como os dados serão tratados.

Quanto à metodologia, um primeiro passo seria a definição do tipo de pesquisa a ser realizada. Você deve analisar que tipo de pesquisa (se mais teórica, explicativa, descritiva, aplicada, entre outros) o seu objeto de estudo e seus objetivos demandam. A escolha da pesquisa precisa se dar a partir de uma ou mais perspectivas, conforme podemos perceber no Quadro 1:

Quadro 01 – Perspectivas de definição metodológica.



Fonte: Ilustrado por Felipe Câmara/Proeja, 2018.

Cada uma das perspectivas apontadas no Quadro 1 tem suas características e possibilidades. Para mais informações, consulte materiais sobre metodologia científica. Esteja atento(a), no entanto, a expor da maneira mais detalhada possível as suas escolhas metodológicas e não se esqueça de que elas devem estar bem articuladas com seu objeto de estudo e com seus objetivos de pesquisa. Vejamos um exemplo.



EXEMPLO 5

Observe, abaixo, com base no projeto fictício apresentado no exemplo 3, uma metodologia possível.

- » Quanto ao objeto, a pesquisa seria uma pesquisa científica, de caráter aplicado, posto que faria a análise de uma dada realidade.
- » Quanto à forma de abordagem, poderia ser feita uma pesquisa mais qualitativa, posto que, apesar de indicar a recorrência de textos literários no livro analisado, focaria muito mais na análise de sua função para a formação leitora dos estudantes de EJA.
- » Quanto aos objetivos, a pesquisa poderia ser descritiva, pois se debruçaria sobre um determinado fenômeno com vistas a observar, registrar, relacionar dados.
- » Quanto aos procedimentos, o primeiro seria a pesquisa bibliográfica (revisão teórica sobre letramento e formação do leitor de EJA), a seguir poderia ser feita uma pesquisa documental, com a análise do livro (fictício) *Português para EJA*, observando a incidência e o uso dos textos literários no livro.
- » Não caberia discorrer sobre a pesquisa quanto ao lócus, mas se ela se desenvolvesse para um diálogo com professores ou estudantes de EJA de uma determinada escola, que utilizassem o livro analisado, por exemplo, poderia ser considerada uma pesquisa de campo.

É interessante observar que, apesar dos inúmeros tipos de procedimento, às vezes, é preciso cruzar mais de um tipo de pesquisa ou mais de um tipo de procedimento para atingir aos seus objetivos de pesquisa. Investigue, pesquise e observe o que vai se adequar melhor ao tipo de pesquisa que você quer realizar e, só então, escolha seu caminho metodológico.

Cronograma



Fonte: Ilustrado por Eriwelton Paz/Proeja, 2018.

O cronograma é a organização do tempo da pesquisa, ou seja, nele o pesquisador indica quanto tempo durará cada etapa da investigação, diante do tempo que ele disporá para desenvolver a referida pesquisa. Um TCC de uma especialização, por exemplo, costuma ser desenvolvido em um tempo exíguo,

2 a 4 meses, no máximo. Nesse caso, o cronograma deve levar em consideração o tempo indicado pelo curso para o desenvolvimento do TCC. O tempo que você levou para construir o projeto não é contabilizado no cronograma.

Em geral, o cronograma é elaborado em forma de tabela, conforme o Exemplo 6, a seguir, mas isso não é uma norma.

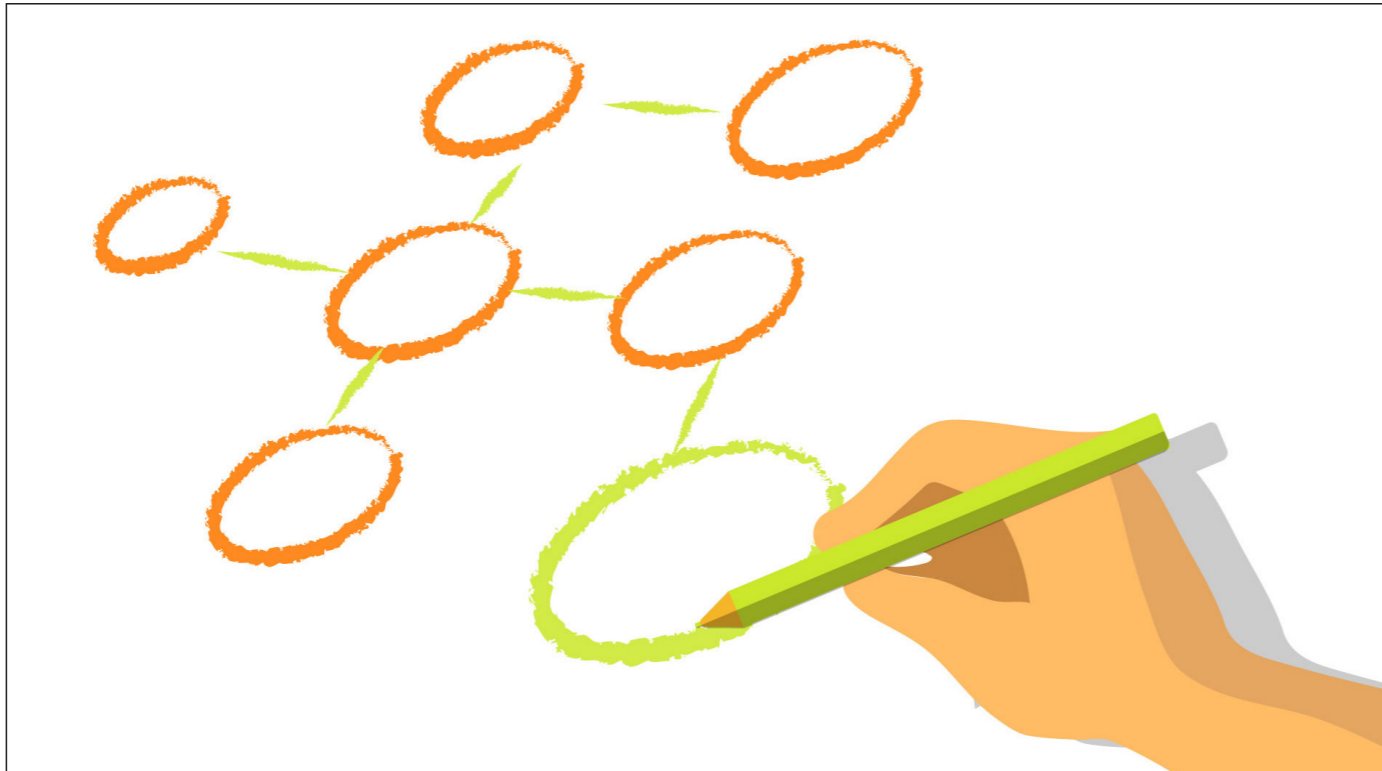


EXEMPLO 6

ATIVIDADES	PERÍODO		
	Abril	Maio	Junho
Revisão de literatura	X	X	X
Análise documental		X	X
Escrita do TCC			
Apresentação do TCC			

O cronograma é uma projeção, como o projeto em si, assim, ele pode sofrer alterações, pois a realização das etapas da pesquisa pode ser alterada.

Elementos Pós-Textuais



Fonte: Ilustrado por Eriwelton Paz/Proeja, 2018.

Referências

Nas referências, você vai expor os autores que embasarão a sua pesquisa. Como é um projeto, serão inseridos os autores com os quais está em contato. Mas, no decorrer da pesquisa, você acabará inserindo novos autores e, muitas vezes, retirando outros.

Não deixe de expor os autores que foram citados ou referenciados ao longo de seu projeto e não se esqueça de utilizar as normas da ABNT (para Referências, a NBR 6023/2018) ou as normas sugeridas pela instituição na qual você se insere ou pretende se inserir.

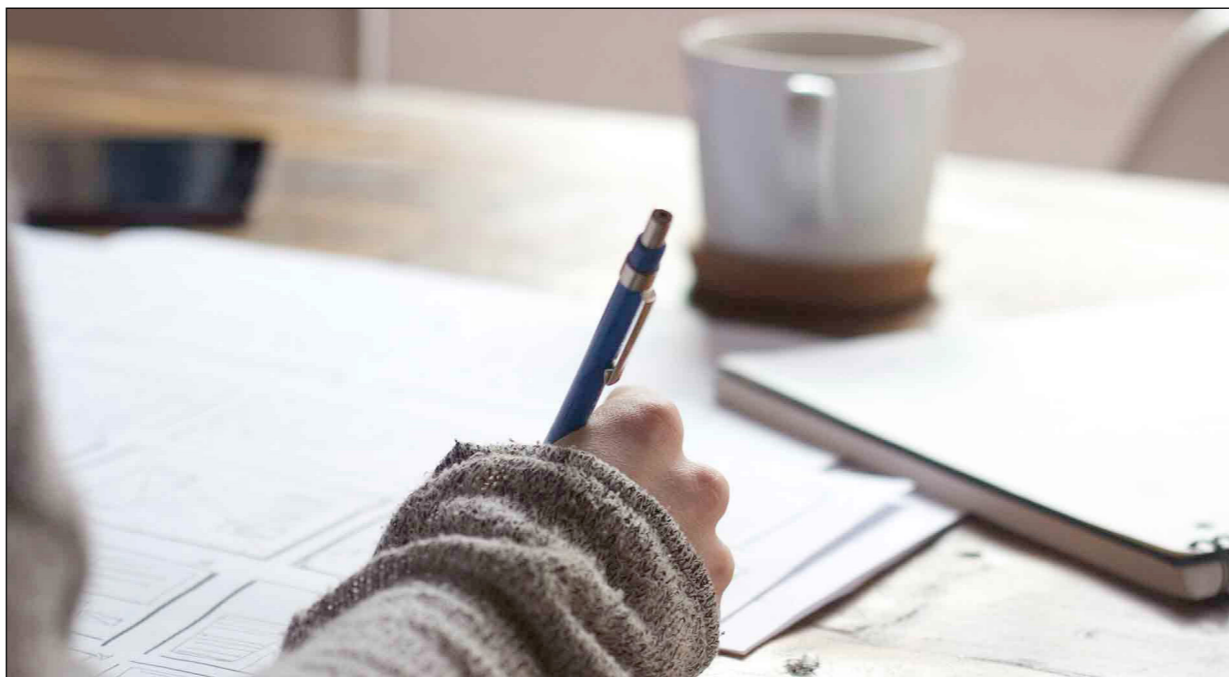


LEMBRE-SE

Para fazer uma pesquisa é necessário observar os dados, compreender bem o objeto de estudo e definir bem os objetivos para embasá-los por uma perspectiva teórica. É por esse motivo que o referencial teórico pode ser alterado no decorrer da pesquisa, pois há possibilidade de os dados estudados não poderem ser analisados à luz de determinada teoria. Da mesma forma, pode ser que você queira muito fazer uma pesquisa de campo, mas o seu objeto não comporte essa escolha. Se isso acontecer, a melhor atitude a ser tomada é mudar de objeto ou de foco.

Seção 2

Considerações sobre o ato da escrita



Fonte: Unsplash, 2018.

Questão de Estilo

Nós já discorreremos sobre os principais aspectos da linguagem técnica, acadêmica e científica na primeira Unidade Didática desta disciplina.

Agora, vamos voltar a ela, mas de uma outra forma, refletindo sobre alguns problemas que podem comprometer a qualidade de seu texto. Vamos terminar nossa disciplina, indicando o que alguns autores chamam de “defeitos de estilo”, na verdade, pequenas “muletas” utilizadas no cotidiano e que podem interferir negativamente em nossos textos acadêmicos.

O estilo do autor não se limita ao bom uso da gramática, constitui-se, muitas vezes, como um índice de autoria. Essas marcas configuram-se como escolhas do autor. Evidentemente, é importante utilizar a norma-padrão exigida nos gêneros acadêmicos, mas utilizá-las mantendo um estilo de escrita que lhe seja próprio.

Períodos longos ou breves demais

É sempre bom estar atento(a) aos períodos que você vai produzir. Eles não devem ser longos demais, pois correm o risco de se tornarem confusos para o leitor, nem devem ser tão curtos, tornando-se telegráficos, fragmentados. O ideal é pensar os parágrafos como microtextos, cada parágrafo desenvolvendo uma ideia com começo, meio e fim.

Vai discorrer sobre uma outra perspectiva? Faça um novo parágrafo! Não há fórmulas ou receitas prontas para escrever, portanto, é sempre adequado pedir a um amigo que leia o que você escreveu. Se essa pessoa sentir dificuldade em compreender o seu texto, reescreva!

Repetição de palavras

Atente ao vocabulário que você utiliza. Muitas vezes, não queremos repetir palavras e buscamos sinônimos para substituí-las, mas se essas palavras são conceitos relevantes para o nosso texto, a substituição pode ser danosa. Os sinônimos não possuem o mesmo peso, o mesmo sentido, eles apresentam nuances de sentido que podem confundir o leitor e até contradizer o que você defende ou apresenta.

Repetir demais uma mesma palavra, principalmente se ela não é um conceito, no entanto, também não é o ideal. Pode indicar um vocabulário reduzido, ou tornar o texto circular, ou seja, um texto cujas ideias não progridem. Assim, equilíbrio é fundamental!

Frases desconexas

Uma grande dificuldade de quem escreve é utilizar adequadamente os conectivos, estabelecendo relações sintático-semânticas que correspondam ao máximo possível ao que se quer dizer. Assim, cuidado ao utilizar expressões que indiquem relação: onde, quando, o qual, a qual, são conectivos que exigem uma especificidade de relação (onde é para lugar, quando é para tempo etc). Na linguagem coloquial, tendemos a utilizar esses conectivos de forma mais relaxada, mas na linguagem técnica, acadêmica e científica, esse uso precisa ser muito adequado e dentro de uma perspectiva mais formal e padrão.

Ao terminar o seu texto, sempre contrate o serviço de um qualificado profissional de Letras. Um bom revisor pode ajudar a deixar seu texto claro, preciso e objetivo.

Expressões vulgares

Os textos de natureza técnica, acadêmica e científica não permitem o uso de gírias nem de expressões populares, a não ser como objetos de estudo. Os assuntos devem sempre ser abordados com elegância, dentro

dos limites da norma-padrão. Isso se deve ao fato de que esses textos circulam na esfera acadêmica e os suportes nos quais eles circulam exigem um comprometimento com aspectos mais formais da linguagem.

Chavões ou clichês

Chavões ou clichês são expressões ou frases muito comuns, usadas no cotidiano e repetidas ao ponto de perderem um pouco a sua força semântica ou representarem o pensamento do senso comum, não comprovado cientificamente. Formas de expressão tais como: “quem está na chuva é para se molhar”, “presente de grego”, “escrevo estas mal traçadas linhas” já foram tão utilizadas, que se considera vulgar e dispensáveis em produções textuais.

Avaliação de aprendizagem

Agora que você já conhece o gênero projeto de pesquisa e seus elementos, elabore o projeto a ser realizado por você sozinho(a) ou com um(a) parceiro(a). Seu projeto deverá conter todos os elementos explicados na Unidade. É hora de pôr a mão na massa!

Síntese da Unidade

Nesta Unidade, discutimos a estrutura do projeto de pesquisa e refletimos a respeito de alguns problemas recorrentes de escrita que podem comprometer a qualidade de seu texto técnico, acadêmico e científico.

Leitura Complementar

Sugiro a leitura do texto *Escrita acadêmica: arte de assinar o que se lê*, de Fischer (2005). Nele, a autora discorre sobre a escrita acadêmica, sobre o uso de outras vozes, sobre a tarefa difícil de ler, escrever e publicar.

O texto está disponível em: FISHER, Rosa Maria Bueno.

Escrita acadêmica: arte de assinar o que se lê. In. BUJES, Maria Isabel Edelweiss; COSTA, Marisa Vorraber (orgs). **Caminhos investigativos III**. Risos e possibilidades de pesquisa nas fronteiras. Rio de Janeiro: DD&A, 2005.

Referências

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **Conheça a ABNT.**

Disponível em: <http://www.abnt.org.br/abnt/conheca-a-abnt>. Acesso em: 10 set. 2008.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6027:**

informação e documentação: referências: elaboração. Rio de Janeiro, 2018a.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6023:**

informação e documentação: referências: elaboração. Rio de Janeiro, 2018b.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 15287.**

Elementos do projeto de pesquisa. Rio de Janeiro, 2011a. Disponível em: https://www.sitedoescriptor.com.br/sitedoescriptor_professor_virtual_perguntas_00224_1.pdf. Acesso em: 15 jun. 2018.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 14724:**

informação e documentação: trabalhos acadêmicos: apresentação. Rio de Janeiro, 2011b.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6028:** informação e documentação: resumo: apresentação. 2003. Disponível em: http://unicentroagronomia.com/destino_arquivo/norma_6028_resumo.pdf. Acesso em: 14 maio 2018.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 10520:** informação e documentação: citações em documentos: apresentação. Rio de Janeiro, 2002.

BUCHALLA, Cassia Maria. Resenha acadêmica descritiva. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 15, n. 2, jun. 2012. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-790X2012000200021. Acesso em: 12 jun. 2018.

CARLOS, Nara Lidiane Silva Dias; CAVALCANTE, Ilane Ferreira; NETA, Olívia Moraes de Medeiros. O ensino de 2º grau no Rio Grande do Norte entre as décadas de 1970 e 1990 = *second degree teaching in Rio Grande do Norte during the decades of 1970 and 1990 = la enseñanza de 2º grado en el Rio Grande do Norte entre las décadas de 1970 y 1990*. **Revista Práxis Educacional**, Vitória da Conquista, v. 14, n. 27, p. 189-211, jan./mar. 2018. Disponível em: <http://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/2924>. Acesso em: 12 jun. 2018.

CAVALCANTE, Ilane Ferreira. Sob o signo da serpente: a narrativa em viagem do Guesa Sousândrade = *Under the signo of the serpente: the traveling of the Guesa Sousandrade*. **Mneme**, [Natal], v. 12, n. 29, p. 657-661, 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/mneme/article/view/1042>. Acesso em: 12 jun. 2018.

CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino. **Metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Prentice Hall, 2002.

ECO, Umberto. **Como se faz uma tese**. 30. ed. São Paulo: Perspectiva, 1993.

FISHER, Rosa Maria Bueno. Escrita acadêmica: arte de assinar o que se lê. *In*. BUJES, Maria Isabel Edelweiss; COSTA, Marisa Vorraber (orgs). **Caminhos investigativos III**. Risos e possibilidades de pesquisa nas fronteiras. Rio de Janeiro: DD&A, 2005.

GARCEZ, Lucília Helena do Carmo. **Técnica de redação**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

GONÇALVES, Hortência de Abreu. **Manual de resumos e comunicações científicas**. São Paulo: Avercamp, 2005.

GOUVEIA, Luís Manuel Borges. **A redação de documentos científicos**: dicas para a escrita de textos de relatórios e monografias. 1997. Disponível em: http://homepage.ufp.pt/lmbg/textos/rddoc_id.htm. Acesso em: 16 out. 2006.

MACHADO, Anna Rachel (coord.); LOUSADA, Eliane; ABREU-TARDELLI, Lília Santos. **Planejar gêneros acadêmicos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

MACHADO, Anna Raquel; LOUSADA, Eliane; ABREU-TARDELLI, Lília Santos. **Resumo**. São Paulo: Parábola editorial, 2004.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do trabalho científico**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2001.

MARTINS, Camilla Brandel; PARDO, Thiago Alexandre Salgueiro; ESPINA, Alice Pincon; RINO, Lúcia Helena Machado. **Introdução à sumarização automática**. [2001]. Disponível em: <https://sites.icmc.usp.br/taspardo/RTDCoo201-CMartinsEtAl.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2018.

MEIRELES, Cecília. **Ou isto ou aquilo**. Disponível em: <http://www.jornaldepoesia.jor.br/ceci28.html>. Acesso em: 17 jun. 2018.

MINAYO, Maria Célia Souza; MINAYO-GOMEZ, Carlos. Dífceis e possíveis relações entre métodos quantitativos e qualitativos nos estudos de problemas de saúde. *In*: GOLDENBERG, Priscila; MARSIGLIA, Regina Maria Giffoni; GOMES, Márcio Henrique Avelar (orgs.). **O clássico e o novo: tendências, objetos e abordagens em ciências sociais e saúde**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2003, p. 117-142.

OLIVEIRA, Maria Izete. Resenha temática: polêmicas da educação infantil. **Periódico do Mestrado em Educação da UCDB**, Campo Grande, n.17, p. 179, jan./jun. 2004.

PALHANO, João Maria de Paiva. **Leitura e produção de textos na esfera acadêmica: considerações iniciais**. Natal: IFRN, 2010.

PINHEIRO, José Maurício Santos. **Cuidados na elaboração de uma redação científica**. 2005. Disponível em: http://projetoderedes.com.br/artigos/artigo_cuidados_elaboracao_redacao_cientifica.php. Acesso em: 16 out. 2006.

PRATA, Mário. Uma tese é uma tese. **Mário Prata site oficial**. São Paulo, 1998. Disponível em: <https://marioprata.net/cronicas/uma-tese-e-uma-tese/>. Acesso em: 03 jun. 2018.

RINCK, Fanny; BOCH, Françoise; ASSIS, Juliana Alves (orgs.).

Letramento e formação universitária: formar para a escrita e pela escrita. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2015.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico.** 22. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

VENTURA, Francisca Carneiro; CAVALCANTE, Ilane Ferreira. PROEJA e inclusão escolar no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte: um estudo de caso. **Cadernos Temáticos:** comunidade, [Brasília], n. 23, p. 116-124, 2010.